

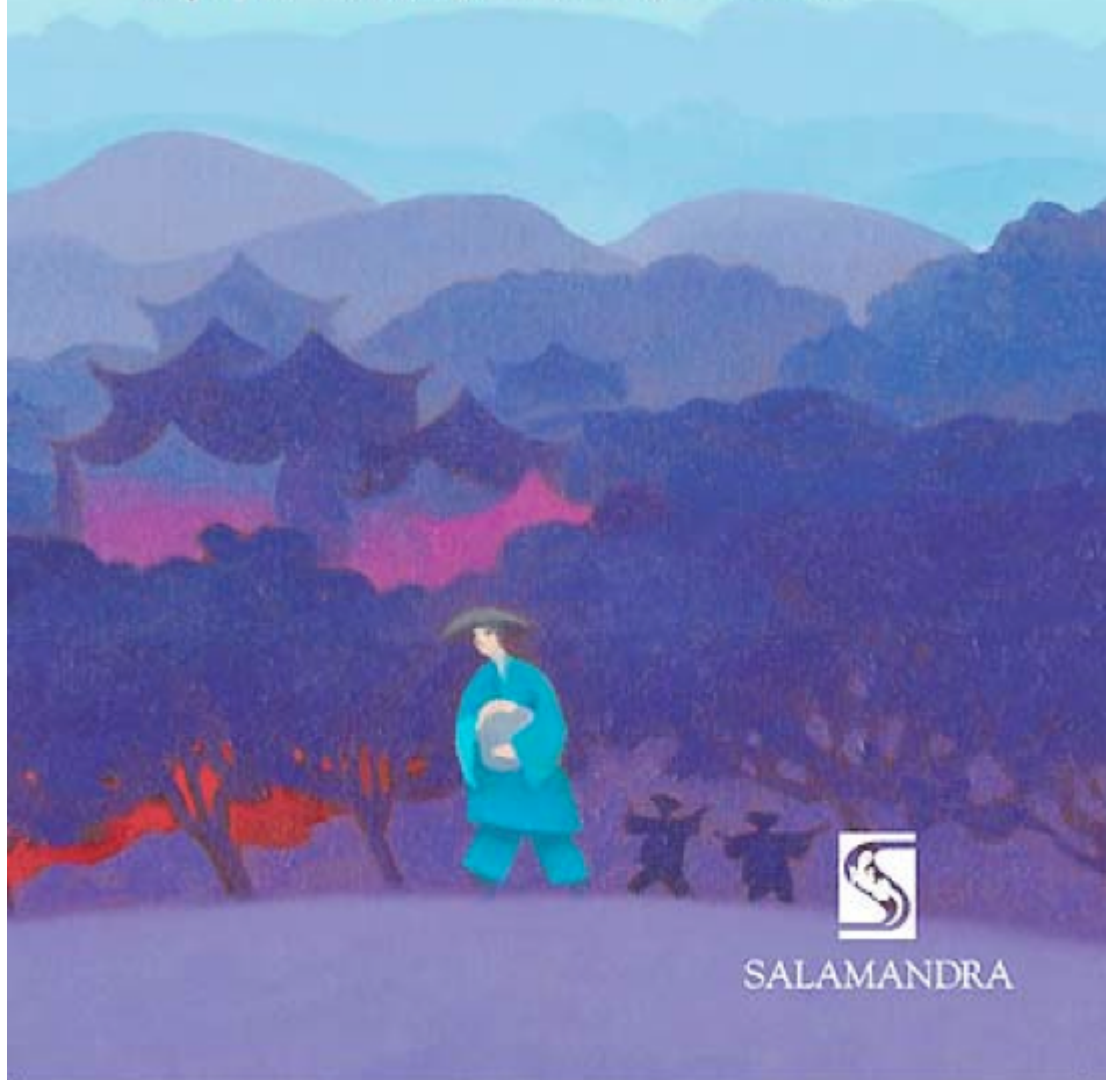
KATHERINE PATERSON

Tradução de Ana Maria Machado



PRÊMIO
ASTRID LINDGREN
2006

O mestre das marionetes



SALAMANDRA

Katherine Paterson

O mestre das marionetes



SALAMANDRA

Este livro é para meu filho John,

que em parte é Jiro, em parte é Kinshi,

mas principalmente é ele mesmo.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

AGRADECIMENTOS

Muita gente me ajudou neste livro. É impossível citar todos os nomes, mas gostaria de dizer um “muito obrigada” especial às seguintes pessoas:

Ao senhor Takami Ikoma, do Bunraku Kyokai e ao professor Takao Yoshinaga, que fizeram a gentileza de ler os originais, muito embora eu seja a única responsável por qualquer erro ou inexatidão que tenha ficado. O dia que passamos com o professor Yoshinaga, entre seus bonecos e seus textos preciosos, comendo o delicioso *sukiyaki* que a senhora Yoshinaga preparou com tanta boa vontade, foi uma experiência que minha filha Lin e eu lembraremos para sempre.

À senhora Fusako Fujii e ao professor Minoru Fujita, que me ajudaram enormemente, inclusive me apresentando ao senhor Itcho Kiritake, manipulador esquerdo da Companhia de Bunraku do Teatro Asahiza. E, evidentemente, ao próprio senhor Kiritake, que compartilhou comigo tanta coisa de sua vida de titeriteiro moderno.

Ao senhor Thaddeus Ohta, da seção japonesa da Biblioteca do Congresso norte-americano, por toda a pesquisa que me ajudou a

descobrir alguns obscuros detalhes e como era a vida na época Tokugawa. E, mais uma vez, também neste caso qualquer erro que tiver ficado é meu.

A meu marido John, meus filhos John e David, e minha filha Mary, que ficaram em casa enquanto Lin e eu fomos passar três semanas de outono no Japão.

A Virginia Buckley, que nos ajudou a ir ao Japão e continua a me dar apoio como escritora.

A Elizabeth Braman, que digita palavras japonesas de quatro sílabas sem reclamar.

Aos membros das companhias de Bunraku de Osaka e Awaji, que continuam alimentando com suas próprias vidas a antiga arte do teatro de bonecos.

Neste livro eu mal dei conta do complexo refinamento artístico dessa forma de teatro. Para uma boa introdução aos títeres, marionetes e bonecos japoneses, recomendo o livro *Bunraku: The Art of the Japanese Puppet Theatre*, de Donald Keene, editado pela Kodansha International, distribuído nos Estados Unidos pela Harper and Row e no Canadá pela Fitzhenry e Whiteside Limited.

Os bonequeiros atuam como a sombra do boneco e, ao manipulá-lo, transformam-se em suas vítimas.

MIYAKE SHUTARO

Filho de Hanji

Jiro sacudiu o cabelo que caía sobre os olhos e tornou a se curvar sobre a mesa de trabalho. Mergulhou o pincel na cola e começou a aplicá-la na parte de dentro da cabeça do boneco que estava aberta em duas metades à sua frente. Passou a língua nos lábios. Tinha que ter cuidado. Da última vez, não pusera cola o bastante e a cabeça tinha se aberto antes de ser entregue a Yoshida no teatro. O truque era conseguir pôr a quantidade exata, nem uma pincelada a mais nem a menos.

Suspirou e devolveu o pincel ao pote de cola. Suas mãos grandes — grandes demais para seu corpo magrelo de treze anos — tremiam tanto que ele ficou com medo de que uma gota de cola caísse nos cordões e estragasse o mecanismo que fazia os olhos e as sobancelhas do boneco mexer. O pai tinha levado mais de duas semanas para aperfeiçoar aquela engrenagem. Com a mão esquerda, Jiro segurou firme a mão direita, e obrigou-a a parar de

tremer. Sabia que algo o perturbava: era o cheiro forte de peixe que vinha da cola. Se ao menos não estivesse com tanta fome... O que aconteceria se comesse um pouco de cola? Será que tudo lá dentro de sua barriga ia colar e ficar grudado, como as duas partes de uma cabeça de boneco?

Como estava sendo idiota! Se terminasse a cabeça direitinho, o pai poderia pintá-la, e o boneco seria montado e vendido a Yoshida. Lá pelo fim da semana, teriam algum dinheiro para comprar comida, e ele poderia parar de ficar imaginando o que um pouco de cola ia fazer em sua barriga.

Pegou o pincel e começou, com todo o cuidado que sua mão trêmula permitia, a aplicar cola ao outro lado da cabeça.

— Você botou cola demais.

Jiro deu um salto, quando ouviu a voz do pai. Hanji, o fabricante de bonecos, estava ajoelhado bem atrás dele. O menino apanhou um retalho de pano e ia usá-lo para tirar o excesso de cola, quando Hanji o deteve.

— Não, não. Não use isso. Pode ser que dê para sua mãe aproveitar para um figurino.

— Então o que é que posso usar?

A voz de Jiro saiu aguda, mas ele não pretendia gritar. O pai detestava quando alguém perdia o controle.

— Dá licença — Hanji tirou o pincel do pote de cola e empurrou o menino. — Afaste-se. Eu faço isso.

Delicadamente, limpou o pincel na borda do pote.

— O segredo é deixar no pincel só mesmo a quantidade certa de cola. Está vendo? Nem a mais nem a menos.

“Eu sei, eu sei”, resmungava para si mesmo o infeliz do menino. “Conheço todos os segredos, sei de todos os truques. Só que não consigo fazer nada com você atrás de mim, me espiando”.

— Está com fome? — perguntou o pai, em voz baixa.

— Não... tudo bem...

— É muito difícil sentir fome na sua idade. Quando vendermos o boneco, vamos ter alguma coisa melhor para comer... arroz, talvez.

Arroz. Só de pensar em arroz Jiro já se sentia mais leve. Pensava no cheirinho do arroz fervendo no fogão a lenha.

— Sua mãe voltou. Vá ver se ela precisa de ajuda.

Jiro se levantou, relutante.

— Não posso ajudar aqui?

— Não, agora não. Já estou quase acabando.

Hanji pousou o pincel e, sem tocar em nada do mecanismo, juntou as duas metades da cabeça do boneco, prendendo-as com uma pinça de madeira.

— Pode ir. Eu limpo as coisas.

Jiro passou pela meia-cortina que separava a loja dos fundos da casa. A porta de trás estava ligeiramente aberta, de modo que dava para ele ver Isako de cócoras, soprando o carvão do braseiro.

— Quer que eu faça isso para você, mãe? — perguntou, lambendo os lábios, o de cima da esquerda para a direita, o de baixo da direita para a esquerda.

— O quê? Ah, não. Já está quase aceso... — ela levantou os olhos para ele. — Por que você não está ajudando seu pai?

— Ele me mandou ajudar você.

— O que foi que você fez de errado desta vez? Jiro ficou vermelho.

— Nada.

— Nada, é?

Ela voltou a soprar.

— Quer que eu vá buscar água para você?

— O quê?! — disse ela, olhando para cima de novo, com o rosto tenso de irritação. — Você sabe muito bem que eu não posso conversar e acender o fogo ao mesmo tempo. Isso, vá mesmo buscar um pouco d'água. Vá buscar qualquer coisa... mas saia da minha frente e não me atrapalhe.

Jiro equilibrou a vara de bambu sobre os ombros e pendurou um balde de madeira de cada lado.

— Não tente enchê-los demais.

— Pode deixar.

— E não fique por aí, zanzando à toa. Não é seguro. E pare de ficar lambendo os beiços; está parecendo um gato vira-lata.

Era bom sair de casa. Embora a tarde já estivesse no fim,

O sol ainda estava alto no céu de verão. Havia cada vez menos gente pelas ruas ultimamente. Os pobres viviam com fome demais para desperdiçar energia andando à toa, e os comerciantes que possuíam alguma coisa temiam sair de casa para não ser roubados pelos samurais 1renegados, os *ronin*, que tinham esquecido seu código de honra, mas não esqueciam como usar suas espadas longas e curvas.

A mãe muitas vezes se queixava daquela situação. “Vejam a que ponto chegamos. Quando é que isso tudo vai acabar?”

Mas Jiro não conseguia se lembrar de um tempo em que as coisas tivessem sido melhores.

Tinha nascido — e Isako nunca deixava que ele se esquecesse disso — no ano das pestes. E por que logo ele, uma criança que não fora desejada, tinha sobrevivido, enquanto o irmão mais velho e duas irmãs tinham morrido? Às vezes, ele achava que a mãe não o perdoava — como se ele tivesse sugado a vida dos outros ao lutar pela sua.

Agora — isso já tinha começado há uns cinco anos — era essa fome geral. O xogum ²jogava a culpa no daimio³, o daimio jogava a culpa nos comerciantes de arroz, os comerciantes de arroz jogavam a culpa nos proprietários de terra, os proprietários de terra jogavam a culpa nos camponeses e os camponeses, enquanto iam morrendo, culpavam os deuses.

A família de Jiro até que tinha mais sorte do que a maioria. O pai tinha um ofício e era muito habilidoso. Hanji fabricava bonecos, títeres que os titeriteiros ⁴compravam porque ainda havia comerciantes que gastavam parte de sua imensa riqueza no teatro. Por isso, ao mesmo tempo que Jiro podia bufar e xingar os comerciantes que continuavam a engordar feito abutres, à custa de corpos famintos de outros homens, sabia que, se não fosse por eles, ele mesmo estaria reduzido a mais um corpo faminto.

— Por favor, me dê alguma coisa — implorou uma velha, que se aproximou dele saindo de um beco.

— Não tenho nada, avozinha, desculpe.

O rosto velho se contorceu num rosnado ameaçador. Jiro saiu correndo. Sua mãe tinha toda razão. As ruas não tinham segurança. Descendo os poucos degraus de pedra, mergulhou rapidamente os baldes no rio e voltou para casa por outro caminho.

— É chá de raízes de novo — disse Isako, seca.

— Tem muitas qualidades medicinais, pelo que ouvi dizer — respondeu Hanji.

Parecia que eram obrigados a repetir esse mesmo diálogo toda vez que se sentavam à mesa.

— Se vocês dois terminassem aquele boneco idiota, eu podia conseguir alguma coisa melhor — reclamou Isako.

— É isso mesmo... Só mais alguns dias. A roupa dele já está pronta?

— Você sabe que está. Desde a semana passada.

— O menino e eu não conseguimos acompanhar você, mulher. Onde é que vai buscar tanta energia?

Jiro deu um risinho.

— Quer fazer o favor de mandar esse menino parar de rir, Hanji? Não tem graça nenhuma. E pare de ficar batucando na mesa. Você vai me deixar maluca.

Jiro começou a coçar, com a mão esquerda, as juntas dos dedos que tinham causado tanta ofensa. Nem mesmo tinha reparado que estava novamente batucando na mesa.

— Não perturbe sua mãe, garoto — disse Hanji, tomando a última gota do chá e, voltando-se para Jiro, continuou: — Tenho uns últimos trocadinhos que dão exatamente para um banho. Vamos?

O menino levantou-se, de um pulo.

— Onde foi que você arrumou esse dinheiro? — perguntou Isako.

— Eu tinha guardado. É pouquinho, só umas moedinhas de cobre. Não dá para comprar comida, mas um banho quente vai distrair nossas idéias por algum tempo, e fazer a gente parar de pensar só na barriga. Você quer vir?

— Não. Vou esperar até que a gente possa se dar a esse luxo — respondeu ela, começando a tirar as vasilhas da mesinha baixa.

No banho público, Hanji pagou com as moedas ao atendente, que deu a cada um deles um cestinho onde podiam guardar suas coisas. Jiro num instante tirou a roupa e a jogou no cesto. O pai foi tirando cada peça lentamente, dobrando com cuidado — calça, túnica, faixa, tanga — e arrumando uma em cima da outra. Jiro mal conseguia conter a impaciência.

— Tudo bem, rapaz. Pode ir entrando...

Jiro quase jogou seu cesto numa prateleira e foi depressa para dentro do salão cheio de vapor, levando sua tigelinha de madeira, com uma pedra-pomes e uma toalha. Mergulhou o caneco na imensa banheira e tirou um pouco de água quente, que despejou sobre o corpo nu. Que sensação maravilhosa! Pegou mais água e começou a se lavar com a toalha. O pai logo chegou e os dois esfregavam as costas um do outro com as pedras, rindo da sujeira que tinham acumulado.

— Pssiu! — disse Hanji. — Fale baixo, senão eles podem querer nos cobrar mais pelo banho.

Jiro riu ainda mais, e jogou outro caneco de água nas costas do pai, para enxaguar e tirar o final da sujeira. Depois, os dois entraram na banheirona de madeira e sentaram, com água até o pescoço.

— Ah, que gostoso, quentinho! — exclamou Hanji, contente.

— Hanji, é você? — disse uma voz, que eles logo reconheceram como a de um vizinho, e vinha do meio do vapor.

— Eu mesmo. É você, Sano?

E os dois homens começaram uma conversa mole, num papo típico de casa de banhos públicos, comentando as fraquezas de amigos e vizinhos, ou os fatos da atualidade, desde que não incluíssem nenhuma crítica ao governo. Provavelmente, havia mais espiões por ali do que pedras numa estrada.

Sano olhou em volta com cuidado. O aposento estava iluminado por umas poucas lamparinas a óleo, e com o vapor não se conseguia enxergar mais longe do que alguns palmos.

Aproximou-se do fabricante de bonecos e de seu filho.

— Já ouviram contar a última de Saburo? — sussurrou.

— Não, qual é? — Jiro ficou todo animado, ouvindo o som daquele nome mágico.

— Psssiu... — avisou o pai.

Sano olhou em volta outra vez antes de continuar.

— Parece que hoje de manhã, bem cedo, estava passando um cortejo fúnebre diante da porta de Furukawa, o comerciante de arroz.

Jiro chegou para a frente. Não queria perder uma só palavra.

— Furukawa, aquele filho de um baiacu, estava lá, parado no portão, se abanando. De repente, a viuvinha linda desmaia, bem por cima daquele corpanzil inchado dele. Um velho, que fazia parte do cortejo, implora ao mercador que os deixe entrar em seu escritório até que a pobre moça recupere os sentidos. Duas horas depois, um dos homens de Furukawa ouve uns ruídos estranhos, entra, e descobre o patrão amarrado e amordaçado com sua própria faixa.

— E o enterro? — perguntou Jiro bem baixinho, apesar da empolgação.

Sano fez um gesto com a cabeça.

— O pessoal encheu o caixão de arroz e seguiu seu caminho, deixando o comerciante amarrado e amordaçado, cuspiendo veneno como se fosse mesmo um baiacu de verdade.

— Saburo!

Sano assentiu de novo.

— Só pode ter sido. Ninguém mais ia ter uma idéia dessas. Hanji sorriu.

— Bom, pelo menos esta noite algumas barrigas vão estar quentinhas.

Levantou-se.

Jiro também se levantou, relutante. Queria pressionar Sano para saber mais detalhes, ou até mesmo para tornar a ouvir, uma vez mais, as proezas anteriores do legendário Saburo, mas apenas se despediu e foi atrás do pai para o vestiário.

Lá fora, seus tamancos de madeira batiam *clapt-clapt* nas pedras do calçamento.

Jiro estava se sentindo bem, aquecido e sonolento por causa do banho. Enquanto caminhava, sonhava com o bandido maravilhoso.

— Como será que ele é? Será que algum dia a gente vai conhecer a cara dele?

— Saburo? Tomara que você nunca saiba. Enquanto todo mundo só souber de seus milhares de disfarces, as autoridades jamais vão conseguir pegá-lo.

— É verdade que ele divide com os pobres tudo o que rouba?

— É o que dizem.

— Mas então ele não é mesmo mau, não é? Mesmo sendo ladrão...

— É sempre mau ser ladrão, não importa que nome se tenha, seja Furukawa, o mercador de arroz, seja Saburo, o marginal. Mas enquanto o governo não se dispuser a castigar o mercador, podemos muito bem torcer para que não consiga apanhar o marginal.

Jiro se virou instintivamente para ter certeza de que ninguém tinha ouvido. Às vezes o pai não era tão cuidadoso como devia.

•2•

O banquete

Hanji colocou o boneco pronto numa grande caixa de madeira. Do alto de sua peruca negra de guerreiro até os pés protegidos por perneiras, bem esticado, o boneco media um metro e quarenta — quase do tamanho do próprio Jiro. Ao lado, estava a roupa, bem passada e dobrada: Yoshida gostava de vestir suas marionetes pessoalmente. O pescoço se apoiava numa tábua acolchoada, que servia de ombros, e a armadura que se estendia para baixo, a partir do pescoço, tinha sido introduzida no buraco que havia nesta tábua. Sobre a armadura ficavam as alavancas que, ao ser apertadas, moviam os olhos ou erguiam as sobancelhas cabeludas. A boca do guerreiro havia sido talhada e pintada, muito embora algumas das marionetes que Hanji fazia pudessem de vez em quando ter uma boca móvel. Os braços eram presos por fios às extremidades da tábua dos ombros. O braço direito, que iria descansar na mão direita do manipulador principal, tinha uma alavanca no punho, mas o esquerdo tinha uma vareta de manipulação de uns trinta centímetros presa ao cotovelo, e era nesse ponto que fora colocada a alavanca que moveria os dedos, pois o manipulador esquerdo não podia ficar tão próximo à marionete como o manipulador principal.

O papelão que serviria de peito e de costas do boneco estava preso à tábua dos ombros, e na parte de baixo desse papelão estava amarrado um aro de bambu que, por baixo das roupas, faria os quadris da marionete. Ao lado desse aro ficava um bastão de bambu, fixo, que Yoshida ou outro manipulador principal podia usar

para levantar o boneco quando quisesse. As pernas estavam penduradas na tábua dos ombros. Parecia um estranho esqueleto ali deitado, franzindo a cara para Jiro, mas o bom mesmo era que estava pronto, e isso significava comida por algumas semanas. Por isso, Jiro deu um sorriso para aquela cara zangada.

Delicadamente, Hanji cobriu a caixa de madeira com um pano grande.

— Vamos?

— Posso ir junto?

O pai não costumava levá-lo nessas incursões ao Hanaza. Eram assuntos de trabalho, e não hora de brincadeira de criança.

— Não deixe esse menino ir! Ele ainda não varreu a cozinha nem foi buscar água para o jantar — gritou Isako, lá da saleta dos fundos.

— Ele pode fazer isso tudo na volta. Não vamos demorar.

— Ele vai esquecer.

— Não vou, não.

Jiro seguiu o pai até a porta da frente, onde desceram e enfiaram os pés nos tamancos.

— Num instante estamos de volta! — gritou Hanji.

— Não demorem — resmungou Isako.

Levaram uns quinze minutos para chegar até Dotombori, a rua das diversões, onde se localizava o Hanaza, o teatro de Yoshida. Para o menino, era uma rua de maravilhas. Ao contrário das outras da cidade, estava sempre cheia de atividade. Mulheres com trajés alegres e caras pintadas desfilavam pela rua em tamancos altos, dando risinhos e conversando por trás dos leques. Havia jograis e magos oferecendo seus truques para pequenos ajuntamentos de espectadores, e pedindo moedas ao público — mas conseguindo muito pouco. Havia muitos mendigos na Dotombori. Jiro reparou em uma mulher com o bebê atado às costas. A cabecinha dele estava coberta de machucados e, embora ele chorasse de dar pena e a mãe agarrasse as roupas dos passantes, ninguém lhe dava a menor atenção. Havia gente demais com fome para que se desse atenção a alguém em especial.

— Chegamos.

Hanji parou diante do Hanaza. A porta só tinha meio metro de altura e poucos centímetros de largura. Yoshida não queria que ninguém entrasse sem pagar. Hanji chamou.

— Tem alguém aí?! É Hanji, o fabricante de bonecos. Uma cabeça, que Jiro achou ter reconhecido como sendo a de Mochida, um dos manipuladores esquerdos, espiou pela abertura estreita.

— Hanji. É ele mesmo — a cabeça voltou lá para dentro. — Entre. O mestre não agüenta mais de impaciência, está louco para receber o novo boneco.

Hanji passou a caixa para Mochida e depois engatinhou com o menino pela abertura. Deixaram os tamancos na terra batida do caminhezinho de entrada e seguiram o manipulador esquerdo para dentro do teatro. O espetáculo do dia tinha terminado, e o local estava vazio. Completamente vazio, a não ser pelo cheiro de comida sendo preparada. Jiro respirou fundo. “Comida!”

— Ele está crescendo como um bambu jovem, hein, Hanji? — disse o titeriteiro, fazendo um sinal com a cabeça em direção a Jiro.

— É? Eu e minha mulher achamos que ele é pequeno para a idade.

— É mesmo? Dá para ver que eu não entendo de carne, só de bonecos — respondeu Mochida, bem-humorado.

Jiro passou a língua pelos lábios. Gostaria que não ficassem conversando sobre ele. Quando percebeu que estava lambendo os

lábios de novo, abaixou a cabeça, encabulado, e seguiu os homens pelo teatro vazio, até saírem por uma porta lateral perto do palco, em direção à ala oeste, que servia de camarim e onde moravam os titeriteiros.

Tiveram de abrir caminho num corredor estreito, pelo meio de uma porção de homens que andavam apressados de um lado para o outro, alguns dos quais cumprimentaram o fabricante de bonecos ao passar. Por cima de toda a algazarra, veio um grito:

— Seu inútil, filho de um polvo fedorento! Se se atrever a mexer um músculo, vou fazer geléia com seus ossos!

— Ah... — disse Mochida. — Pelo jeito, o mestre está lá no pátio dos fundos.

Hanji e Jiro calçaram umas sandálias que ficavam junto à porta e foram atrás de Mochida em direção ao pátio. As duas alas de camarins e os fundos do teatro cercavam por três lados o quintal coberto de cascalho, e de encontro ao muro dos fundos havia uma cobertura para a cozinha, uma casa de banhos e, destacando-se do conjunto, um grande galpão de adobe. À luz da tarde, que rapidamente diminuía, dava para ver Yoshida, o mestre das marionetes, de pé, com um bastão curto de bambu na mão. Encarava um rapaz quase da sua altura, que parecia mais alto por causa da maneira orgulhosa com que erguia os ombros jovens.

— Yoshida — arriscou Mochida —, Hanji está aqui com um boneco para você.

Yoshida pareceu ignorar Mochida. Mas deu um tremendo pontapé, que poderia ter jogado o rapaz de cara no chão de pedras. O rapaz, imperturbável, não demonstrou nada no rosto nem perdeu o equilíbrio.

— Mexeu! — o titeriteiro gritava ao mesmo tempo para todos e para ninguém. — Mexeu! O boneco tem que ficar imóvel e este aqui, este monte de esterco que se apresenta como manipulador de pés, SE MEXEU!

Deu uma lambada no rosto do rapaz com o bastão de bambu. O jovem apenas piscou, não demonstrando praticamente nenhuma reação ao golpe que levou.

— Suma da minha frente! Vá sentar-se num canto e treinar para não se mover. Está me ouvindo?

Não dava para ninguém deixar de ouvir, mas Yoshida continuou repetindo:

— Está me ouvindo?

O rapaz confirmou, curvando-se estranhamente, e saiu andando, de cabeça erguida. Passou por onde Jiro estava e entrou na ala oeste dos camarins. Jiro ficou olhando até que ele desapareceu pela

porta aberta. Que pessoa devia ser! Não tinha exatamente desafiado o mau humor do mestre de marionetes, mas de certo modo...

— Agora — disse o titeriteiro num tom de voz normal, dando sua atenção às visitas —, o que foi que você nos trouxe, Hanji?

Hanji levantou o pano da caixa que Mochida ainda segurava.

— Hummm — disse Yoshida, estudando o boneco com atenção.
— Traga-o até meus aposentos. Quero experimentá-lo em minhas mãos antes de pagar.

O fabricante de bonecos fez uma reverência e afastou-se para o lado. A pequena procissão seguiu Yoshida para o camarim do mestre de marionetes, na ala oeste. Ali, a esteira de palhinha que cobria o chão era velha e estava manchada. Embora as almofadas trazidas por Mochida para que se sentassem já tivessem sido elegantes um dia, tinham agora a seda esgarçada e até mesmo remendada com linho rústico em alguns pontos. O que dava ao lugar uma atmosfera de opulência era o cheiro do jantar.

Mochida trouxe uma mesa baixa para o centro da sala e começou a pôr tigelas e pauzinhos sobre a mesa, enquanto Yoshida desembrulhava o boneco com cuidado e ia juntando suas partes.

Jiro tentava conter a esperança que crescia em sua barriga. Comida. Os bonequeiros⁵ tinham comida. Não apenas tinham, mas em quantidade suficiente para dividir com os outros. Impossível. Ao

dar tempo para que o espetáculo do dia terminasse, Hanji tinha sido mal-educado sem querer, e acabara chegando bem na hora da refeição. Com toda certeza, Mochida não serviria o mestre enquanto Jiro e seu pai não fossem embora. Mas... havia lugar para três na mesa.

Os homens continuaram conversando, enquanto Yoshida punha as mãos dentro do boneco e, distraidamente, começou a experimentar os mecanismos.

O bravo guerreiro ganhou vida. As sobrancelhas se ergueram, o braço direito se levantou num gesto de desafio. Os olhos rolaram zangados de um lado para outro. Jiro teve a sensação desconfortável de que aquele samurai de cenho peludo estava olhando diretamente para dentro de seu crânio e lendo seus desejos gulosos.

Então Mochida trouxe uma tigela de arroz fumegante. Atrás dele veio um garoto trazendo uma assadeira de barro coberta, da qual escapava um cheiro de peixe e legumes que serpenteava, sedutor, por toda a sala. Mochida se ajoelhou, fazendo um gesto para indicar que a comida estava servida. Depois, ele e o jovem aprendiz se retiraram, deixando a comida ali, a mesa posta, e um menino quase desmaiando de expectativa.

Yoshida depositou o boneco com cuidado num canto da sala e, com um gesto, indicou aos visitantes que se sentassem junto à mesa.

— Não, não — objetou Hanji, educadamente. — Acabamos de comer.

— Eu sei que é só lixo... — o titeriteiro usava uma linguagem polida, mas num tom rabugento demais para ser educado —, mas se quiserem me dar a honra...

— Nada disso, tenho certeza de que é um banquete — disse Hanji, de cabeça baixa —, mas é que acabamos de comer e, mesmo que pareça mal-educado, estamos com pressa e temos de voltar logo para casa.

“Essa não!” Jiro estava quase morrendo. Não era hora para etiqueta. Eles estavam era morrendo de fome — pelo menos, ele estava. E o titeriteiro não tinha apenas arroz, mas sopa de peixe e legumes. Talvez até chá verde.

— Eu insisto — a voz de Yoshida era grave e dominante. — Vou considerar uma afronta pessoal se vocês recusarem comer minha comida.

— Não... — disse Hanji. — Não é nada disso. É apenas porque...

— Eu vou me ofender.

— Então, perdoe nossa grosseria — disse Jiro, dirigindo-se à almofada que estava em frente à mesa e já se sentando.

Inclinou a cabeça em direção ao titeriteiro e acrescentou:

— Humildemente aceitamos sua generosa hospitalidade.

Levantou o olhar e encontrou os olhos do pai, arregalados com o choque. “O que dera nele?”, pensou Hanji. “Devia estar enlouquecendo de fome — e estava — porque em seu juízo perfeito ele jamais, nunca, teria cometido um ato desses, uma falta de educação tão imperdoável”.

Durante alguns instantes horríveis, nenhum dos dois homens disse sequer uma palavra. Depois, o mestre das marionetes riu, com gosto, talvez até demais.

— Ótimo, ótimo... — disse ele. — Vamos dispensar essas amenidades. Eu também estou com fome.

Virou-se para Hanji, que continuava plantado no mesmo lugar, ainda estarecido com o inacreditável comportamento do filho:

— Vamos, Hanji, sente-se. Tente fazer uma forcinha e coma um pouco desta comida pobre.

“Ele deve estar abismado”, pensou Jiro. De todas as coisas estúpidas que já fizera na vida, aquela era a pior de todas, sem dúvida. Tinha humilhado completamente seu pai, tão bondoso, na frente de Yoshida — o homem de quem dependiam para sobreviver. Nos velhos tempos, homens já tinham se suicidado por menos do que isso. Isso mesmo, o certo era que Jiro engasgasse e não conseguisse comer, ou então que a comida parecesse poeira dentro de sua boca. Mas a verdade é que o gosto era ótimo, um banquete divino. Comeu rapidamente, de cabeça baixa por cima da tigela, para não encontrar o olhar do pai. E assim que a tigela ficou vazia, deixou que Yoshida a enchesse de novo, e outra vez, e mais outra. Já que ia ser castigado mesmo, era melhor que fosse de barriga cheia.

Não vinha som algum do lado da mesa onde estava o pai. Jiro nem ousava olhar o que ele estava comendo. Seu próprio ruído ao tomar a sopa de arroz e peixe era a única coisa que ouvia. Finalmente, para sua tristeza, acabou tudo o que havia na vasilha de barro, e ele viu Yoshida colocar a pesada tampa de madeira sobre a panela de arroz, que devia estar também vazia. Yoshida bateu palmas e Mochida surgiu com o chá.

— Foi um banquete — murmurou Jiro, ainda sem ousar olhar para o pai.

— Um banquete — ecoou Hanji.

— Nada disso, era puro lixo — replicou o titeriteiro. E, de repente, acrescentou:

— Hanji, este seu potrinho me surpreende.

— Ele não tem modos — disse Hanji, tão baixo que a carne de Jiro se arrepiou.

— Ora, modos... isso se pode ensinar... Mas espírito... isso é uma dádiva dos deuses.

No silêncio, Jiro lançou um olhar ao pai. A cabeça do fabricante de bonecos estava baixa, mas Jiro podia ver que a testa estava vermelha — de raiva ou de vergonha. Rapidamente, baixou a própria cabeça.

O bonequeiro continuava:

— Se por acaso, algum dia, você não estiver precisando dele em sua oficina, é só me dizer. A única coisa de que um potro precisa é de disciplina.

Deu um risadinha:

— E eu sou meio famoso nessa área.

— O senhor é muito amável.

— Muito amável, jamais, Hanji. Mas tenho outros defeitos. Para grande desapontamento de Jiro, nenhum dos dois homens falou mais nada e a conversa morreu ali. O que queria que dissessem? Ele mesmo não sabia. Não queria sair de casa, não porque estivesse particularmente feliz, mas porque estava acostumado, e o pai em geral era bom com ele. Mas vivia com fome, e ali no teatro eles tinham comida, uma comida deliciosa, que aquecia o corpo. A vida no teatro ia ser divertida: apresentar-se diante dos ricos comerciantes de Osaka, ser aplaudido por eles e, depois que passasse a fase do aprendiz, ser pago por eles. Mas havia Yoshida e seu bastão de bambu... O que acontecia com os aprendizes desajeitados? Às vezes o pai de Jiro o castigava com palavras ou silêncio, mas nunca batera nele. Por outro lado, porém, se ele viesse para o teatro, quem sabe não deixaria de ser tão desajeitado. Talvez toda aquela falta de jeito tivesse a ver com o fato de viver com fome e de saber que fizera a mãe infeliz só por ter nascido.

Quando estavam indo embora, com dinheiro na mão, Yoshida disse:

— Se mudar de idéia sobre o menino...

Hanji curvou-se e murmurou alguma coisa que Jiro não entendeu. Jiro também se curvou, torcendo para que fosse uma reverência “espirituosa” mas como nunca tinha pensado em si

mesmo como alguém que “tivesse espírito”, não estava certo de como devia desempenhar esse papel.

Foram para casa no mais completo silêncio. Jiro levava a caixa do boneco vazia debaixo do braço, com o pano metido por dentro da faixa. O tempo todo, ia pensando nas palavras que devia usar para pedir desculpas ao pai por sua terrível falta de educação, mas desde que Yoshida dissera que ele “tinha espírito”, percebia que todos os pedidos de desculpas que ensaiava na cabeça eram muito pouco sinceros. Se aquele seu espírito era uma dádiva dos deuses, algo com que ele tinha nascido — com que tinha *nascido...* “Por favor”, implorava ele em silêncio, “não diga nada a minha mãe. Ela já me odeia. O que não irá fazer se descobrir que eu humilhei você diante de Yoshida?” Agora seu remorso era sincero, mas tão profundo que parecia não haver palavras que pudessem expressá-lo. Sentia o corpo todo ficar gelado, como se tivesse sido mergulhado num poço sem fundo.

— Vamos parar e comprar arroz e legumes para sua mãe.

— Vamos — a voz de Jiro saiu alta e aguda —, claro. Ela vai gostar de ter um bom jantar.

E gostou mesmo. Estalava os lábios a cada bocado, de um jeito muito pouco educado. Nem parecia notar que o marido e o filho estavam comendo muito menos do que ela; o marido, porque na certa lembrava que já tivera uma bela refeição naquele dia, e o filho, por puro pavor com a idéia da conversa que podia vir depois do jantar. A toda hora Jiro lançava olhares em direção ao pai, para ver se no rosto do homem havia alguma pista sobre o que ele iria dizer.

Mas o rosto do fabricante de bonecos era uma máscara de serenidade.

— Jiro — disse a mãe, ainda de boca cheia —, ia ser bem melhor se você parasse de bater os pauzinhos na tigela.

Jiro olhou rápido para o pai, e largou os pauzinhos.

Depois que a mãe acabou de perseguir o último grãozinho de arroz da tigela e apoiou os pauzinhos no pequeno suporte entalhado, deu um suspiro de contentamento.

— Ah, estava bom.

Jiro se levantou de um salto.

— Deixe que eu lavo a louça — disse. — Fique aí sentada e saboreie seu chá. Eu cuido de tudo.

A mãe ergueu as sobrancelhas:

— Um pouco de comida faz milagres.

— Não me incomodo. Fico feliz em ajudar.

— Tudo bem, rapaz, tudo bem... — a voz do pai parecia um pouco paciente demais.

“Não diga nada sobre o que aconteceu hoje”. O menino olhava para o pai e suplicava, sem palavras. “Não conte a ela, por favor. Ela jamais me perdoaria.”

— Tudo bem, rapaz, vá em frente...

Mas Jiro não conseguia saber se sua prece teria sido ouvida.

Deslocou a bancada de trabalho para o lado e desenrolou, como sempre, o cobertor no chão da oficina. No quarto dos fundos, os pais também se preparavam para dormir. Ouvia com atenção. O pai ainda não o traíra. A mãe tinha ido à casa de banhos públicos e contava as bisbilhotices que ouvira por lá. O pai pontuava a conversa com algum grunhido ocasional ou uma risada. Talvez o pai estivesse só esperando ele dormir. Levantou-se, num sobressalto. Se ficasse acordado, talvez conseguisse impedir que o pai contasse a ela como tinha pulado sobre a almofada no camarim de Yoshida e — será que falara gritando? — como tinha aceitado o convite de Yoshida. Estava maluco. Devia estar. Ninguém em sã consciência aceitaria um convite daqueles. “Ninguém, a não ser eu”, pensou, infeliz. “Sou um escravo da minha barriga. Igual a um cachorro vira-lata”.

Lembrou-se do código dos samurais. “Quando estiver com fome, palite os dentes”. Quanta coragem! Se pelo menos conseguisse ser

como eles, morrendo de fome com sua cota mínima de arroz recebida do governo, mas orgulhosos demais para reclamar. Enquanto ele, Jiro, só porque estava com fome, cobrira o pai de vergonha. E podia muito bem ter esperado. Sabia muito bem que, assim que Yoshida lhes pagasse, teriam o que comer. Mas não agüentou esperar. Por que não esperou? Por que não conseguiu esperar só mais algumas horas? E se nem mesmo ele podia entender, o que a mãe não iria pensar? Que ele era igual a um *ronin* — sem orgulho, sem moral — briguento, ladrão, capaz de matar um homem por causa de um nabo.

— Aconteceu uma coisa hoje no Hanaza...

A voz do pai chegava abafada, como se ele já estivesse deitado, mas o ouvido atento de Jiro, aguçado pela ansiedade, pegou cada palavra terrível.

— O quê?

— Yoshida gostou do menino.

— De Jiro? E por que cargas d'água?

— Não sei bem por quê. Mas se ofereceu para recebê-lo no teatro.

— Não pode ser. Você não deve ter entendido bem.

— Não, não, tenho certeza. Yoshida não é homem de rodeios. Falou muito diretamente.

— Bom, mas você nem devia pensar nisso.

— Acho que não. Mas não sei...

— O quê?

— Parece que eles têm muita comida por lá — respondeu Hanji.
— Aqui o menino vive com fome.

— Como é que você sabe que eles têm comida?

Jiro apertou os próprios braços. Era agora que vinha a história toda.

— Nem se preocupam em esconder. O cheiro de comida está por toda a parte.

— É uma estupidez.

— Realmente, hoje em dia, é pouco sensato. Além disso —
continuou Hanji —, Yoshida nos convidou para jantar.

— Só para ser educado.

— É evidente. Mas de qualquer modo, eles comem bem.

— Isso é um absurdo. Ninguém come bem em Osaka, a não ser
os negociantes de arroz — disse Isako. — E Saburo.

Hanji deu uma risada.

— É o que dizem.

— Não precisa de muito repolho para ter muito cheiro.

— Não, acho que não, mas de qualquer modo...

— Até parece que você está louco para se livrar do menino.

— Não, não é nada disso. É só que...

— Talvez seja porque ele não ajuda mesmo em nada...

— Nada disso, ele me ajuda, e muito.

— Ora, homem, não diga bobagem. Ele é tão delicado quanto um elefante andando numa cristaleira.

— Ele não é mau, só é muito jovem.

— Bom, eu não o desejaria para Yoshida... nem para você, mas é seu filho. Sempre se pode esperar que um dia...

— Então você não acha que eu devia considerar a oferta de Yoshida?

— Não com mais seriedade do que foi feita.

— Tudo bem, então está resolvido.

— Durma bem.

Jiro puxou o cobertor sobre a cabeça e enfiou na boca o travesseiro de palha de arroz. Não podia deixar que o ouvissem chorando.

Yoshida Kinshi

Numa noite de setembro, logo depois do pôr-do-sol, um pequeno grupo de monges de Komuso se aproximou da entrada do depósito de arroz de Yamamoto e pediu esmolas. Estavam usando os seus chapéus tradicionais, em forma de cestos, e por baixo deles tocavam as flautas com um lamento tão pungente que mais tarde se disse que o porteiro, homem emotivo que era, teve dificuldades em prender o choro. Ele abriu a porta para os monges, muito embora posteriormente não conseguisse explicar por que tinha feito uma coisa tão insensata. Mas se tratava de homens santos, e com fome. De qualquer modo os monges, em poucos minutos, saíram da cidade e foram embora. Quando no dia seguinte os funcionários do depósito encontraram o porteiro amarrado como um frango assado no espeto, ele contou que os sacerdotes, com as cabeças escondidas pelos cestos, embora tivessem se mostrado tão gentis antes de entrar, num instante o dominaram depois que se viram lá dentro. Os cestos tinham compartimentos secretos, que encheram de arroz e dinheiro. Depois, puseram novamente os cestos nas cabeças,

curvaram-se para cumprimentar e o deixaram lá. E ele jurava que ainda ouvira o som das flautas por mais de uma hora depois que os homens tinham ido embora. — Saburo! — sussurraram todos. Mais uma vez, o herói do povo ultrapassara a realidade.

Em cooperação com a guilda dos comerciantes de Osaka, o daimio ofereceu uma recompensa de quinhentos *ryō* por qualquer informação que levasse à captura dos bandidos.

Na loja do fabricante de bonecos, já fazia muito tempo que se acabara todo o dinheiro ganho com a marionete do guerreiro, e ainda não ficara pronto um novo boneco. Yoshida encomendara uma bela princesa, mas, quando Hanji foi entregá-la, ele devolveu.

— Ele disse que havia alguma coisa meio cínica na expressão dela — explicou Hanji.

Para Jiro, a expressão era de quem estava sentindo o mesmo que ele: fome. Como é que Yoshida podia querer que o pai trabalhasse direito se ele vivia curvado de tanto que a barriga doía? Mas a culpa era de Jiro. Ele mesmo sabia. Comia mais do que o pai e a mãe, e que ajuda estava dando? Ainda ontem, derrubara um vidro de tinta. Hoje, cortara um pedaço de seda pequeno demais, e não deu para aproveitar. Talvez a mãe pudesse utilizar para alguma gola ou babado, disse o pai.

A mãe caiu no choro quando viu o que ele tinha feito, e eles mal tinham se recuperado quando veio um mensageiro de Yoshida mandando cancelar a encomenda da marionete. Estava entrando

pouco dinheiro no teatro, de maneira que tinham resolvido não estreiar o novo drama histórico. Em vez disso, Okada, o recitador principal, começara a trabalhar num novo manuscrito, uma peça mais moderna, que achavam que atrairia mais público no outono seguinte. Assim que soubessem de quais marionetes adicionais iriam precisar, fariam uma nova encomenda ao fabricante de bonecos.

Isako parou de chorar e começou a xingar:

— Aquele bastardo, filho de um *ronin*! O que é que ele acha que a gente vai comer até lá? Serragem? Tomara que ele passe a eternidade como um reles manipulador de pés, trabalhando para o diabo!

— Calma, mulher, calma... Os tempos estão difíceis para todo mundo. Ele tem que fazer o que acha que lhe vai dar lucro. Tem muitas bocas para alimentar lá no Hanaza. Deve haver mais de trinta pessoas. Nós somos três. Vamos dar um jeito.

— Você sempre toma o partido daquele marginal.

— Ele vem de uma casa que já foi nobre.

— Pode-se dizer o mesmo de alguns ratos.

O recado de Yoshida teve um efeito diferente sobre Jiro. Fez com que ele decidisse. Ia assumir o controle da situação. Iria até o titeriteiro e diria que Hanji o mandara. Conseguindo entrar para o teatro, seu pai não ousaria tirá-lo de lá, por medo de ofender Yoshida. E por menor que fosse o salário que Jiro eventualmente recebesse, podia dá-lo aos pais. Talvez até a mãe se orgulhasse dele. Talvez até sentisse que estava pagando uma parte de sua terrível dívida por ter nascido e sobrevivido, sugando as vidas tão frugais dos pais, como se fosse uma sanguessuga num boi faminto. Ele ia fazer com que os dois ficassem felizes e orgulhosos e lhes daria algum conforto na velhice. Assim, arrumou suas poucas roupas e dirigiu-se com decisão até a frente da loja.

Era no começo da tarde, e por isso havia um espetáculo sendo apresentado no Hanaza. Desde o início do quarteirão, Jiro podia ouvir a voz de Okada, o cantor principal. Para seu encantamento, chegou até a reconhecer a peça. Seu pai costumava levá-lo ao teatro quando era menor, nos dias em que a fome endêmica não era tão intensa. Era um drama doméstico escrito por Chikamatsu Monzaemon, chamado *O Correio do Inferno*. De maneira bem apropriada, era a tragédia de um homem levado ao suicídio por causa de suas dívidas. Mesmo setenta anos antes, quando Chikamatsu vivia, os comerciantes ricos deviam ter oprimido os pobres, levando-os ao roubo e à morte.

O porteiro estava sentado com as pernas cruzadas numa plataforma de madeira ao lado da entrada estreita. Jiro o reconheceu imediatamente. Era o jovem aprendiz que Yoshida estivera disciplinando na noite de verão em que Jiro dera aquele vexame. Agora, ele olhava para Jiro com um ar desconfiado.

— Com licença — disse Jiro, curvando-se da forma mais educada que podia —, sou o filho de Hanji, o fabricante de marionetes. Tenho um assunto para tratar com Yoshida.

— Ah... — disse o aprendiz. — Não vai haver tempo para vê-lo hoje. O espetáculo ainda dura umas quatro horas, e quando ele não estiver no palco vai estar ensaiando a peça de amanhã. Você escolheu uma hora ruim.

O rosto de Jiro devia ter mostrado seu desapontamento, porque o rapaz, que era mais velho, disse gentil:

— É alguma coisa urgente?

Jiro confirmou, com um gesto de cabeça. Como poderia voltar para casa agora? E se não fosse aceito por Yoshida antes que o pai viesse à sua procura, todo o seu plano iria por água abaixo, para sua própria desgraça.

— É... eu precisava mesmo falar com alguém imediatamente.

— E esse alguém não pode ser eu, não é isso? Jiro ficou vermelho.

— Alguém que...

O rapaz riu e fez um gesto, como se enxotasse o constrangimento de Jiro:

— Deixe disso, você não está me ofendendo. Tenho sido uma não-pessoa por tanto tempo que meu rosto já está quase se dissolvendo. Dê a volta pela entrada oeste no beco e grite. Provavelmente quem vai abrir a porta é minha mãe. Peça para falar com o velho Okada.

— O recitador?

— É. Os recitadores sempre gostam de achar que controlam tudo. Já está quase na hora do intervalo de descanso dele, e vai poder te ver logo.

Jiro agradeceu. Depois, num impulso, perguntou:

— Como é? Você gosta de estar aqui no teatro? O rapaz mais velho deu de ombros.

— Há momentos em que não é insuportável. Não me incomodo de receber o dinheiro, por exemplo.

— Mas eu achei que você já fosse um manipulador de pés.

— Fui. No verão passado. Depois de quatro anos puxando cortina e recebendo dinheiro. Mas um dia, estava tudo muito empoeirado e eu espirrei. E agora estou de novo puxando cortina e recebendo dinheiro. Quando eu morrer, provavelmente serei imortalizado — Yoshida Kinshi, o mais velho e mais experiente puxador de cortina.

— Yoshida?

— É, meu pai. Eu jamais usaria o nome dele por minha própria vontade, pode acreditar — disse o rapaz, rindo. — Mas ele também não me daria esse nome por sua própria vontade, com toda certeza não a mim.

Jiro deu um sorriso largo.

— Tive muito prazer em conhecê-lo. Eu mesmo estou com esperanças de entrar para o teatro. Por favor, seja gentil comigo.

Kinshi deu um sorriso.

— Boa sorte. De qualquer modo, como eu disse, vá ver Okada. Dizem que há uns trinta anos ele era mais aterrorizante do que meu pai, mas hoje nem parece. Talvez a cegueira faça um homem amolecer e ficar sentimental. De qualquer modo, você faz o gênero dele. Vai te contratar antes que meu pai termine o terceiro ato.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Você tem certeza de que quer mesmo entrar no Hanaza? Certeza mesmo?

— Tenho.

Jiro saiu correndo pela frente do teatro, fez a volta e entrou no beco, indo até a porta dos camarins. Estava trancada, mas ele chamou e logo uma mulher gorda veio abrir.

— Shhh! Seu tolo! Estão apresentando um espetáculo.

— Desculpe — disse Jiro, sem jeito. — Mas eu tenho um assunto urgente com Okada, o cantor. Disseram-me que eu podia vê-lo no intervalo de descanso.

A mulher gorda o olhou com atenção:

— Se estiver tentando entrar sem pagar...

— Não, nada disso. Sou o filho de Hanji, o fabricante de bonecos. Pode perguntar a Mochida ou Yoshida...

— Estão no palco.

— ...ou a Yoshida Kinshi.

A expressão da mulher ficou mais suave, e ela deu um passo para o lado, a fim de que o menino entrasse.

— Okada ainda está recitando — disse. — Quer olhar dos bastidores?

A mulher os conduziu pelo saguão que ficava junto aos camarins, até o lado do palco. De onde ela apontou para que Jiro ficasse, ele podia ver tanto o palco como a plataforma da direita, onde Okada estava sentado, junto com o tocador de samisém⁷, que acompanhava o recital da história. O roteiro ficava apoiado numa estante baixa, de laca, e de vez em quando Okada virava as páginas. O gesto ficava mais pungente quando se percebia que seus olhos evidentemente tinham perdido a visão. Ele sabia de cor todas as palavras da peça, mas apesar disso, no momento exato, esticava o braço e virava a página.

“Ele tem um rosto velho maravilhoso”, pensou Jiro. Era uma cara enrugada, meio morena, que até lembrava uma ameixa em conserva. Okada virou a boca de lado e com os lábios apertados imitou a voz da mãe do herói infeliz, mandando o filho pagar ao credor. A seu lado, o tocador de samisém tangia as cordas lúgubres que sugeriam à platéia a desgraça em direção à qual o herói se

movia inexoravelmente, mas o rosto do músico continuava impassível como um lago plácido: todas as suas emoções vinham das três cordas do instrumento, por intermédio da grande palheta que segurava na mão direita.

No palco, todos os manipuladores estavam vestidos de preto, com capuzes também pretos puxados sobre o rosto, para se esconder do público. Qual deles era Yoshida? Havia três marionetes no palco: o coitado do Chubei, sua velha mãe e Hachiemon, o credor. Cada marionete, é claro, tinha três manipuladores. O principal usava tamancos altos, de madeira, que o faziam ficar bem mais alto que seus assistentes. De um lado, trabalhava o manipulador esquerdo, coordenando a mão esquerda do boneco com a cabeça e a mão direita. Agachado entre os dois, ficava o manipulador dos pés. Mas Jiro logo esqueceu que os homens estavam presentes. Ficaram menos reais do que os bonecos, cuja tragédia se desenrolava enquanto a voz mágica de Okada tecia uma teia de medo sobre a audiência.

Num instante, o ato acabou. O público aplaudia com entusiasmo. Okada ergueu o texto e se curvou, num gesto de reverência. Depois, ele e o músico saíram da plataforma do recitador. Jiro se encostou na parede para que a procissão barulhenta de manipuladores pudesse passar. Três garotos, mais ou menos da sua idade, entraram rapidamente para mudar o cenário para o ato seguinte.

A mulher tocou seu cotovelo:

— Okada agora está no camarim.

Jiro a seguiu pelos bastidores e logo saíram para o pátio. Depois de atravessá-lo, entraram de novo no edifício enorme, do lado leste do palco. Lá ficavam os camarins dos recitadores e músicos. Hanji já lhe explicara que eles preferiam ficar um pouco distantes dos titeriteiros, considerados por aqueles artistas como um grupo de operários barulhentos e emotivos.

Ouvindo a entrada deles, Okada virou-se. Jiro se ajoelhou e curvou a cabeça até a esteira que cobria o chão. Tinha a sensação instintiva de que o cego ia saber, mesmo sem enxergar, se esquecesse o menor detalhe de cortesia.

— Entre.

Era a voz de um velho cansado. A mágica se evaporara.

— Peço-lhe desculpas, senhor. Estou interrompendo numa hora muito ocupada.

— Você é jovem, mas não é um de nós.

— Não, senhor. Sou Jiro, filho de Hanji, o fabricante de bonecos. Por favor, perdoe minha grosseria se eu lhe falo diretamente do assunto que me trouxe até aqui.

— Eu não me ofendo com a franqueza, filho.

— Será que eu podia ter a honra de entrar no Hanaza como aprendiz?

— Você quer ser recitador ou músico?

— Não tenho talento para nenhum dos dois, senhor. Okada virou os olhos cegos em direção ao garoto.

— O que está falando é a verdade ou a humildade?

— A verdade, senhor. Não é só talento que eu não tenho. Também não tenho humildade.

Okada começou a rir, um som forte que sacudia seu corpo frágil.

— Muito bem. Vou mandá-lo para Yoshida. Ele está sempre à procura de espíritos para domar. Diga à senhora Yoshida que eu mandei lhe dar comida, mas é melhor esperar até de manhã para se apresentar diante dele. Nem sempre está de bom humor depois de um espetáculo.

O velho sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Agora me passe aquele cobertor ali, por favor. Tenho que dar um cochilo antes do próximo ato.

Naquela noite, Kinshi ajudou Jiro a escrever uma carta a seus pais, contando a novidade de sua aceitação no Hanaza. Depois, Kinshi, que exercia uma certa influência sobre os outros rapazes, ainda que não tivesse nenhuma com o pai, mandou um dos aprendizes até a loja do fabricante de bonecos para entregar a mensagem.

Kinshi convenceu a mãe a dar a Jiro uma repetição da sopa de feijão. E dividiu seus cobertores com ele, quando os membros casados do elenco foram para casa e os outros puderam finalmente ir para a cama em seus camarins, que também serviam de quarto de dormir.

As coisas iam bem. Okada o aceitara. Kinshi fizera amizade com ele. É claro que ainda faltava encontrar Yoshida. Ali deitado, ocorreu-lhe o terrível pensamento de que talvez a mãe estivesse certa. Talvez o pai tivesse entendido mal. E se Yoshida, afinal, não o quisesse? Como reagiria quando soubesse que o velho Okada aceitara um aprendiz sem consultá-lo? Tremeu e se encolheu, enovelando-se debaixo das cobertas, tentando não pensar em varinhas de bambu bem finas e nas surras que elas davam.

De repente, deu um salto e se sentou. Se não tinha talento para recitar nem para ser músico, o que aconteceria quando tentasse se mover naquele ritmo perfeito dos titeriteiros, que dava vida aos

bonecos? Mergulhou de volta debaixo do cobertor, e em pouco tempo essa visão horrível desapareceu com o sono que chegava.

●4●

O Hanaza

Foi Isako e não Hanji quem apareceu no dia seguinte no Hanaza, durante a sessão prática do começo da manhã.

Jiro foi até o teatro, onde lhe disseram que ela o esperava, e a encontrou de pé diante da entrada principal, pequena e com seu ar mirrado, carregando nas costas, bem enroladas, as cobertas de dormir do filho.

Ele não tinha a menor idéia do que deveria dizer a ela, então apenas rastejou pela pequena entrada e se curvou, desajeitado.

Isako começou a cutucar a faixa que amarrava os cobertores às suas costas. Parecia não prestar a menor atenção nele. As mãos

dela tremiam tanto que não conseguia desatar o grande nó que prendia a carga, bem na frente, sobre o peito. Ficou o tempo todo fungando e mexendo à toa no nó com os dedos magros. Jiro deu um passo em direção a ela. Queria ajudar, embora Isako fosse sempre uma pessoa difícil de ser ajudada. Isako sentiu seus movimentos.

— Não, deixe que eu mesma desato. Não seja impaciente. Você já tem o que quer. Pode muito bem esperar um pouco até que sua pobre mãe lhe dê tudo o que ela tem. Egoísta, criança egoísta...

Sacudia a cabeça, como se quisesse afastar as lágrimas, mas não havia sinal de choro em sua face magra.

— Você não está entendendo, mãe... — disse o rapaz.

— Não, eu não entendo...

Tinha, finalmente, conseguido desatar o nó, e jogou o fardo pesado com os cobertores no chão.

— Mesmo quando você ainda estava na minha barriga, eu sacrifiquei tudo por você. Desde aquele seu maldito primeiro ano de vida, quando perdi tudo... tudo o que amava... venho dedicando minha alma a garantir que você respire e que seus ossos fiquem de pé. Seu pai e eu sempre lhe demos o melhor de tudo o que tivemos.

— Eu sei, e é por isso que...

— Mas isso para você não significa nada. Você nunca tentou realmente aprender o ofício de seu pai. Você não é incapaz. Podia ter aprendido, se quisesse. Mas acho que não era divertido fabricar bonecos. Você tinha que vir para cá, onde estão os aplausos e o *dinheiro*.

— Não, mãe, não diga isso. Eu...

— Isso vai matar o seu pai. Ele não é um homem sadio... mas você nem repara nessas coisas. Você nunca soube que ele era doente, soube?

Jiro se sentiu mal.

— Não, nunca...

— Só não te amaldiçôo porque você é o único filho vivo de seu pai, apesar de isso não valer nada para você. Nada mesmo. Mas... — disse ela dobrando a faixa e guardando dentro da dobra do quimono —... amaldiçôo o dia em que te pari.

Jiro, enfraquecido por causa do ataque, ficou olhando a mulher miúda descer pela rua. Os ombros se encolhiam, e ela andava tão

rápido quanto os tamancos de madeira lhe permitiam, na rua escarpada.

Mais do que qualquer coisa no mundo, ele tinha vontade de correr atrás dela, abraçá-la e fazer com que entendesse, mas e se ela o empurrasse? Pegou as cobertas e engatinhou de volta para dentro do teatro.

A sopa da manhã já tinha sido servida no camarim para os cinco rapazes que moravam lá, quando Jiro voltou. Guardou as cobertas no canto do armário que Kinshi lhe destinara na noite anterior, e depois se sentou perto do rapaz mais velho.

— Estão querendo você em casa? — perguntou Kinshi, pegando com os pauzinhos um pedaço de queijo de soja de dentro da sopa e o colocando na boca.

— Não — murmurou Jiro. — Acho que não.

— Sua mãe está preocupada.

— É.

— As mães estão sempre preocupadas. Parece que gostam mais de ansiedade do que de uma tigela de arroz.

Cutucou Jiro com naturalidade e disse:

— Sua sopa vai esfriar.

Jiro tentou sorrir. E devia ser mesmo um pilantra desalmado, porque sabia que ia conseguir tomar toda a tigela.

— Antes de se afogar na sopa, meu amigo, quero apresentá-lo direito ao resto de nosso grupinho infeliz.

Jiro levantou os olhos da tigela. Os outros quatro rapazes olhavam para ele.

— Ah, desculpem — disse, enxugando a boca apressadamente e pousando a tigela.

— Aquele bem feio ali — apontou Kinshi, com os pauzinhos — chama-se Wada, como você ficou sabendo ontem à noite. Depois de mim, é o mais velho. Tem esse ar sinistro assim, porque isso quer dizer que você deve obedecer a ele, não acha? Sugiro que faça o que ele mandar, enquanto não interferir naquilo que eu já tiver mandado. Certo, Wada? Wada grunhiu e voltou a tomar sua sopa.

— Do lado do feioso do Wada, você está vendo a bela cara gorda de camponês que pertence a Minoru. Ele é bonito porque a mãe é bonita. E é gordo porque dedica a vida numa devoção obsessiva ao grande e gracioso deus da tigela de arroz. Jamais um deus foi servido por sacerdote mais fiel ou atento.

Minoru riu. Seu rosto liso brilhava de prazer com a implicância de Kinshi.

— E o pequeno Teiji — os pauzinhos na mão de Kinshi apontaram o último rapaz — é muito habilidoso com as mãos, e muito pouco com a boca. Gostamos muito dele, sabe? Mas, numa emergência, nunca pedimos que explique nada, porque ele leva de uma maré à outra para completar uma frase coerente. Estou sendo injusto, pequenino?

— N-n-n-não — gaguejou o garoto, divertindo-se com a implicância, tanto quanto Minoru.

— Agora, Jiro, preste atenção. Nós quatro aqui somos mais velhos que você. E, em matéria de veteranos, até que não somos dos piores, porque temos tantos que são mais velhos do que nós que, com a possível exceção de Wada, somos tão desprovidos de maldade quanto um nabo. Apesar disso, íamos nos sentir muito bem se você nos demonstrasse sua obediência, pelo menos na primeira semana. Certo, Wada?

Wada resmungou de novo.

— Não ligue para Wada. Está treinando para ser um Yoshida, mas ainda faltam muitos anos até conseguir acumular maldade suficiente no organismo. É por isso que ele só resmunga: de medo que um pouco da maldade cuidadosamente armazenada na barriga possa escapar antes de estar devidamente fermentada.

Teiji e Minoru riram alto, e até o feio Wada deu um riso a contragosto. Era fácil ver que todos adoravam Kinshi. E não era difícil saber por quê. Sendo o mais velho entre os rapazes, tinha um jeito todo especial. Jiro lembrou como ele ficara impassível sob o bastão de Yoshida.

Jiro sorriu contente para seus colegas aprendizes, e depois se lembrou de fazer uma reverência.

— Jiro, filho de Hanji — murmurou humildemente. — Por favor, tenham paciência comigo.

Pouco depois de terem terminado o desjejum, Yoshida chegou de sua casa a poucos quarteirões dali. Jiro o estivera observando e achava que, depois que passasse seu encontro inicial, ia se sentir melhor sobre o que tinha feito.

— Perdão, senhor.

Jiro estava parado diante da porta do camarim do mestre de marionetes e se dirigiu a Yoshida bem quando este ia entrar.

— O que é?

No corredor escuro, Yoshida não parecia tê-lo reconhecido.

— Senhor, suplico que perdoe minha franqueza...

— O que deseja? — Yoshida perguntou, seco.

— Eu... eu sou Jiro, o filho de Hanji, o fabricante de bonecos. Okada me contratou para ser um aprendiz com o senhor.

— Okada?

Yoshida entrou no quarto e se sentou numa almofada.

— Bom, então entre.

Jiro engatinhou pelo chão e se sentou diante do bonequeiro.

— Ele... me disse que hoje de manhã me apresentasse ao senhor.

— Disse, foi?

— Sim, senhor.

— Ah, sim, agora eu lembro. Você é o garoto que tinha apetite.

Jiro curvou a cabeça. Estava quente de vergonha.

— Então seu pai resolveu deixar você vir para o teatro, hein?

Jiro assentiu com a cabeça, mudo.

— E por que foi que ele não veio diretamente a mim? Por que procurou Okada?

Jiro lambeu o lábio inferior e o mordeu com os dentes. Talvez se não dissesse nada...

— Não faz mal. Vamos experimentar. Você parece bem magrinho. O trabalho aqui é pesado, sabe?

Jiro assentiu.

— Não me incomodo com trabalho pesado.

— Mas vai se incomodar. Todos se incomodam quando trabalham para mim — disse o bonequeiro. — Bom, Yoshida Kinshi é o mais velho dos rapazes. Kawada Itcho, o mais velho entre os oito manipuladores de pés. Mochida Enzo, entre os seis manipuladores esquerdos. E eu sou o mais velho dos cinco manipuladores principais. Há quinze cantores e músicos sob as ordens de Okada na ala leste, mas não precisa se preocupar com eles. É comigo que você deve se preocupar. Eu sou o senhor dos bonecos, o mestre das marionetes. Isso é que você tem que entender.

— Sim, senhor. Entendo.

— Vai entender. Logo, logo. Bom, e o que é que você está esperando? O espetáculo começa daqui a uma hora.

— Sim, ah, sim, senhor...

Jiro recuou, saindo do quarto, o mais rápido que conseguia, andando de quatro. Na porta, levantou-se, curvou-se desajeitado e saiu correndo.

Encontrou Kinshi no palco com os outros garotos, armando o cenário para o espetáculo do dia. Ia ser apresentado um drama histórico, mas não um daqueles que deixavam os comerciantes entediados. Era *A batalha de Dannoura*.

— Um dos favoritos de Yoshida — Kinshi informou. — Um grande texto e ele adora exhibir suas melhores técnicas. Ele adora a cena da “Tortura pelo coto⁸”.

— “Tortura pelo coto”?

— Não conhece? Akoya, que é cortesã e musicista, esconde seu amante que fugiu da batalha, e, quando os soldados vêm procurá-lo, ela diz que não sabe de nada. Um deles quer torturá-la para obter a informação. Outro fica com pena e resolve testá-la para ver se está dizendo a verdade. Manda que ela toque o *coto*, o *samisém* e o *kokyū*⁹. Sabe que uma musicista sensível vai cometer algum erro se estiver ansiosa e mentindo. Mas a moça se obriga a ficar completamente calma e toca o concerto inteiro sem errar nada. Desse modo, acham que ela é inocente e a deixam em paz.

— Há uns três anos, meu pai fabricou um par de mãos femininas com dedos que se moviam.

— Exatamente. Para a boneca de Ayoka. Você precisa ver como Yoshida as usa. Vou deixar você puxando a cortina nessa cena. Você vai ver só.

— Você admira mesmo seu pai, não é, Kinshi?

— Eu admiro o titeriteiro Yoshida. Não é a mesma coisa. Uma expressão que Jiro jamais vira surgiu nos olhos de Kinshi:

— Você nem imagina como ele era louco por mim quando eu era pequeno. Era pior que minha mãe. E eu... — acrescentou Kinshi numa voz suave —... eu o adorava nesse tempo.

Nesse ponto, entrou Kawada, o principal manipulador de pés.

— Estou vendo que vocês estão prontos para o espetáculo da semana que vem... — começou a dizer sorrindo, mas continuou aos berros — Mas e o de hoje?

Imediatamente se encerrou a conversa. Kinshi só falava para dar instruções, num tom seco e profissional, que era muito mais parecido com o do velho Yoshida do que o rapaz gostaria que fosse.

Já era hora de começar a apresentação, quando Jiro se aproximou de Kinshi com um sussurro nervoso:

— Como é que eu vou saber quando é hora de puxar as cortinas?

— Ih, é mesmo... Você não conhece nada dos textos. Vamos fazer uma coisa. Vou dizer aos operadores esquerdos que lhe façam um sinal com a cabeça quando estiverem prontos para entrar. Aí você dá um safanão na cortina, para trás... assim.

Levantou o braço e puxou uma cortina imaginária.

— Não tem mistério.

As dúvidas de Jiro deviam ter aparecido em seu rosto porque Kinshi lhe deu um tapinha amigável.

— Não se preocupe. Todos aqui aprendemos pelo mui honrado caminho dos erros horrorosos.

Jiro piscou. Era justamente isso o que ele mais temia.

Endireitou as costas, tentando parecer o mais alto possível, e ficou em pé bem dentro da cortina no lado esquerdo do palco. Quando um boneco, com seus três atendentes encapuzados, esperava ali pela deixa de Okada ou outro dos recitadores, Jiro ficava de olhos fixos no vulto mais perto dele, esperando o aceno prometido. Puxou a cortina duas vezes sem nenhum problema, e podia relaxar um pouco e prestar atenção na peça, se não fosse pelo pensamento que lhe ocorreu, de que um dos operadores esquerdos podia esquecer ou, pior ainda, que ele podia interpretar mal algum movimento inadvertido de uma cabeça encapuzada.

Não havia ninguém esperando na coxia quando Akoya começou seu concerto para os inquisidores. Apesar da ansiedade, a atenção de Jiro foi atraída pela figura delicada e graciosa inclinada sobre o *coto*, com os dedos aparentemente tangendo as cordas. A voz de Okada falava em seu amor e seu terror, enquanto o tocador de *samisém* a seu lado fazia o instrumento soar como se fosse uma harpa majestosa. A ilusão era completa. Jiro até se esqueceu dos três homens de preto. Só via a corajosa cortesã, decidida a salvar a vida de seu amado.

Quando tudo tinha acabado em segurança, e Kinshi lhe deu os parabéns, o rapaz mais velho disse:

— Yoshida estava maravilhoso, não é mesmo? Eu não disse?

Jiro levou um ou dois segundos, para lembrar que era Yoshida, com Mochida e Kawada, que tinha dado vida à boneca que seu pai fabricara.

— Estava. Magnífico.

A pedido de Jiro, Kinshi não o designou novamente para trabalhar nas cortinas por algum tempo. Subtraiu da casa do pai cópias dos textos das duas próximas peças, para que Jiro pudesse decorá-las antecipadamente. Quando Jiro objetou a que ele tirasse os textos sem autorização, o rapaz mais velho riu.

— Você tem muito a aprender, pequeno Jiro. No Hanaza, se você quiser alguma coisa, tem de roubar. Ninguém vai dividir com você os conhecimentos ou materiais que lhe pertencem. É assim que somos. Um artista guarda seus segredos do mesmo jeito que um vendedor de arroz guarda seu dinheiro. Nunca ninguém dá nada de graça.

— Mas, e você? — protestou Jiro. — Você não é assim. Não me ajudou desde a primeira noite?

— Isso — disse Kinshi, com um sorriso amargo, num tom pretensamente desapontado — só confirma a opinião que Yoshida tem de mim. Eu não vou acabar bem, do jeito que sou bobo. Pobre de mim! O sangue samurai que corria nas veias de meus antepassados foi ficando cada vez mais diluído, à medida que nos afastamos dos portadores de espadas. Meu avô, embora forçado a se tornar um *ronin*, seguiu o código e se manteve um guerreiro de integridade até sua morte. Meu pai não era um guerreiro. Na verdade, quando resolveu ser titeriteiro, de modo a poder comer regularmente sem ter de roubar, afastou-se para sempre de tudo aquilo que é honrado em nossa sociedade e se transformou num marginal. Mas fez isso com estilo. Foi ser aprendiz de Okada no Teatro Takemoto.

— Okada?

— Ele mesmo, não sabia? Antes de ficar cego, era titeriteiro. Um gênio, segundo Mochida. Meu pai foi seu discípulo, e tenho certeza

de que, desde o primeiro instante, resolveu que ia superar o mestre. Já que Yoshida não podia ser um samurai, pelo menos iria produzir a maior linhagem de titeriteiros que Osaka jamais vira. Mas o sangue foi ficando ralo. Seu filho único é um tolo, atualmente fingindo ser titeriteiro, claro, mas durante quanto tempo poderá continuar enganando os outros? Como diria Mochida, com seu estoque de provérbios melosos: "O corvo que acha que pode imitar o cormorão acaba se afogando".

Arrastou as sílabas da palavra com um floreio melodramático.

Quem presidia a sessão matutina de ensaios dos rapazes era Mochida. Ele era solteiro, e por isso vivia num camarim do teatro. Costumava embarafustar-se pelo quarto dos rapazes bem antes de amanhecer, jogar longe suas cobertas e saudar seus corpos trêmulos com um provérbio bem-humorado.

— Ao madrugador pertencem as sete vantagens! — cantou ele numa madrugada fria de outubro, abrindo os postigos enquanto ainda estava escuro.

Ouviu-se Kinshi resmungando debaixo do travesseiro:

— Sete vantagens: trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, trabalho.

Mochida se inclinou sobre Jiro e lhe deu um tapa no traseiro frio.

— Ajude Wada e Minoru a acender o fogo. Kinshi! Yoshida Kinshi! Você e Teiji tragam a água e depois preparem o tripé. Vamos trabalhar muito hoje.

Os cinco rapazes tateavam de um lado para outro, com sono, procurando as calças. Vestiram-se e começaram a dobrar as cobertas e guardá-las nos armários. Kinshi, de olhos semi-cerrados, começou mecanicamente a varrer o chão de esteirinha.

— Que horror! — exclamou Mochida. — Vocês parecem um bando de centopéias tentando calçar uma sandália de palha em cada pé antes de começar o dia. Vamos, depressa! Yoshida vem ver os exercícios de vocês esta manhã.

O nome surtiu o efeito desejado. O sono foi embora. Jiro foi correndo com Wada e Minoru até a área de depósito ao lado da cozinha, onde eram guardados os braseiros de carvão. Levaram os fogareiros para o pátio. Wada, que era o mais velho dos três, supervisionava a arrumação do carvão e da mecha, e reclamava enquanto Jiro e Minoru batiam os isqueiros de pedra seguidamente, até que a primeira fagulha se acendeu. Estufavam as bochechas e sopravam, sopravam, até ficarem tontos.

Finalmente, o combustível teimoso pegou fogo. Quando já tinham quatro fogareiros com fogo suficientemente forte para que a senhora Yoshida pudesse começar o desjejum, e mais alguns carvões em brasa para o *hibachi*¹⁰ do camarim, os rapazes correram de volta para o quarto, que Kinshi e Teiji já tinham limpo até

deixar brilhante. Cinco pares de pernas de bonecos sem corpo estavam penduradas no caibro numa linha, e Kinshi e Teiji já estavam trabalhando duro, fazendo as pernas andarem, marcharem, ficarem de pé ou se sentando perfeitamente imóveis, segundo as ordens de Mochida.

— Não, não, não, Teiji — Mochida deu no rapaz um pancadinha com uma vara fina de bambu. — O coitado está com as pernas tão arqueadas quanto você. Ele é um guerreiro, não é um palhaço.

Teiji apressou-se a esticar as pernas até chegar a uma postura mais militar.

— Tudo bem, vocês três aí... Já ficaram à toa demais esta manhã. Agora, já para seus lugares. O personagem de hoje é Watonai, em *As batalhas de Coxinga*. Esta é a cena em que ele está andando na praia com a esposa. Não está uniformizado, mas ainda é um soldado e herói. Não se esqueçam disso.

As batalhas de Coxinga não era um dos poucos textos que Jiro já tinha aprendido de cor, mas a história era conhecida. E, espiando os outros rapazes com o canto dos olhos, ele conseguia acompanhar enquanto Mochida ia cantando o texto e batendo o ritmo com o bastão de bambu, de encontro ao *hibachi* de cerâmica ao lado da almofada em que estava sentado.

De vez em quando, ele dava um salto e acertava um dos rapazes no cotovelo, para indicar que errara. Como os outros

titeriteiros, ele nunca sugeriu como um erro podia ser corrigido, mas era mais gentil do que a maioria, ao apontar que a falha ocorrera.

— É aqui que ele dá a volta. Girem, girem, girem, girem... — começou a recitar de novo, enquanto os rapazes começavam a dar a volta, encolhendo os corpos na posição do operador de pés, e batendo os próprios pés no ritmo, para fazer o som do samurai marchando. — Muito bem, muito bem. Vamos repetir. Essa volta é que Yoshida vai querer ver vocês fazendo.

Deviam ter repetido aquela volta umas trinta vezes. Todas as vezes que Jiro tentava fazer a volta, segurando as varetas nas costas das pernas, sentia o toque ligeiro do bastão de Mochida. Todas as vezes, menos uma. Mas ele não tinha idéia de por que não o sentira daquela vez, nem por que o merecera em todas as outras. Até onde sabia, estava fazendo o mesmo que os outros, que não recebiam nenhum golpe. “Todos aqui aprendemos pelo mui honrado caminho dos erros horrorosos”, dissera Kinshi. O que o incomodava mais não era levar os golpes, mas não saber que erro cometera. Como poderia melhorar se ninguém lhe dizia o que estava fazendo de errado? E nem mesmo o que estava errado? O pai sempre lhe dissera... ou tentara fazer com que entendesse.

Finalmente, a senhora Yoshida pôs a cara redonda na porta, o que significava que precisava que os rapazes fossem ajudá-la com o desjejum. Jiro mal conseguia esconder o alívio. Disparou para fora do aposento com tanta ansiedade que Wada ficou olhando firme. Quem o novo garoto estaria tentando impressionar, para literalmente sair correndo dos exercícios para as tarefas da cozinha?

O café-da-manhã era servido para todos os aprendizes e manipuladores solteiros, além de Yoshida que, já que pusera a mulher como encarregada da cozinha, com freqüência fazia as refeições no camarim e não em casa. Depois, era hora da limpeza geral das salas, do teatro e do pátio, o que levava cerca de uma hora. Em seguida, começavam os preparativos para o espetáculo do dia.

Mas hoje não haveria apresentação. Os colhedores de arroz dos distritos vizinhos viriam à cidade e os comerciantes estavam tão ocupados dando lances nos leilões de mercadorias, cada um tentando derrubar o outro na disputa por uma safra ainda tão frugal, que, por algumas semanas, ninguém ia perder tempo indo ao teatro. Em alguns dos teatros maiores, essa era a época de um certo intervalo de lazer, mas no Hanaza era o sinal para que Yoshida trabalhasse com seu pessoal mais do que nunca. Dez anos antes, ele saíra do Teatro Takemoto e levava consigo muitos dos seus mais talentosos artistas — principalmente Okada. Mas ainda tinha que consolidar o Hanaza como um teatro de primeira linha, lado a lado com o Takemoto, que já chegara a ter o grande dramaturgo Chikamatsu Monzaemon como autor, ou Toyotake, que fora o pioneiro no desenvolvimento de bonecos que assombravam a platéia com a variedade de truques mecânicos que podiam exhibir. Para Yoshida, os truques mecânicos eram menos importantes do que a pureza dos textos e, ao que se dizia essa tinha sido uma das razões para sua saída zangada do Takemoto, quando esse teatro se viu obrigado a seguir o Toyotake em matéria de bizarrices mecânicas. Mas de qualquer modo, ele não desprezava completamente os chamados truques, e sua interpretação da “Tortura pelo coto” era a mais elogiada da cidade.

“Respeito pelo texto” poderia ser o título da palestra matutina de Yoshida para os cinco rapazes que se enfileiravam ao lado das

pernas de bonecos dependuradas:

— No Hanaza nós fazemos *tudo* melhor do que qualquer outro, e *mantemos* o texto em sua pureza. Nada de mudanças bobas só para ter um efeito barato. Entendido?

As cinco cabeças assentiram num só movimento, como um daqueles brinquedos chineses de soldadinhos acionados por um moinho de água.

Yoshida sentou-se em frente a Mochida, de modo a poder observar a frente das pernas, em vez de ter a visão um pouco atrapalhada pelas costas dos manipuladores.

— Peguem de onde Watonai vê o pássaro com o bico preso na concha de marisco e dá a volta.

Mochida começou a recitar o texto, novamente marcando o ritmo com o bastão de encontro ao *hibachi*. Yoshida marcava o tempo com o seu, de encontro à palma da mão esquerda.

Jiro tentou controlar os olhos, de modo a que não tivesse de olhar diretamente no rosto do mestre de marionetes. Imaginou que havia um capuz preto cobrindo sua cara e que Yoshida não podia vê-lo. Imaginava facilmente a sensação do golpe do bastão no braço ou nas costas. E nem sabia o que estava fazendo de errado. Obrigou-se a ficar concentrado no som da voz de Mochida, uma pobre imitação da de Okada. Mas nenhum titeriteiro esperaria que um recitador

fosse desperdiçar seu tempo com ensaios de aprendizes de manipuladores. Agora estavam começando a dar a volta. Um passo, outro passo...

Yoshida ficou de pé, num salto. Jiro encolheu-se, mesmo sem querer. Mas Yoshida passou direto por ele e foi à frente da fileira, onde estava Kinshi.

— Seu cabeça de formiga! — gritou, batendo com toda a força com o bastão no braço de Kinshi. — Não aprendeu nada! Nada! Está há cinco anos no teatro e sabe menos do que no dia em que entrou por essa porta!

Jogou o bastão em cima de Kinshi e saiu.

Pelo canto do olho, Jiro viu o rosto do amigo ficar vermelho e trancado, enquanto as mãos continuavam segurando as varetas das pernas do boneco, e o corpo ainda estava agachado na posição de um manipulador de pés.

A recitação de Mochida continuava, e o treinamento prosseguiu como se nada houvesse acontecido.

Quando o ensaio acabou, porém, Mochida mandou Jiro ir até a cozinha buscar uma toalha molhada. Enrolou-a em volta do braço de Kinshi e murmurou algo para o rapaz, antes de sair.

— Que foi que ele disse? — perguntou Jiro. Com uma voz aguda e dura, Kinshi respondeu:

— Ele disse que neste mundo só existem quatro coisas de que se deve ter medo: terremoto, trovão, incêndio e... pai.

Era uma época de muito trabalho para os comerciantes de arroz e os coletores de impostos que, apressados — sem dúvida por causa da safra pequena —, chegaram de Edo uma semana antes do esperado e exigiram de cada mercador de arroz a porção do xogum, além de um pagamento em moedas de prata pela longa viagem de volta a Edo. Imagine-se o desânimo dos comerciantes quando na semana seguinte baixou outra tropa de coletores e declarou que a primeira coleta de impostos tinha sido falsa, uma fraude cometida por bandidos com credenciais forjadas.

— Saburo.

O nome estava em todas as bocas, e até mesmo no Hanaza, onde ninguém estava realmente passando fome, a palavra era saboreada e dava prazer. Quem era ele? Onde atacaria da próxima vez?

O xogum, sem se deixar impressionar com os resultados da promessa de recompensa feita pelo daimio, pessoalmente fez uma oferta de mil ryo pela cabeça do bandido conhecido como Saburo. Mais de duzentos e cinqüenta anos antes, seu predecessor, o xogum Ieyasu, promulgara um decreto proibindo a religião cristã. Mas agora, em cima dos velhos murais de madeira onde se publicavam

os avisos das penalidades contra os cristãos, colavam-se cartazes anunciando recompensas. No momento, o bandido Saburo parecia ser uma ameaça à ordem muito mais presente do que um ou dois cristãos perdidos.

A quarta coisa a ser temida

Novembro é um mês horrível, em que os céus claros do outono já ficaram cinzentos, o frio úmido entra pelas roupas, e os gritos musicais dos gansos voando para o sul são substituídos pelos chiados e tosses dos resfriados do início do outono. Minoru ficava a toda hora esfregando o nariz de encontro ao rosto, deixando um permanente rastro de lesma nas bochechas. Por causa da gagueira, Teiji quase nunca falava com os outros rapazes. E Wada, com ciúme da evidente preferência de Kinshi por Jiro, mal falava com Jiro.

Assim, isso significava que Jiro acabava sendo encarado como o protegido de Kinshi, o mais velho e importante dos aprendizes — uma impressão que Jiro não procurava desfazer. Era quase ignorado pelos outros três, exceto quando o trabalho ou as refeições os aproximavam. De todos os rapazes, Kinshi era aquele por quem Jiro sentia respeito e um afeto especial.

Graças a Kinshi, que regularmente “pegava emprestados” os textos para o espetáculo seguinte, Jiro estava decorando as peças à medida que precisava, e não tinha mais que ficar petrificado junto à parede no fundo do palco, esperando que um manipulador esquerdo mais gentil lhe fizesse um sinal com a cabeça, para indicar o momento em que a cortina devia ser puxada. Alguém devia ter notado que fizera progressos, porque, quando o cartaz de *As batalhas de Coxinga* foi afixado, lá estava o nome dele. Ia até aparecer mesmo no palco. Bem, não exatamente aparecer, como explicou Kinshi. Ia ficar escondido pelo painel que rodeava a parte dianteira do cenário, mas seria sua a mão que seguraria a gigantesca concha de tecido em que o bico da narceja ficava preso. Kinshi manipularia a narceja. A alegria com que os dois rapazes ensaiaram sua luta devia ter deixado Wada com mais ciúmes do que nunca, mas ele não se incomodou porque seu nome também estaria no cartaz. Ele, além de Kinshi, ia manipular os bonecos que só exigiam um titeriteiro: os soldados na cena do castelo. Era uma peça complicada, cheia de entradas e saídas, e por isso tanto Teiji como Minoru estavam nas cortinas, e a porta devia ser controlada pelos operadores de pés, revezando-se quando não estavam em cena para um determinado ato.

Jiro estava satisfeito. Mal podia esperar que o pai viesse entregar novos bonecos para que pudesse saborear seu primeiro triunfo como aprendiz. Mas o pai não veio. Todos os bonecos a serem usados já estavam pendurados no saguão escuro, ou sendo trazidos por Yoshida e Mochida, do depósito que ficava nos fundos do pátio, para ganharem outras roupas. Não havia bonecos novos para essa peça. Por que a princesa em que seu pai trabalhara tanto durante o último verão não podia ser usada? O que seus pais iriam comer no inverno?

Nunca havia tempo livre para os rapazes no Hanaza. Senão, Jiro já teria tentado ver os pais muito antes. Mas agora a preocupação chegara a tal ponto que lhe dava a ousadia que precisava para se aproximar de Mochida.

— Temo que meu pai esteja doente, senhor. Não tenho notícias dele e estou muito ansioso.

— Rico é o homem que tem um filho cumpridor de seus deveres.

Jiro ficou embaraçado. Não era um filho que merecesse esse elogio. Mas era bom que Mochida o considerasse assim.

— Se eu pudesse ir... bem cedinho... e voltar a tempo das tarefas do desjejum...

— Isso significa que os outros rapazes teriam de fazer o seu trabalho antes disso.

— Vou pedir a Kinshi. Com sua permissão.

— Se Kinshi concordar em cobrir suas obrigações, não tenho nada a objetar.

Esse era o bondoso Mochida. Que seria dos rapazes sem o anteparo dele, acolchoando a situação entre eles e Yoshida?

Jiro nem dormiu direito na noite seguinte. Tinha tanto medo de perder a hora e com isso a oportunidade de ir até em casa... Ouvia o vigilante que andava pelas ruas, batendo seus blocos de madeira e anunciando as horas. Finalmente, quando eram quatro horas, saiu deslizando no escuro, com cuidado para não acordar os outros. Minoru estava deitado de costas, com um braço jogado sobre o rosto, roncando como um porco de focinho entupido. "O que Yoshida podia ter na cabeça para contratar um bárbaro como aquele?", pensou Jiro, vestindo as calças. Imaginava Minoru na função de manipulador de pés, assoando o nariz no avesso de uma roupa de seda de um boneco. Argh!

Foi na ponta dos pés até a porta.

— Boa sorte.

Quem sussurrava era Kinshi, apoiado num cotovelo.

— Obrigado — Jiro sussurrou de volta. Acrescentou as palavras educadas que se devia dizer ao sair de casa:

— Vou para voltar.

— Não demore — respondeu Kinshi.

Por volta das quatro, no bairro das diversões, as ruas estavam completamente escuras, a não ser pela pálida luz da lua, baixa no céu, mas Jiro conhecia bem o caminho. Tinha vindo com o pai ao Hanaza várias vezes pelos anos afora, e não sentia necessidade de lanterna. Quando virou pela Dotombori, passou pelo muro alto da casa que agora sabia ser de Yoshida. A de Okada ficava a poucos metros dali e, em volta, havia várias casas onde titeriteiros, recitadores e músicos agora dormiam profundamente. Era tão tarde que até os bordéis já estavam fechados.

De uma forma estranha, Jiro sentia que a cidade lhe pertencia, já que ele parecia ser o único a reivindicá-la a essa hora. Talvez devesse temer os espíritos e fantasmas da noite, de que a mãe tanto falava, ou a ameaça muito mais real de uma sombra prestes a saltar sobre ele de um beco escuro para roubar seu casaco de algodão acolchoado, até mesmo sua túnica, suas calças. Com toda certeza, não tinha mais nada que valesse a pena ser roubado. Mas não tinha medo. Talvez isso fosse bom para ele — sua nova vida no Hanaza. Estava deixando para trás a criança medrosa e desajeitada que tinha sido. Graças a Kinshi, ganhava confiança em si mesmo, como nunca tivera antes. Apesar da maldição da mãe, iria tornar-se uma honra para o nome do pai. Ia chegar o momento em que o pai teria orgulho dele. O momento... — apressou os passos — será que o pai estava doente? Por que, já fazia dois meses, ele não vinha ao teatro? Com certeza não se afastara por estar zangado com o filho. A culpa era de Yoshida... devia ser. Yoshida estava economizando dinheiro, e só usava os bonecos velhos. Por que deveria se importar se, com isso, Hanji e Isako morriam de fome? A barriga dele estava cheia. "Que ele possa passar a eternidade como manipulador de pés para o diabo", essa tinha sido a maldição de sua mãe para Yoshida. Jiro quase sorriu. Era ainda pior do que a que ela lançara sobre ele.

A casa estava escura e bem fechada. Deu a volta pelo lado e passou junto ao portão que ficava entre sua casa e a do vizinho. Depois, aproximou o rosto dos postigos do quarto dos fundos, onde os pais deviam estar dormindo.

— Pai... — chamou, o mais alto que ousava. — Pai, sou eu, Jiro.

Esperou, mas não houve resposta. Bateu no postigo com os nós dos dedos.

— Pai, acorde, sou eu, Jiro... Veio um som lá de dentro.

— Quem? — perguntou uma voz de homem, mas não era a de seu pai.

— Jiro, o filho de Hanji. Quem está aí?

Em resposta, ouviu passos sobre o assoalho de esteira. A pessoa calçara seus tamancos de madeira. Jiro podia ouvir o som sobre as pedras e, em seguida, a porta da cozinha deslizou para o lado e, finalmente, o postigo que era fechado de noite deu um estalo.

Jiro correu até a abertura.

— Jiro? O que é que você está fazendo aí no meio da noite?

Era Taro, o filho do vizinho Sano. Acabara de abrir a porta e dar um passo atrás.

— Entre.

— Onde estão meus pais, Taro?

— Ninguém lhe disse? Seu pai adoeceu, e sua mãe o levou para a granja do seu primo, perto de Kyoto. Estou só tomando conta da casa enquanto eles estão fora.

— Meu pai está muito doente, Taro?

— Não sei. Ela disse que era nos pulmões, e que o ar do campo ia fazer bem a ele. Talvez haja mais comida por lá, também. Meu pai tinha um amigo que ia para aqueles lados com uma carroça, então eles pegaram uma carona quase para a viagem toda.

— Ah, sim...

— Seu pai estava cuspidando um pouco rosado, foi o que ele disse, mas não estava mal demais. Era só um pouco de descanso e comida e logo ia ficar bom. Foi o que ele disse ao meu pai.

— Quer dizer que os pulmões dele estavam sangrando?

— Não tão mal assim... só um pouco cor-de-rosa quando ele cuspia, eu acho. Sabe como é...

Jiro, no escuro, assentiu com a cabeça:

— Bom, obrigado pela ajuda...

— Não há de quê. Gostaria de lhe oferecer algo para tomar, mas...

— Não, não, não posso ficar. Tenho de estar de volta antes que o sol nasça.

Andou em direção à porta e acrescentou:

— Se tiver notícias dos meus pais... eu gostaria de saber. Estou no Hanaza.

— Claro, eu sei — disse Taro. — Sua mãe contou. Eu vou até lá se tiver notícias. Vá em paz.

— Obrigado. E você, fique em paz.

A escuridão não parecia mais agradável. Era fria e úmida, e a lua iluminava menos do que antes. Ele saiu correndo e estava de volta debaixo das cobertas no Hanaza muito antes que Mochida entrasse para jogá-las longe.

Embora Yoshida se considerasse um especialista na marionete feminina, de vez em quando ele resolvia manipular o principal boneco masculino. Como explicou Kinshi, numa peça como *As batalhas de Coxinga*, quando Yoshida fazia o principal papel masculino, o do guerreiro Watonai, ficava em cena quase o tempo todo. E como os cenários eram muito elaborados, Yoshida ainda tomou a decisão de não alternar essa peça com uma tragédia doméstica como costumava fazer, mas resolveu apresentar essa única produção enquanto a bilheteria estivesse dando lucro.

Jiro estava contente e bastante agitado com o fato de que sua primeira aparição em cena ocorria logo no início da peça. Ficava de cócoras atrás do parapeito de madeira e segurava o bastão de modo que sua concha gigantesca ficasse bem no nível do palco, como Kinshi lhe ensinara a fazer.

Daí a pouco Kinshi, segurando a narceja de pano bem acima das costas curvadas, entrava em cena saltitante, fazendo com que o pássaro batesse as asas. Rodava por ali um pouco, depois virava para baixo a cabeça da ave, como se tivesse avistado o marisco, e ia se abaixando, guloso, em direção à concha aberta.

Jiro puxava a corda e *zás!*, prendia com firmeza o bico comprido do pobre pássaro (ou, pelo menos, era o que a platéia pensava). “Kinshi” batia as asas e lutava com força. Okada recitava a história enquanto o guerreiro Watonai e sua mulher Komutsu, caminhando ao longo da praia, encontravam a cena dos dois animais, cada um decidido a devorar o outro.

Watonai virava-se. Jiro observava a volta com todo o cuidado. O que havia nos pés que ele não conseguira descobrir? Ah, era aquilo, o pé direito, a altura exata do pé direito. Ele não o levantava tanto, era isso? E se mexia como se fosse um passo de dança, o ritmo casando perfeitamente com o do samisém. “Da próxima vez”, pensou, “vou conseguir fazer direito, para Mochida ficar satisfeito. Kinshi tem toda a razão. Sempre que a gente está em cena, tem de estar alerta... há segredos maduros, prontos para ser roubados por qualquer aprendiz que mantiver os sentidos atentos. ”

Depois da longa fala de Watonai, sobre a parábola do marisco e da narceja — que apresentava o marisco e o pássaro como duas nações que se destruíam e abriam o flanco para serem atacadas por uma terceira força poderosa —, Komutsu pegou seu longo grampo de casco de tartaruga, e abriu a concha do marisco, libertando a narceja.

— Tuí-tuí... — murmurou Kinshi “batendo” as asas e indo embora.

Mas Jiro não alterou sua expressão. Em algum ponto, debaixo de um capuz preto, os olhos agudos e negros de Yoshida estavam atentos.

— Você não devia brincar em cena, Kinshi. E se Yoshida ouvisse um desses seus *tuí-tuís*? O que ia fazer?

— Nada que já não me tenha feito antes, imagino.

Mas não foi a despedida da narceja que acabou arrumando encrenca para Kinshi. Foi o caso de uma dor de barriga que deu em Kawada, o operador de pés, uma tarde, no meio do terceiro ato. Ele conseguiu se controlar a duras penas e completar a cena, mas era óbvio para todos que, se fosse obrigado a continuar, isso poderia significar um desastre para todo o espetáculo.

— Não tem outro jeito — disse Yoshida. — Yoshida Kinshi vai ter de fazer os pés no resto da apresentação. Ele é um tolo, mas conhece o texto e sabe o que eu espero. Nenhum dos outros rapazes jamais trabalhou comigo e todos os outros operadores já têm suas tarefas.

— Está nervoso, Kinshi? — Jiro não podia deixar de perguntar.

Kinshi esticou o lábio inferior e deu de ombro.

— Boa sorte.

Kinshi deu um risinho e puxou o capuz sobre a cabeça.

Jiro teve de pegar os bonecos que eram manipulados por um único homem, destinados a Kinshi, nas cenas que pediam soldados, e quando não estava em cena ficava em pé ao lado de Teiji, na cortina esquerda. Estava louco de ansiedade. Cutucou Teiji e sussurrou:

— Kinshi está indo bem, não está?

— Na m-m-m-minha op-p-p-pinião...

Esse era o problema. E na opinião de Yoshida? Os três — Yoshida, Mochida e Kinshi — tinham de estar “respirando como se fossem um” naquele momento. Seria possível Kinshi conseguir trabalhar tão perto assim do pai? Parecia que sim.

— A-a-a-acho que está b-b-b-bom... — sussurrou Teiji, encorajador.

Jiro concordou. “Por favor, ajude-o, ajude-o”, rezava ele para Ebisu ou qualquer deus que pudesse estar ouvindo.

Finalmente, a última batalha tinha sido travada e Watonai, vitorioso, saía do palco marchando, ao som de *vivas*, gritos e aplausos da platéia. Okada ergueu o *script* e se curvou pela última vez. O espetáculo terminara.

Mochida puxou o capuz para trás. Quando passou por Jiro, sorria.

Jiro cumprimentou Kinshi:

— Você conseguiu! Você conseguiu! Kinshi sorriu:

— Ah, se você fosse meu mestre, como a vida seria fácil...

Já era quase meia-noite quando os rapazes finalmente terminaram de limpar tudo depois da refeição noturna e cuidar do teatro para a apresentação do dia seguinte.

— Devíamos celebrar de alguma forma — sugeriu Jiro. — Vamos fazer alguma coisa para comemorar, vamos fazer um brinde ao triunfo de Kinshi hoje.

— E o que é que sugere o senhor Mestre dos Brindes? — perguntou Wada, sarcástico. — O carvão está apagado. Não podemos nem ferver água.

— Eu sei onde posso conseguir um pouco de saquê — disse Kinshi de repente.

Foi até a porta e esticou a cabeça para o corredor.

— Acho que todo mundo já está dormindo — disse, num murmúrio meio alto. — Volto já.

E saiu.

— Kinshi, não... — chamou Jiro, mas o rapaz mais velho já se fora.

— É o tolo número um do mundo — disse Wada, abanando a cabeça, como se estivesse constatando ao mesmo tempo que espantado.

O “tolo número um” do mundo voltou em seguida com uma jarra de bebida, que logo os rapazes estavam de acordo em chamar de “vinho número um” do império!

Kinshi até convenceu o relutante Wada a se unir aos alegres festejos, e todos riram quando uma taça de chá, cheia do saquê

fortíssimo, foi rapidamente entornada para dentro da garganta de Minoru, como se fosse água caindo num barril de recolher chuva.

— Aah!

O porcalhão engasgara com a bebida. Observando a cara vermelha de Minoru, com as lágrimas escorrendo, Jiro tomava sua taça bem devagar, em golinhos pequenos, e estudava a cena alegre diante de seus olhos. Até o tímido Teiji estava rindo. Quanto a Kinshi, Jiro nunca o vira tão à vontade. Não era só por causa do vinho — é que nesse dia Kinshi tinha enfrentado uma prova muito difícil em cena e tinha passado.

— Yoshida te fez algum elogio esta noite? — perguntou.

— Yoshida? Mais fácil um touro dar leite...

— M-m-m-mas touro n-n-n-não... — ia começando Teiji.

— Eu acho que é exatamente isso que ele quis dizer — falou uma voz, do vão da porta.

Todos olharam assustados.

— Yoshida! — exclamou Jiro.

— Não sei como, mas o convite para esta festa não me foi entregue.

Inclinou-se e pegou a jarra quase vazia.

— Para provar que não fiquei ofendido, senhor Kinshi, agora eu o convido a ir visitar-me em meu quarto, assim que for da sua conveniência — curvou a cabeça para a frente, imitando um gesto de cortesia. — Mas tenho certeza de que vocês devem estar muito cansados após um dia tão cheio.

Pegou a lamparina e a soprou. Os quatro rapazes ficaram imóveis, como se tivessem sido congelados em suas posições, enquanto Kinshi saiu tropeçando nas cobertas pelo meio da escuridão. Ouviram seus passos se afastando no saguão, até que a porta do camarim do pai deslizou e fechou os dois lá dentro.

Jiro ficou deitado rígido, tentando ouvir os sons do camarim de Yoshida. A porta de papel e a distância abafavam tudo, exceto um murmúrio baixo, e depois a conversa cessou. Foi substituída por um rítmico *teque-teque-teque-teque-teque*. A cada vez, ele estremecia. Era tudo sua culpa. Ele é quem sugerira o brinde, mas Kinshi é quem apanhava. Não era justo. Yoshida devia ter castigado todos. Virou-se de um lado para o outro, para ver se não ouvia mais. “Ai, Kinshi, desculpe, desculpe...”

Finalmente, Kinshi voltou e entrou debaixo das cobertas. Foi recebido com o mais absoluto silêncio, o que significava que todos os rapazes estavam deitados acordados, tensos, à espera.

— Kinshi — sussurrou Jiro, finalmente —, me desculpe.

— Não foi nada — foi a resposta seca.

Pelo jeito de Kinshi usar a faixa, bem frouxa, no dia seguinte, Jiro podia ver que ele estava sentindo dor, mas os olhos do amigo só diziam “Não fale nisso”, e ele obedecia à sua ordem silenciosa.

Kawada, muito pálido, voltou ao trabalho, de modo que Kinshi e Jiro voltaram a ser narceja e marisco. Era como se o triunfo de Kinshi nunca houvesse ocorrido. A não ser por uma coisa: na mistura de sentimentos de medo e respeito que Jiro tinha por Yoshida aparecia uma nova vertente — o ódio. Era como uma veiazinha de lava quente e derretida, bem no fundo de uma montanha.

As batalhas de Coxinga tiveram uma longa temporada. Só depois de umas seis semanas é que a receita começou a diminuir e indicar a Yoshida que era hora de começar a trabalhar em uma outra produção.

Dizia-se que Okada estava escrevendo uma nova peça. Corriam boatos de que o herói era um bandido. Jiro duvidava que Yoshida pusesse em risco a chance de ter lucro, apresentando um espetáculo

que pudesse ofender seu público, em grande parte formado por comerciantes. Mas, para sua surpresa, Kinshi não concordou:

— Depende do texto. Se gostar do texto, ele é capaz de ofender o próprio xogum. Além disso, a história se passa no século XVI. Eles não vão ser tão espertos assim, para ver uma relação entre as coisas de hoje em dia e uma história de duzentos anos atrás.

A imaginação de Jiro achava divertido visualizar o pequeno Okada, enrugadinho, sonhando com histórias de bravos barões ladrões e ditando-as para um aprendiz.

— Quando ele está escrevendo assim, ele fica o tempo todo falando na história?

— Não, não — disse Kinshi. — Ouvi dizer que ele sempre a canta. Às vezes, quem está transcrevendo as palavras para ele não consegue entender tudo, mas ninguém ousa interromper e pedir que repita. Por isso acabam acontecendo uns erros engraçados. Mas Yoshida conhece Okada suficientemente bem para saber qual era a intenção original. Pode sempre corrigir e editar. E evidentemente, Okada não precisa de um texto corrigido para as cenas que ele mesmo recita.

— É uma pena ele ser cego...

— Uma pena? Por quê? Ele é um mestre da recitação e também um dramaturgo. É um homem para se invejar. Eu daria meus olhos

para estar no lugar dele... meus ouvidos também, aliás.

— Não brinque com essas coisas.

— Não estou brincando.

A peça nova de Okada ainda não estava pronta, e por isso Yoshida escolheu outra das favoritas tradicionais, *Os amores suicidas de Sonezaki*. Jiro ia puxar a cortina do lado direito do palco e, como antes, era o único membro da companhia que não sabia o texto.

— Não se preocupe. Eu arranjo para você — garantiu Kinshi, mas a última surra que o amigo levava ainda ecoava nos ouvidos de Jiro. E se o rapaz mais velho fosse apanhado de novo?

— Não — disse ele. — Desta vez, eu vou.

— Você não vai fazer uma coisa dessas — replicou Kinshi. — Se Yoshida lhe pegasse mexendo nas coisas dele, o que você acha que aconteceria?

— Então, vou trabalhar sem saber o texto.

— Jiro, deixe de ser bobo. Você não pode fazer isso. No começo, eu consegui que os manipuladores lhe dessem cobertura, mas agora

você está aqui já há quatro meses. Não é mais um novato.

— Não entendo — disse Jiro. — Todo mundo é novato no começo. O que é que as pessoas fazem, em geral?

— Bom, todos os adultos conhecem os textos clássicos.

— Mas os rapazes, o que é que eles fazem?

— Não sei — Kinshi corou. — Eu sempre roubei para os nossos. Yoshida sempre os guardou em seu quarto, desde que eu me entendo por gente. Para mim, era fácil. E ajudava os outros.

— Você mesmo me disse que devíamos aprender pelo “mui honrado caminho dos erros horrorosos”.

— Isso mesmo. Mas eu sei o que é enfrentar a raiva de Yoshida. E sou mole como um pudim quando vejo alguém sofrendo. Já lhe disse, me falta a força de espírito para o teatro.

Durante o quarto ato de *As batalhas de Coxinga*, Jiro, que não tinha nenhuma tarefa especial, em geral ficava de pé ao lado de Teiji, absorvendo tudo o que podia do palco. Mas, naquela tarde, murmurou qualquer coisa sobre uma dor de barriga e escapuliu do teatro. Não podia trancar a porta do beco quando saísse, mas a encostou bem apertado e rezou para ninguém notar. Andou pela

Dotombori com o ar mais disfarçado que pôde — alguém podia reparar se corresse — e virou na rua que levava à casa de Yoshida. O portão no muro alto estava fechado, mas, com cuidado para que ninguém o visse, Jiro subiu rápido por ele e pulou para o outro lado, no jardimzinho da frente. A casa estava fechada. Mas os postigos, como ele esperava, estavam abertos e assim as portas de papel que davam para o jardim deslizaram facilmente. Ele deixou os tamancos e entrou na casa.

Como dissera Kinshi, no quarto, junto ao arranjo de flores e ao rolo de papel pendurado, havia pilhas e pilhas de textos em papel encadernado. Yoshida já começara a separar as cópias de *Os amores suicidas de Sonezaki*. Estavam bem em cima. Pegou uma, com o coração disparado. Será que Kinshi realmente não ligava a mínima para roubar a propriedade do pai? Queria sair depressa, mas, quando se virou, seu olhar foi atraído por alguma coisa no arranjo de flores. Era um ramo de flores de inverno, taboas e caniços secos, numa cesta alta de vime, com uma forma estranha. Era de vime, mas o trançado estava rompido em um dos lados, e o fundo era redondo, nem ficava em pé, de modo que fora encostada na parede do quarto para não cair. Realmente, não era um recipiente apropriado. Parecia mais um... é, era isso mesmo... se fosse virado de cabeça para baixo, seria exatamente igual aos chapéus de cesto que um sacerdote Komuso usaria na cabeça. Por que cargas d'água Yoshida teria um chapéu daqueles em casa?

Maus presságios para o Ano Novo

Okada terminou a nova peça logo antes do Ano Novo. Yoshida providenciou uma cópia para cada um dos cinco manipuladores principais, inclusive ele mesmo, três para Mochida dividir entre os seis manipuladores esquerdos, e duas para Kawada, para os oito manipuladores de pés. Os rapazes, como sempre, não receberam nada, embora seus nomes já estivessem no cartaz como controladores da cortina e operadores dos bonecos simples, que podiam ser manipulados por um só homem, e que Okada generosamente salpicara por toda a peça.

Teiji estava aterrorizado.

— Se eu f-f-f-fizer um erro, Yoshida v-v-v-vai me matar, e ele me botou com os b-b-b-bonecos simples em três cenas d-d-d-diferentes.

Kinshi acabou de tomar a sopa do desjejum, fazendo barulho, e disse:

— Não se preocupe, Teiji. Eu vou conseguir um texto. Não consegui sempre?

Ao dizer isso, olhou para Jiro como se o desafiasse a contradizê-lo.

— Não é a mesma coisa, com uma peça nova — argumentou Wada, pessimista. — Yoshida não vai ter uma porção desses textos espalhados pela casa.

Jiro se virou para o rapaz mais velho:

— Como é que vocês fizeram da última vez que Okada escreveu uma peça?

Kinshi sorriu.

— Roubei a cópia pessoal de Yoshida. Minoru deu um tapa na própria coxa:

— Você é um demônio, de verdade! Ele não é um demônio?

— Não, não sou — disse Kinshi. — Primeiro deixei que ele a decorasse.

— E ele nunca desconfiou? — perguntou Jiro, cético.

— Se desconfiou, nunca falou nada.

— Bom, agora você não vai fazer essa gracinha de novo

— disse Jiro.

Os outros se viraram para ele, chocados com o que estavam ouvindo, mas interessados.

— Você está desafiando a autoridade do aprendiz mais velho? — perguntou Wada.

Kinshi também parecia estar à espera de uma resposta. Jiro pousou a tigela e colocou os pauzinhos por cima dela. No Hanaza, eles não tinham apoios adequados para os pauzinhos de comer — pelo menos, não para os rapazes.

— Não estou tentando desafiar sua autoridade, Kinshi

— disse ele. — Só acho que, como sou o mais novo, e o que tem menos a perder, é melhor que quem corra o risco seja eu. Quero dizer, Yoshida não pode me rebaixar muito agora, pode?

— E se ele te bater? — perguntou Minoru.

— Bom, só espero que eu consiga agüentar como um homem. Todos nós temos um excelente exemplo de como é que se deve fazer.

Olhou fixo para Kinshi, que devolveu o olhar, mas depois desviou.

— Eu acho — disse Kinshi com suavidade, ainda sem encarar Jiro, mas olhando para as portas de correr — que ele iria te expulsar.

Jiro engoliu em seco.

— Então, eu estaria expulso. Mas não acho que ele fosse fazer isso. É mais provável que ele dê a mim, e não a vocês, uma segunda chance. Todos vocês estão aqui há mais de um ano, já deviam saber como são as coisas. Mas eu... pode ser que ele ache que vocês me obrigaram...

— Você é c-c-c-corajoso, Jiro — disse Teiji, sem esconder a admiração.

— Tem sua lógica — disse Wada.

Jiro sabia que Wada preferia mil vezes que ele levasse uma surra a ver Kinshi apanhar.

— Minoru? — perguntou Jiro.

— Claro! — disse Minoru. — É sua pele. Se você está louco para arriscá-la, quem somos nós para dizer que não?

— E Kinshi? — perguntou Jiro ao amigo, cujo olhar agora se detinha nas esteiras do piso. — Você me dá a permissão para eu ir conseguir o texto desta vez?

O mais velho deu de ombros, num gesto que Jiro considerou como a permissão pedida.

No mesmo dia, Jiro foi à procura de um garoto franzino chamado Tozo, que era aprendiz de samisém, e vivia do outro lado do teatro. Tozo tinha um rosto bonito, quase feminino, e era considerado como um dos mais promissores entre os músicos

aprendizes. Mas de algum modo, apesar de seu talento e beleza, até então ele conseguira evitar a arrogância e, diferente da maioria dos rapazes do lado leste do edifício, era sempre gentil com os aprendizes de titeriteiros do lado oeste.

— Será que você podia conseguir que eu visse Okada? Ele foi muito bondoso comigo, me ajudando a entrar no teatro, e eu nunca agradei direito.

— Ele tem estado muito ocupado com a nova peça — respondeu Tozo. — Mas acho que agora as coisas estão mais tranquilas. Pelo menos, eu posso perguntar. Espere aqui.

Em poucos minutos, Tozo estava de volta com a notícia de que Okada poderia vê-lo imediatamente. Jiro teria preferido ter um pouco mais de tempo. Tinha a esperança de conseguir pensar em algum presente para levar ao recitador principal, mas como o destino resolveu de outro modo, ele endireitou os ombros e marchou atrás de seu acompanhante.

Okada estava ajoelhado ao lado de seu *hibachi* a carvão. Os postigos não tinham sido abertos, e o quarto estava escuro e úmido.

— Com licença...

Okada virou o rosto em direção ao som da voz de Tozo.

— É o filho de Hanji, Jiro...

Jiro se ajoelhou e inclinou a cabeça até a esteira, murmurando:

— Desculpe interrompê-lo num momento tão ocupado.

— O jovem Jiro, hein? Entre, entre... — disse, fazendo sinal para que o rapaz se aproximasse do *hibachi*. — Aqui está mais quente.

— Quer que abra os postigos? — perguntou Tozo.

— Ah, os postigos noturnos. Sim, por favor. Deve ser triste ficar sentado aqui no escuro, não é, Jiro?

— Não, não faz mal.

— Perdoe-me. Luz e escuridão são a mesma coisa para mim, sabe? Abra sim, Tozo. Pode ser que a luz ajude a secar um pouco esta maldita umidade — disse, abanando a cabeça. — Meus ossos estão ficando velhos, sabe... Sentem muito a umidade.

Tozo abriu os postigos e deixou entrar a pálida luz do inverno. Não era suficientemente forte para secar muito a umidade, mas de algum modo fez Jiro sentir-se melhor do que se estivesse sentado

no escuro. Os olhos do cego estavam fixos, sob as pálpebras caídas, mas a boca sorria e se mexia.

— Obrigado, Tozo. E será que você consegue arranjar um bule de chá e um doce de feijão?

— Não se incomode — disse Jiro.

— É um bom pretexto. Eles não gostam de ficar mandando doces para um velho como eu. Tenho de ficar procurando bons pretextos.

Revirou o carvão com um par de espetinhos de metal.

— E como vão as coisas com você na ala oeste?

— Muito bem, graças ao senhor. Obrigado. Por favor, desculpe-me por não ter vindo antes agradecer formalmente, mas eu tinha esperanças de que meu pai pudesse mandar um presentinho...

O velho ergueu a mão.

— E o que é que eu ia fazer com um presente? Seria só um peso a mais em minha viagem para o paraíso.

— Mas tenho certeza de que ele gostaria de lhe agradecer por sua amabilidade comigo. Infelizmente...

— Sim?

— Ele está muito doente. Na verdade, teve que sair de Osaka e ir para o campo com uns parentes.

— Sinto muito — disse Okada, mexendo no fogo e acrescentando um montinho de carvão. — Hoje em dia há doença demais, e sofrimento demais, não acha?

— Sim, senhor.

— Pode entrar, Tozo.

Jiro teve um sobressalto. Não tinha ouvido o rapaz na porta.

Tozo entrou com uma bandeja, que pousou na esteira. Pegou a mão direita de Okada e a colocou gentilmente no bule de chá, e depois em cada uma das duas xícaras e no pratinho com os três doces de feijão. Fez um gesto de cabeça para Jiro e se despediu.

Okada serviu o chá sem se curvar sobre o bule, com os olhos ainda fixos. Ergueu uma das xícaras e estendeu-a para Jiro. Depois, apontou os doces. Jiro teve o cuidado de recusar três vezes, mas Okada insistiu e ele se serviu.

— Diga-me — perguntou Okada —, como está passando o jovem Kinshi estes dias?

— Muito bem, muito bem...

A boca de Jiro estava cheia de doce.

— Yoshida continua sendo severo como sempre com ele, pelo que sei.

— Ah, sim...

— Acho que, se eu tivesse um filho, faria a mesma coisa. Mas é difícil que o rapaz compreenda.

— Compreenda o quê, senhor?

— Está vendo. Nem você compreende. Como é que Kinshi pode compreender?

Tomou o chá num gole barulhento, como os velhos fazem.

— Gosto muito daquele rapaz.

— Eu também, senhor. Ele tem sido muito bom para mim. E, embora seja o mais velho dos aprendizes, nos ajuda a todos.

Okada sorriu.

— É difícil para alguém de fora como você... entender o nosso jeito de fazer as coisas aqui no teatro, não?

— Às vezes é.

— Por falar nisso, de quem é que Kinshi vai roubar o texto desta vez?

— O quê, senhor?

— Não precisa fingir que não sabe. Ele sempre rouba.

— O quê... como?

O recitador baixou a voz, até chegar a um sussurro cômico:

— Eu não conto a ninguém.

Jiro pousou a xícara. Sua mão tremia tanto que o chá sacudia de um lado para outro.

— Na verdade, senhor, uma das razões para eu ter vindo aqui hoje é esse texto.

— Ah?

— Eu estava com medo de que Kinshi o roubasse e fosse apanhado... Sabe, é que ultimamente o pai dele tem sido exigente demais com ele. E se a gente conseguisse um texto logo, bom... então íamos poder trabalhar muito melhor. Kinshi vai ter de operar vários bonecos simples, e todos nós temos nossas responsabilidades.

— Então você pensou que podia vir diretamente a mim e me pedir um texto, já que ninguém do outro lado daria mesmo um por vontade própria, é isso?

— É, senhor, acho que sim.

Okada riu, acentuando as rugas do rosto. Depois, inclinou-se para a frente e sussurrou, como antes:

— Há uma cópia extra naquela pilha atrás de você — disse. — Mas, se alguém perguntar, não deixe de dizer que roubou. Caso contrário, vai me meter em encrenca com Yoshida. E não podemos deixar que isso aconteça, não é mesmo?

— É... acho que não.

Jiro não conseguia descobrir se o velho estava se divertindo à sua custa.

— Acha que não, hein? — Okada riu de novo. — Bem, e como você vai ficar com o roteiro extra, eu acho que posso ficar com o bolinho extra, está bem?

— Claro, senhor, claro que sim.

Jiro se virou para a pilha de textos. Escrito a pinceladas na capa estava o título, *O ladrão de Tokaido*. Apanhou a cópia.

— Obrigado. O senhor está sendo muito bondoso.

— Bondoso? Mas eu não sei de nada, não lembra? Deu uma risadinha, como se tivesse dito uma piada.

— Sim, senhor — Jiro enrolou o precioso texto e o enfiou na dobra da túnica. — Obrigado.

— Diga a Kinshi que venha me ver. Ele costumava correr até aqui quando era menor, mas, depois que passou para a ala oeste, não vem mais.

— Eu digo a ele.

Jiro se curvou, saiu do camarim de Okada e foi dançando pelo corredor até o pátio. Estava com o texto. Os problemas dele e dos colegas tinham-se acabado — pelo menos, por enquanto.

Os rapazes estavam sendo acordados mais cedo do que nunca nesses dias, mas não se queixavam porque as horas extras eram dedicadas aos preparativos para o Ano Novo.

Havia muito o que esfregar e polir, coisa que eles faziam sem especial entusiasmo, mas além disso havia também a comida para preparar e isso dava chance para que beliscassem e provassem um bocado, antes que a senhora Yoshida os apanhasse.

— T-t-t-temos sorte... — disse Teiji, enquanto ele e Jiro estavam trabalhando juntos, fazendo rolinhos de pepino e arroz avinagrado dentro de uma folha de alga. — Há m-m-m-muita gente passando fome na cidade neste Ano N-n-n-novo.

— Por que a gente sempre tem comida?

— J-j-j-já disse. Temos sorte.

— Mas Kinshi disse que pelas ruas há cadáveres de pessoas que morreram de fome sem que ninguém as enterrasse.

Jiro fatiou o rolo com a faca e arrumou os círculos de arroz na caixa de Ano Novo, laqueada de vermelho.

— Enquanto est-t-t-tivermos indo bem de p-p-p-público, vamos...

— Pode ser, mas mesmo assim...

A voz de Jiro se calou. A senhora Yoshida vinha chegando. E ela não gostava de conversa em hora de trabalho.

— Jiro — disse ela, há alguém à sua procura lá na frente. Diz que é sobre seus pais.

Jiro saiu correndo pelo pátio e atravessou o teatro. Taro viera, conforme o prometido. O coração de Jiro batia acelerado e, enquanto se agachava para passar pela portinhola, todo seu corpo parecia pesado de medo.

— Meu pai? — foi logo perguntando, sem ao menos cumprimentar.

Taro fez um gesto com a cabeça.

— Parece que está na mesma. Sua mãe voltou sozinha.

— Ela lhe pediu que viesse me buscar?

Taro deixou pender a cabeça.

— Eu disse que você queria notícias, mas ela disse que não tinha importância, que eu não me incomodasse.

Olhou Jiro nos olhos.

— Mas eu vim mesmo assim. Achei que você...

— Claro, fez muito bem, eu tinha pedido que viesse. Bom, e como é que ela está?

— Não muito bem. Todos nós estamos passando fome, você sabe. Acho que é a mesma coisa em toda parte.

— É. Imagino que sim...

Jiro respirou fundo. Ainda bem que não havia nenhum cheiro torturante de comida escapando do teatro.

— Bem... obrigado por ter vindo — concluiu.

— De nada — assentiu o outro.

— Vou ver minha mãe assim que puder, mas não precisa dizer nada a ela, ouviu?

— Tudo bem.

O que Jiro queria era ir lá dentro na cozinha e conseguir alguma coisa para Taro comer. Mas refreou o impulso. Se as pessoas lá fora soubessem que havia comida no Hanaza, podia ser perigoso.

Cumprimentou, agradeceu de novo e viu o rapaz se afastar. Iam ter algum tempo livre no Ano Novo. Então iria ver a mãe.

O último dia do ano se passou num tumulto de limpeza e preparativos. Os rapazes mexeram o arroz empapado até que a senhora Yoshida considerou que ele já estava bom para fazer os bocadinhos que iriam na sopa de Ano Novo e os bolinhos que seriam assados sobre o carvão. Iriam ter três dias completos de folga, com muita coisa para comer e nenhuma responsabilidade a não ser acender o fogo e varrer os quartos.

— E Yoshida está doente — anunciou Kinshi sorrindo.

— Não vai poder participar da festa.

Minoru recostou-se na esteira do piso.

— Então posso comer e beber quanto quiser — anunciou, feliz.

A idéia de três dias de férias sem os olhos de águia e a língua afiada do mestre alegrava a todos eles, embora apenas Minoru, o ingênuo, expressasse em palavras seus pensamentos.

Para Jiro, isso significava que não seriam necessárias explicações complicadas. Sabia que Mochida lhe daria licença para sair. Podia passar o tempo todo com a mãe — se ela o recebesse.

Mochida deixou que ele saísse, tão cedo quanto quisesse, na manhã seguinte.

— Mas não quer esperar — perguntou — pelo menos até tomar a primeira sopa do ano?

Jiro agradeceu a gentileza, mas de alguma forma a idéia de que a mãe estava sozinha e com fome tirava o seu apetite para ficar festejando no Hanaza.

Quando Mochida veio acordá-los e mandar dois dos rapazes lá fora para buscar a água do Ano Novo no terreno de um templo nas vizinhanças, Jiro já estava vestido e dobrando as cobertas.

— Teiji! Minoru! — latiu Mochida. — Nasceu um Novo Ano. Vão logo buscar a água da sorte antes que ela acabe.

Os rapazes resmungaram e se viraram. Jiro lhes deu uma cutucada amigável, com os dedos do pé.

— Continuem sendo bons comigo este ano, amigos — disse.

— Espere por mim na porta lateral — sussurrou Kinshi.

— Eu abro para você sair, e depois fecho.

Jiro esperou. Soprava nas mãos e batia os pés. Estava uma manhã gelada. Que idéia de Kinshi, deixá-lo esperando no frio! Por que seria? Finalmente, o rapaz apareceu, vindo da direção da cozinha. Entregou a Jiro uma trouxinha quadrada, embrulhada num pano, e uma jarra, dizendo:

— Tome. Ponha debaixo da túnica. E isto aqui é sopa. É só esquentar. Os bolinhos de arroz estão junto com o resto.

— Kinshi, por que é que você fica roubando coisas para mim?

— Porque — disse Kinshi com uma expressão brincalhona, como se estivesse angustiado — eu não tenho cérebro, mas tenho dedos leves como pluma de ganso.

Passou a mão na cabeça e suspirou. Depois, mudando o tom, acrescentou.

— Vamos, vá logo. E não demore. Não podemos ficar a festa toda sem você.

E deu um tapinha nas costas de Jiro.

A jarra de sopa derramava um pouquinho e, até que Jiro chegasse à casa dos pais, estaria com a túnica toda molhada. Sentia o frio gelando. Poderia ter tirado a maldita jarra da túnica e levá-la na mão, mas era impossível, por causa das pessoas por quem passava, abrigadas junto aos portões ou nos becos. Estava escuro demais para ver seus olhos, mas podia sentir que o olhavam enquanto caminhava. Diminuiu o passo e tentou agir como achava que agiria alguém com fome. Curvou-se um pouco e apoiou a mão no estômago. Pelo menos, ainda estava magricela. Rezava para que o cheiro da sopa derramada não exalasse de seu corpo.

O bairro deles estava tranqüilo e escuro, a casa ainda fechada. Ele passou pelo portão do lado e foi até os fundos.

— Mãe! — chamou, o mais alto que ousava, já que não queria acordar toda a vizinhança. — Mãe!

Não houve resposta. Tentou a porta dos fundos. Não estava trancada, então ele a empurrou para o lado e entrou na cozinha.

— Mãe?

Tirou as sandálias e calçou os tamancos de cozinha. Não havia cobertas no quarto ao lado, onde os pais geralmente dormiam.

Colocou a jarra e a trouxa que estavam escondidas sob a túnica na mesa da cozinha. Do chão de pedra, Jiro subiu descalço para o nível coberto de esteiras, meteu a cabeça pela meia cortina e olhou para dentro da oficina. Nem sinal dela. Aonde podia ter ido àquela hora da manhã? O dia não havia raiado, e não amanheceria ainda por algumas horas.

Com uma mistura de sentimentos, que incluía ansiedade (será que algo lhe acontecera?) e alívio (não tinha que encará-la tão já), Jiro acendeu uma lamparina e procurou no pequeno aposento até que encontrou uma túnica velha do pai. Trocou de camisa. Havia água no barril. Pegou um pouco e limpou a sopa de sua própria roupa. Se a pusesse lá fora para secar, congelaria. Então resolveu torcê-la para que secasse ao máximo e depois pendurou-a na cozinha. Em seguida, carvão. Havia um pouco. Jiro levou o fogareiro de cozinhar até o pátio e acendeu o fogo. Quando a fumaça se desfez, ele o levou para dentro e pôs uma chaleira d'água para ferver.

Depois, abriu a trouxa que Kinshi tinha lhe dado. Numa caixinha de madeira, Kinshi pusera uma porção de cada uma das coisas boas que a senhora Yoshida e os rapazes tinham preparado na semana anterior, com chá e bolinhos de arroz, e balas, e gostosuras que ele nunca tinha visto. Em um canto, havia um pedaço de pano dobrado. Jiro desmanchou o pacotinho e dentro havia três moedinhas de prata. "Aquele malandro... aquele louco... aquele ladrão... Ele vai acabar arranjando encrenca para nós dois, com esse tipo de truque. Ia ter de devolver o dinheiro".

— Quem está aí?

Jiro se virou ao ouvir a voz da mãe, bem a tempo de se desviar dos golpes que ela desferia no ar com um pedaço de pau.

— Mãe! Sou eu!

Ele mal a reconheceu. Ela estava descabelada, com um olhar selvagem, com o quimono quase rasgado no ombro.

Ela deixou cair o pedaço de pau e ficou olhando para ele, depois ficou tonta, revirando os olhos. Jiro a segurou antes que ela batesse nas pedras do chão.

Ele a arrastou pela cozinha até a beirada da esteira, apoiou a parte superior do corpo dela em cima do degrau e depois passou as pernas dela também para cima. Ela parecia uma figura de papel, mas era pesada, desajeitada, difícil de segurar. Ele a levou até o quarto e arrumou uma almofada para colocar embaixo de sua cabeça e depois uma coberta para aquecê-la.

Os olhos de sua mãe começaram a piscar. Ela sacudiu a cabeça e os ombros e, com dificuldade, se apoiou no cotovelo.

Jiro ajoelhou a seu lado.

— Um Ano Novo raiou. Este ano, de novo, eu suplico sua bondade.

— Ano Novo — repetiu ela sem entusiasmo, deitando-se de novo.

Jiro foi até a cozinha. A água estava pronta, então ele fez um bule de chá e pôs a sopa para esquentar. Tentou sorrir para Isako enquanto trabalhava.

— Trouxe comigo um pequeno banquete — disse, tentando parecer mais alegre do que realmente estava.

— Comida. Onde você conseguiu comida?

— Yoshida mandou — disse ele, sem especificar qual Yoshida.

— Aquele marginal vagabundo... Ele bem podia virar barata na outra encarnação.

— Podia mesmo — concordou Jiro, contente, vendo a mãe voltar a seu estado de espírito normal. — Mas o gosto da comida dele não faz mal.

— Vou mudar meu quimono. Rasgaram o meu.

Jiro virou de costas, para dar a ela um pouco de privacidade.

— Eu... eu reparei que estava um pouco rasgado.

— *Um pouco* rasgado? Aqueles animais quase arrancaram meu braço!

Jiro mexeu a sopa. Deveria perguntar a ela o que tinha acontecido? Será que ela não ia ficar zangada, achando que ele quisesse bisbilhotar, se meter na vida dela?

— Pelo jeito, você nem liga para o que aconteceu.

— Ligo, sim... é só que eu...

— Eu só estava tentando — disse ela, entre dentes — ver se conseguia um pouco de comida.

— Ah... — disse ele, feito um bobo.

— Ouvi um boato de que estavam distribuindo comida no templo de Ebisu. Sano me contou. Os sacerdotes estavam distribuindo um presente... de Saburo. Era o que diziam.

— Saburo?

— Você conhece Sano. Ele sempre vem com uma história. Houve aquela festança enorme a noite retrasada na casa de Kawaguchi, para os comerciantes mais ricos. Enquanto a cidade passa fome, esses vampiros se reúnem para dançar em cima de nossos ossos. Bom, parece que desta vez eles beberam demais... ou então, como diz Sano, havia uma droga no vinho. De qualquer modo, dormiram todos, e quando acordaram descobriram que os encarregados do banquete tinham todos desaparecido. Juntamente com a comida, suas bolsas de dinheiro e todas as suas roupas, fora as tangas de baixo.

— E era isso o que os sacerdotes do templo de Ebisu estavam distribuindo?

— Quem sabe? O certo é que não adiantou. Era muito perigoso. Eu recebi um embrulhinho de comida, igual ao de Sano e Taro, mas, quando estávamos saindo do templo, havia uma multidão esperando... os que tinham chegado tarde demais para a distribuição.

— E eles atacaram vocês?

— Não, nada disso! Beijaram nossas sandálias e rezaram para que tivéssemos muita saúde no Ano Novo — concluiu ela, com amargura.

Jiro virou-se.

— Lamento muito que a tenham machucado.

— O filho de Sano estava lá, para ajudá-lo.

— Eu sei.

Jiro baixou a cabeça sobre o prato de sopa, sem dizer uma palavra. O que poderia dizer que não fizesse a raiva dela se abater sobre ele? Depois, levantou-se e puxou a mesinha baixa para o centro da sala. Dobrou o cobertor e, arrumando almofadas de cada lado da mesinha, serviu a comida.

Não suportava vê-la comer. Isako parecia um macaco das montanhas, no Monte Hiei, agarrando o lixo deixado para trás pelos peregrinos. Ele baixou a cabeça e tomou sua sopa, bem devagar.

— Não devemos comer tudo agora — disse Isako, abruptamente, enquanto começava a arrumar a caixa, com jeito de dona de casa. — O que é isso?

Jiro ficou com os cabelos em pé. Tinha esquecido do dinheiro.

— O quê? Tem alguma coisa aí? Era tarde demais para pegar de volta.

— Dinheiro — disse ela. — Onde foi que você conseguiu?

— Yoshida deve ter posto. Pode ser um abono de Ano Novo.

— Hummm...

Ela ficou revirando as moedas na mão. Jiro esperou que dissesse mais alguma coisa, mas ela não disse.

— Como está meu pai? — perguntou ele, finalmente.

— Como é que eu posso saber? — disse ela, lançando-lhe um olhar amargo. — Ele precisava comer direito. Isso é coisa que não dá para conseguir hoje em dia, mesmo no campo. A não ser, ao que parece, entre os comerciantes de arroz e os agiotas de Osaka...

Disse as últimas palavras olhando para a caixa de comida.

Durante o resto do dia, enquanto varria as esteiras e esfregava o chão de pedra da cozinha e do pátio, ele elaborava mentalmente coisas que pudesse dizer a ela. Se, de algum modo, conseguisse pensar nas palavras certas, talvez ela entendesse por que ele tinha

ido para o Hanaza. E o odiasse um pouco menos. Mas as palavras sempre secavam antes que conseguissem abrir caminho pela garganta seca até seus lábios. Ele gostaria que ela soubesse que no Hanaza ele tinha uma certa consideração — obviamente tinham melhor opinião sobre ele do que sobre Minoru, e provavelmente era visto como igual a qualquer outro dos rapazes, exceto Kinshi. E Kinshi... bem, até Wada reconhecia que Kinshi fizera de Jiro seu amigo especial. Ele tinha vontade de contar o que estava fazendo e garantir que, de alguma maneira, ia ajudar ao pai e a ela. Não sabia como. Sabia que não receberia salário enquanto não fosse promovido a manipulador de pés, mas ia descobrir um jeito. Tinha de descobrir.

— Sano disse que o daimio elevou a recompensa pela cabeça de Saburo...

Por que ela tinha que interromper seus pensamentos com esse comentário?

— Quem iria trair Saburo? Ele é o único amigo que os pobres têm hoje em dia.

— Isso mostra como você vive longe dos pobres — disse ela, remendando a manga do quimono rasgado. — Não existe honra entre quem tem fome. Se eu soubesse o nome dele, o entregaria, no mesmo minuto. Dez Saburos não valem um único dia da vida de seu pai... ou da minha, aliás, quando estou com muita fome. As autoridades sabem disso.

Mordeu a linha e continuou:

— Eles podem esperar mais um pouquinho. Até que apareça alguém que saiba e que esteja com bastante fome ou tenha muita cobiça. Vai aparecer... — confirmava ela, com a cabeça. — Não se preocupe. Alguém vai pedir essa recompensa antes que a colheita de arroz deste ano termine. Aposto minhas roupas como vai.

Estava escurecendo. Ele podia ficar para passar a noite, claro. Tinha sido a idéia original. Mas Isako não falou nisso, e ele não se sentia muito bem-vindo. “De qualquer modo”, pensou, “era melhor ir embora nessa mesma noite e deixar a comida com ela”. No Hanaza, ele tinha com que se alimentar. E seria um desperdício comer ali, do pouco que trouxera para ela. Tinha feito um bule de chá e se serviu.

— A senhora vai me desculpar por minha falta de educação, mas tenho que ir embora.

— É?

Se ela tivesse pedido, ele ficaria. Mas a única coisa que disse foi esse “É?”.

A túnica de Jiro ainda estava úmida, mas ele a vestiu mesmo assim. Não queria que Isako sentisse que ele a estava invadindo em nada, nem mesmo para pegar emprestada uma das camisas usadas de Hanji. Enrolou a faixa em volta do torso frio e vestiu o casaco acolchoado.

— Bem... — disse — acho que estou pronto.

Fez uma pausa. As palavras estavam em sua boca, aquelas palavras que uma pessoa diz quando sai de casa por pouco tempo.

— Vou para voltar — disse, em voz baixa.

Ela baixou a cabeça, cumprimentando, mas a boca era uma linha reta e os olhos não revelavam nada.

— Não demore — disse, finalmente.

O frio o atacou como se fosse um cachorro zangado, mordendo seu rosto, suas mãos, seus pés e tornozelos. Ele meteu as mãos dentro das mangas da túnica e abaixou a cabeça contra o vento. Não era longe: daí a uma meia hora devia estar de volta no Hanaza. Começou a dar uma corridinha. Mas, quando fez isso, viu um nariz saindo de um beco e resolveu diminuir o passo. Virou ligeiramente a cabeça, tentando olhar por cima do ombro. Não parecia que alguém o estivesse seguindo. Evidentemente, não tinha nada que pudesse ser roubado, a não ser o casaco, talvez. Abraçou-o de encontro ao peito com os braços.

— Oh, desculpe...

Quase tropeçara em alguém que estava deitado no chão, no meio da rua estreita. Jiro se ajoelhou sobre o vulto e distinguiu uma barba rala e as feições enrugadas de um velho, de olhos abertos.

— Avozinho, o senhor pode se machucar se ficar deitado aí. Vou ajudá-lo a ir até aquele portal ali adiante.

Sacudiu o velho com suavidade.

— Avozinho?

Os olhos gelados continuavam a encará-lo. Um arrepio de medo percorreu o corpo de Jiro. A pobre criatura estava morta — de frio ou fome. Talvez das duas coisas. Pelo menos, podia arrastá-lo para fora do caminho, onde ninguém pisaria no corpo e nenhuma carroça o atropelaria. Jiro agarrou o velho pelos ombros e começou a arrastá-lo para trás, pela rua abaixo. Levaria o corpo até o próximo beco, onde, dizia para si mesmo, os parentes do velho poderiam encontrá-lo de manhã para lhe darem um enterro decente. Na certa alguém viria procurá-lo. Ele devia ter um filho ou uma filha que cuidasse dele. Jiro pensou em seu próprio pai, caído na rua, sendo chutado e pisado, comido pelos cachorros famintos. Sentiu um calafrio. Não. Ia tomar conta do pai... e da mãe. Nada lhes aconteceria.

— Pare aí, seu ladrãozinho.

A voz às suas costas era grave. Jiro se virou e viu um homem grande, com o cabelo no estilo dos samurais e uma longa espada desembainhada: um dos *ronins* que pululavam pela cidade como se fossem ratos.

— Esta rua é território meu.

— Eu n-n-não sou ladrão — protestou Jiro. — O velho está morto. Eu só estava...

Largou o corpo e tentou recuar, mas o *ronin* agarrou seu casaco.

— Só estava arrastando o sujeito para o beco, para poder roubar qualquer coisa de valor que ele tenha.

— Não, de verdade.

— Este é meu território, seu urubuzinho imundo... — disse o homem, erguendo ainda mais a espada.

Era como se fosse uma cena representada num espetáculo de marionetes. Para Jiro, aquilo não parecia real, não podia estar acontecendo de verdade! Como é que ele podia ser morto por um samurai bandido na primeira noite do Ano Novo? Sua túnica ainda tinha um leve cheiro de sopa e suas orelhas ardiavam de frio. Um velho podia morrer, mas não ele... sua vida mal tinha começado. Se

pelo menos ele ainda estivesse com o dinheiro, ainda poderia tentar subornar o *ronin*. Mas agora, a não ser que ele conseguisse se desviar daquele punho de ferro...

E de repente, *pumba!* — o *ronin* caiu a seus pés.

— O que você está fazendo aqui fora? — era a voz feroz e bem conhecida de Yoshida.

— Eu...

— Por um triz você não foi morto.

— Eu sei.

O rapaz começou a tremer, o susto o deixara abalado.

— Obrigado, senhor — disse, batendo o queixo, tremendo os dentes.

— Não me agradeça — disse Yoshida. — Você jamais me viu esta noite. Não se esqueça disso.

— Sim, senhor.

— Agora volte, o mais rápido que puder.

Jiro saiu correndo, como um coelho que escapa da boca de um lobo e dispara em direção à toca sem olhar para trás.

A nova peça de Okada

Jiro se encostou na porta lateral do Hanaza, tentando recuperar o fôlego. Tinha que tentar se controlar e ficar apresentável antes que alguém o visse. Que dia estranho e perturbador... E, já que era o primeiro dia do Ano Novo, o que significaria para o ano que estava começando? Puxa! O pensamento o atingiu no meio do peito, como se fosse uma bola de neve. Tinha-se esquecido, esquecido completamente, de fazer sua peregrinação de Ano Novo. Devia ter feito uma parada no templo no final da Dotombori, de manhã, quando estava indo para casa. Mas estava tão preocupado com a sopa que derramava da jarra, e tão ansioso com o encontro com a mãe, que a idéia nem lhe passou pela cabeça. Por conta própria, Jiro jamais iria rezar na passagem de um ano para o outro, mas antigamente seus pais sempre o levavam a um templo no primeiro dia do ano. Agora, ele ainda tinha essa falta de devoção para somar a todos os estranhos presságios do dia. Pensou rapidamente que podia voltar, mas, naquele momento, a perspectiva de encontrar

Yoshida no caminho lhe dava ainda mais medo do que a possibilidade de azar no ano que começava.

— Estou de volta! — chamou, junto à porta lateral.

Teve de chamar mais duas vezes antes de ouvir um barulho abafado no corredor. Finalmente, com o som de risadas e brincadeiras, puxaram a tranca e a porta foi aberta, para que entrasse.

— Ah, Jiro... Seja bem-vindo.

Minoru limpou o nariz na manga do casaco.

— V-v-v-você perdeu a festa toda — disse Teiji, dando um soquinho em Minoru, e os dois caíram na gargalhada de novo.

— Vocês beberam todo o vinho doce? — perguntou Jiro.

— Não exatamente — respondeu Minoru, alegre. — Mas bem que tentamos, não foi, Teiji?

— R-r-r-responda só por você, seu porquinho — respondeu Teiji, disparando pelo corredor em direção ao quarto dos rapazes, enquanto Minoru o perseguia, desajeitado.

Jiro fechou a porta e tornou a trancá-la. Era óbvio que Yoshida não tinha aparecido por ali ultimamente.

— Isso mesmo — confirmou Kinshi mais tarde. — Ele ainda está doente.

— Com um pouco de sorte... — embora estivesse bêbado, Wada ainda tinha o cuidado de olhar para Kinshi enquanto falava —... com um pouco de sorte, pode ser que ainda fique doente durante os feriados todos.

— Com um pouco de sorte — disse Kinshi — pode ser fatal.

Lançou a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

Todos riram até não poder mais — exceto Jiro. Era evidente em seu rosto o choque que sentia diante do desrespeito ostensivo do amigo. Ou talvez fosse pelo fato de que menos de uma hora antes Yoshida tinha salvado sua vida.

Kinshi se adiantou e brincou com o cabelo de Jiro, dizendo:

— Minoru, dê um pouco de vinho a este cara de lagarto antes que ele estrague a nossa festa.

Yoshida não botou os pés no Hanaza durante os três primeiros dias do Ano Novo, mas reapareceu no quarto dia, plenamente recuperado, com um novo cartaz para o quadro de avisos. Os rapazes esperaram impacientes, enquanto os mais velhos se acotovelavam para ler as instruções corrigidas do mestre para a peça de Okada.

— Não! — resmungou Kinshi em voz baixa. Como era mais alto, podia ver por cima das cabeças dos mais velhos e ler o anúncio antes dos outros rapazes. — Por que é que ele faz uma coisa dessa?

A peça devia estrear dali a uma semana, mas Yoshida tinha decidido, mesmo com um prazo tão curto, que ia trocar as funções dos manipuladores. Ele mesmo continuaria como manipulador principal do bandido Joman — o protagonista — mas, em vez de Mochida na esquerda e Kawada nos pés, Mochida passava a ser o manipulador principal de Fusamu, uma cortesã que ajudava os bandidos a escapar das autoridades. Tecnicamente, era um papel pequeno — a boneca aparecia apenas em um ato — mas enquanto estava em cena ela ria e chorava, chegava até a dançar — um desses papéis com que qualquer manipulador sonha. Ou tem pesadelos — porque lá, debaixo do nome de Mochida como manipulador principal e do de Ueno, um dos mais antigos manipuladores de pés, como operador esquerdo, Jiro viu seu próprio nome. Ia ser ele o operador de pés do personagem Fusamu. Ele não estava pronto para ter essa responsabilidade. Sabia que não estava. Era por isso que Kinshi resmungava?

— Vejam — disse Kinshi, como se respondesse. — Vejam só.

Seu dedo apontava seu próprio nome. Kinshi seria o manipulador de pé do bandido Joman. Kawada atuaria como manipulador esquerdo. O rapaz mais velho segurava a cabeça entre as mãos.

— Yoshida sabe que eu não posso trabalhar com ele. Por que está fazendo isso?

— Eu acho que a febre afetou os miolos dele — disse Wada, num murmúrio rouco. — Vejam quem ele escolheu para manipular os pés de Fusamu.

— Pare com isso — disse Kinshi. — Não deixe que apareça o ferrão do seu ciúme, Wada. De qualquer modo, você não gosta de fazer personagens femininos. Isso é muito bom, Jiro. Yoshida está lhe dando uma grande chance.

— Eu não estou pronto.

— Ora, quando Wada e eu acabarmos de prepará-lo, você vai estar pronto. Não vai, Wada?

— Vai — resmungou Wada.

Kinshi deu um soquinho amigável em Wada:

— Anime-se. É muito mais divertido ser o aprendiz principal do que o último manipulador de pés. E você sabe disso. De qualquer modo, logo terá também sua chance.

Wada deu de ombros. Com o caprichoso Yoshida, nunca se sabia.

Ser manipulador de pés para um personagem feminino apresenta certas dificuldades. A primeira é o fato de que a boneca não tem pés. É claro que a essa altura Jiro já sabia beliscar por dentro a bainha do quimono com o indicador e o dedo médio, para criar a ilusão de pés. E sabia também onde colocar seus punhos fechados por dentro da roupa, para parecerem os joelhos da boneca quando ela se ajoelhava. Mas dançar! Só essa palavra já lhe enchia a cabeça de terror. Dançar... com todos aqueles passos miúdos e entrecortados, aquelas voltinhas, tudo perfeitamente coordenado com a cabeça e as mãos... Doente de tanta apreensão, quase não comeu nada. Em vez disso, enquanto os outros comiam, ele ficava manipulando os “pés” de sua dama, pendurada nos caibros (não a verdadeira Fusamu, mas uma boneca velha que Kinshi lhe trouxera do depósito). Os outros lhe gritavam um monte de críticas — quase sempre com a boca cheia — de tal forma que sua ansiedade natural ainda ficava maior, com a incapacidade de compreender a metade do que diziam.

Jiro deixou a lamparina acesa muito depois de os outros já estarem debaixo das cobertas e ficou treinando na frente do espelho. O ronco feliz de Minoru era seu único acompanhamento,

embora no dia seguinte o gordinho se queixasse de que a luz o mantivera acordado a noite inteira.

Durante as manhãs, Jiro ensaiava com Mochida e Ueno. No começo, Ueno não tentou esconder seu desgosto com a inexperiência de Jiro. O rapaz chegou a ouvir o manipulador se referindo a “esse bebê chorão que Yoshida amarrou nas minhas costas”. Mas Mochida, que era o manipulador principal, embora fosse muito severo, nunca bateu em Jiro nem o chutou com seus tamancos altos. Jiro teve sorte. A perna direita do pobre Kinshi estava cheia de manchas pretas e roxas dos chutes de Yoshida.

Os dias e as noites se passaram numa espécie de névoa de ensaios e medo, até que, na véspera de se iniciarem os ensaios com figurinos, sem nenhum aviso prévio, Jiro de repente se deu conta de que não estava mais lutando para acompanhar os homens. Os pés de Fusamu fluíam com o resto de seu corpo. A boneca cortesã estava dançando.

No final do ensaio, Mochida e Ueno o cumprimentaram com a cabeça. Não o elogiaram e nem mesmo falaram com ele a respeito. Não era assim que as coisas se passavam no Hanaza. Mas o fato é que o cumprimentaram com a cabeça, e isso deu a Jiro a certeza de que eles, também, tinham sentido que Fusamu finalmente ganhara vida. Estavam prontos para os ensaios gerais com o resto do elenco. Okada, na qualidade de recitador principal, nunca ensaiava, mas um de seus assistentes, Toyotake, cantou o texto para a cena enquanto o jovem Tozo o acompanhava no samisém.

A cena mostrava o bandido Joman procurando refúgio na casa de uma cortesã chamada Fusamu. A mulher logo se apaixonou pelo malfeitor e prometeu escondê-lo da polícia, que o persegue.

Quando as autoridades chegam, Fusamu permite que dêem uma busca em sua casa. Não encontram bandido nenhum, apenas a criada de Fusamu e sua velha "mãe" careca que, segundo diz a cortesã, viera do campo para uma visita mas adoecera. Joman, no meio de muita tosse e escarro, dá um retrato convincente de uma velha doente.

A polícia parece se dar por satisfeita, mas, só por garantia, monta guarda noite e dia em volta da casa da cortesã.

Fusamu começa a se contorcer e a chorar. Quando os vizinhos entram, acompanhados dos policiais que vigiam a casa, ela explica que a mãe morreu e manda alguém chamar os "parentes do campo" (na verdade, os homens de Joman) para levar o corpo para ser enterrado. Para enganar os agentes, Fusamu finge enlouquecer de dor e começa a dançar — primeiro muito calma, mas ficando pouco a pouco mais alucinada e selvagem. Para controlá-la, é preciso que os três agentes unam seus esforços e, enquanto a estão segurando para evitar que se machuque, os "parentes do campo" levam embora o "corpo".

A seqüência da dança era crucial para a cena. Jiro tinha que bater os pés para fazer o barulho dos passos loucos da cortesã no chão. A voz de Toyotake, o recitador, ia se elevando para um clímax e, enquanto isso acontecia, debaixo do capuz preto de Jiro, o suor brotava em sua testa. Mas o pânico da semana anterior fora

embora. Ele podia sentir a presença de Mochida e Ueno, um de cada lado, seus corpos tensos como lutadores, seus sentimentos fluindo para dentro da boneca, como os dele. Agora não havia mais nenhum veneno de ressentimento ou ansiedade entre os três manipuladores. Dava para contar com a confiança, a integração, e toda a atenção se dirigia para a boneca.

Quando a cena terminou — Joman tinha sido levado embora por seus seguidores, entre uivos insanos de lamentação postos na boca de Fusamu por Toyotake — os três se apressaram a tirar Fusamu de cena. Mochida esbarrou em Jiro, como se fosse por acaso, mas o rapaz sabia que era uma forma de lhe agradecer. Os três tinham se apresentado bem, para Yoshida. Os três sabiam disso. E Yoshida era o único público que temiam. “Ah, se minha mãe pudesse ver o filho desajeitado numa hora dessa”, pensou Jiro.

Mais tarde, quando jantavam arroz e peixe seco, Kinshi falou com ele:

— Hoje Fusamu respirou.

— Você acha? — disse Jiro, tentando esconder da voz sua animação.

— Não tenho mais nada para lhe ensinar, e você sabe — Kinshi evitava o olhar de Jiro, pondo um pouco mais de legumes em conserva no seu arroz e cuidadosamente derramando por cima a xícara de chá. — É como se uma tartaruga quisesse ensinar um pardal a voar.

Tomou sua mistura de arroz com chá, fazendo muito barulho.

— Bobagem.

— É mesmo?

Kinshi levantou os olhos para Jiro. Estavam cheios de dor. Foi a vez de Jiro se dedicar a comer fazendo barulho.

As bolsas dos comerciantes estavam cheias depois do Ano Novo, já que os pobres tinham a obrigação de pagar das suas dívidas antes da virada do ano. E vieram maciçamente assistir à estréia da nova peça de Okada. Espalhará-se até mesmo entre a elite a notícia de que Okada produzira algo que valia a pena ver, e por isso os samurais de alto nível, cujo código proibia que perdessem tempo com algo tão vulgar quanto o teatro, abandonavam seus grandes chapéus trançados, para se disfarçar, e tentavam não chamar a atenção ao se misturar com a multidão que se sentava no chão de esteiras do Hanaza.

A dança louca se destacou como uma das cenas mais populares, e o sangue de Jiro esquentava com os gritos e o aplauso da multidão. Nem mesmo o final da peça fazia diminuir o entusiasmo dos comerciantes e guerreiros. Jiro tivera muitas dúvidas sobre como eles responderiam ao esperto Joman que, certamente, em muitos aspectos fazia lembrar Saburo.

No entanto, aqueles mesmos homens que publicamente juravam que dariam um fim “àquele demônio do Saburo” ou morreriam na tentativa, aqueles mesmos homens seguravam suas barrigas gordas e se deliciavam em ver Joman se torcer e tirar o pescoço de baixo da lâmina do machado e lançar o ridículo sobre seus perseguidores. Os chapéus de palha caíam para trás, resvalando das cabeças dos samurais quando eles davam tapas nas coxas e gritavam para o boneco:

— *Banzai*¹¹! Viva dez mil anos!

As autoridades se divertiam menos. A cada espetáculo, vários espões conhecidos e agentes disfarçados vinham assistir à encenação.

— Mas — como Kinshi lembrava — todos pagam ingresso.

Assim, em consequência dessa combinação de popularidade e notoriedade da peça, o Hanaza estava fazendo o melhor negócio da cidade.

Espectáculo de encomenda

Fevereiro foi se derretendo e virando março. E março, depois de uma exibição de variados caprichos, foi se aquecendo e virando abril. No Hanaza, *O ladrão de Tokaido* continuava a dar dinheiro e fazer sucesso, mesmo com a mudança de estações. Fusamu era aplaudida entusiasticamente noite após noite. A perna de Kinshi, com suas manchas roxas, começava a voltar ao normal. Na verdade, o teatro estava sendo quase um lugar alegre naquela primavera.

Fora das paredes do teatro, a cidade recebia a nova estação com outra disposição, bem diferente. Talvez o frio tivesse congelado os pobres durante o inverno, sem deixar que agissem. Mas, agora, bandos de homens e mulheres desesperados, às vezes até arrastando crianças, vagavam pelas ruas. As noites de primavera fervilhavam com esses piratas noturnos. Podiam ter algum destino em mente, algum objetivo — ninguém ousava perguntar. De vez em quando, um desses bandos lançava uma chuva de pedras contra os

postigos noturnos de uma loja ou os portões da casa de algum ricoço, mas quase sempre pareciam apenas assombrar a terra, como espíritos a quem fora recusada a entrada no céu ou no inferno.

Uma noite, Jiro acordou ouvindo batidas na porta do beco. Seu primeiro pensamento foi que se tratava de assaltantes noturnos e, embora seu dever fosse responder à porta durante a noite, já que era o mais moço dos aprendizes, ele apenas xingou debaixo das cobertas e tentou não ligar para o barulho.

— Jiro! — chamou a voz de Kinshi no escuro. — Acorde! Tem alguém na porta!

— Estou acordado. São aqueles bandidos que andam por aí de noite, você não acha?

— Não. Estão insistindo muito. Eu vou com você.

Os dois rapazes passaram para o corredor escuro. Agora, havia uma voz além das batidas.

— Já vamos! — gritou Kinshi, acordando o resto da ala oeste do Hanaza, que ainda não tinha sido despertada pelo visitante.

— Cuidado — disse Jiro, enquanto o mais velho fazia deslizar a tranca e entreabria a porta.

Kinshi pôs um olho na fresta.

— Quem é?

Jiro ficou colado a Kinshi, de encontro à porta, para o caso de que precisassem fazer força para fechá-la, batendo.

— Quem está aí? — murmurou.

— Ninguém — disse Kinshi. — Deve ter ido embora. Abriu mais a porta e botou o pescoço para fora, espiando o beco. Jiro se esticou até conseguir olhar também. Ninguém à vista. O visitante devia ter corrido quando Kinshi falou.

— O que é isso? — disse Kinshi, virando-se.

Um pedaço de papel, branco, estava pregado à porta. Ele o arrancou do prego. Em seguida, os rapazes passaram a tranca na porta novamente.

— Temos que acender uma luz, Jiro. É alguma mensagem. Mochida estava no saguão, do lado de fora do quarto.

— Que barulheira é essa? — perguntou.

Kinshi mostrou o papel.

— Alguém deixou isto na porta e saiu correndo.

— Venham cá.

Mochida levou os rapazes para o quarto que dividia com outros três manipuladores, todos agora meio levantados debaixo das cobertas. Mochida pegou as pedras-de-fogo e bateu-as até acender uma lamparina.

— Agora vamos ver que história é esta.

Era um aviso, em pinceladas de uma bela caligrafia, feito com tanto cuidado quanto um poema formal. E dizia o seguinte:

O Rei dos Ladrões (conhecido **por** alguns *como* Saburo) estará no Hanaza na quinta-feira para assistir a O ladrão de Tokaido, espetáculo **por** ele encomendado, a iniciar-se ao **pôr**-do-sol. A entrada para esse espetáculo deve ser livre para todos os seus súditos — os pobres de Osaka — que conseguirem entrar no teatro. Até lá...

— Saburo! — exclamou Kinshi, evidentemente deliciado. — Saburo em nosso teatro!

— É... — disse Mochida. — Estávamos mesmo no ponto para um desastre desses. As coisas estavam correndo bem demais, ultimamente.

Olhou para os rapazes e perguntou:

— Acho que estou condenado a levar esta mensagem de destruição para Yoshida, não?

Nenhum dos rapazes e nenhum de seus colegas se voluntariou para aliviá-lo dessa missão. Mas Mochida contou depois que Yoshida recebeu a notícia com notável serenidade e ordenou que o aviso fosse afixado no pátio.

A reação de Jiro ao aviso foi mais parecida com a de Mochida do que com a de Kinshi. Ficou estudando as palavras, como se elas fossem algum tipo de advertência dirigida expressamente a ele. Mas, se fosse, era como se estivesse redigida numa língua estrangeira, porque ele não sabia o que devia fazer para obedecer.

Para os outros, no Hanaza, a mensagem do bandido era motivo de muita especulação exaltada. Juntavam-se em grupos diante do quadro de avisos e discutiam se as belas pinceladas da caligrafia significavam que o bandido era um homem culto ou simplesmente que ele tivera acesso a um escriba de primeira.

— Mas a audácia do homem... imaginem só!

Sobre isso, todos concordavam, inclusive as autoridades.

Agentes especiais apareceram no teatro com todo o aparato, exigindo conhecer o significado do aviso no quadro. Um assistente de magistrado veio a cavalo, acompanhado por dois subassistentes, cada um dos quais trouxe cinco de seus próprios assistentes — o que indicava como o daimio estava levando a sério a questão.

O assistente de magistrado cavalgou até a alameda de entrada e desmontou com pompa. Usava as duas espadas de samurai de alto nível, um traje negro e um manto preto, nas costas do qual estava bordado o brasão de nobreza de sua família, exibindo o emblema de uma garça com as asas abertas. Não se deteve para tirar os tamancos e irrompeu por dentro do camarim de Yoshida, seguido por seu pequeno exército.

Durante o barulhento encontro com Yoshida, todos os membros do Hanaza que não tinham sido chamados para a reunião encontraram alguma desculpa para trabalhar o mais perto possível da porta. Jiro varria o quintal com atenção pela terceira vez, quando saiu marchando pelo pátio o assistente de magistrado, seguido por seus homens, como se fossem um bando de patinhos orgulhosos marchando atrás da mãe convencida. Cumprindo uma ordem sua, dois assistentes dos subassistentes arrancaram do quadro de avisos a mensagem de Saburo, com todas as suas belas pinceladas, e a rasgaram elaboradamente em pedacinhos.

Jamais seria permitido tal espetáculo. Os pobres já andavam de cara feia. Simplesmente autorizar que uma multidão deles se reunisse num lugar público já era perigoso. E ainda deixar que isso se desse depois do anoitecer estava fora de questão.

— Sim — concordou Yoshida. — Os senhores são muito sábios. De minha parte, com toda certeza não quero ver meu teatro depredado por uma multidão descontrolada. No entanto...

— No entanto, o quê? — perguntou o assistente de magistrado.

— No entanto, do ponto de vista das autoridades... saber que Saburo vai estar num determinado local a uma determinada hora...

Jiro teve de levantar os olhos do chão que varria para ter certeza de que quem falava era Yoshida. Nunca ouvira aquele tom antes. O mestre das marionetes parecia mais um parente pobre num banquete de Ano Novo. Sua voz obsequiosa continuava.

— Realmente, o senhor é um homem fora do comum, por conseguir, deste modo, colocar em primeiro lugar o bem da cidade. Imagino que alguém de menos estatura seria tentado, pensando apenas em sua honra, ou até mesmo na recompensa...

— É um truque, seu tolo. Saburo jamais viria. Ele apenas deseja que a polícia fique ocupada num lugar enquanto ele apronta uma

das dele em outro.

— Ah, entendo — disse Yoshida. — Evidentemente, o senhor tem razão. Ele jamais viria aqui. Nem mesmo Saburo é tão audacioso. Afinal de contas, ele não é burro.

“Que coisa, ele está representando um papel”, pensou Jiro. “Está tentando manipular o oficial de polícia como...”

Mas o assistente de magistrado já virara as costas, com o braço da grande garça voltada para Yoshida, em pleno discurso do titeriteiro, como se estivesse resolvido a ser o mais grosseiro possível. Bastou uma ordem seca e logo ele e seu pequeno rebanho de subassistentes e seus assistentes atravessaram o pátio e saíram pela porta do beco.

Antes de escurecer estavam de volta. O daimio tinha intervindo. O assistente de magistrado mal podia esconder sua raiva quando informou a Yoshida que Sua Alteza ordenara que se realizasse o espetáculo.

— Mas meu teatro! — a voz do mestre das marionetes era quase um gemido. — O senhor mesmo disse hoje de manhã que...

— Eu faço o que me mandam, titeriteiro — disse o assistente de magistrado, entre dentes. — E você também.

No portão, ele se virou de novo.

— Vai haver muitos policiais por aqui. Não tenha medo. Todos os policiais necessários.

Um espetáculo comum no Hanaza começava de manhã e durava até o entardecer, para aproveitar as horas de luz do dia. Mas Saburo tinha especificado que o espetáculo deveria começar ao cair da noite, e ninguém achava que ele fosse um sujeito com quem se pudesse negociar. Todas as lanternas e lamparinas do teatro foram trazidas. Depois, Yoshida mandou que os homens casados fossem a suas casas buscar todas as que houvesse por lá. Até mesmo os músicos da ala leste foram convocados para contribuir, e os rapazes começaram a trabalhar, colocando ganchos ao longo da parede e nas colunas, para que as lamparinas pudessem ser penduradas. Ia haver uma fileira de lâmpadas por cima do parapeito que fechava a área do palco. Todos estavam frenéticos com os preparativos e a ansiedade, exceto Mochida, que estava frenético de medo de que alguém esbarrasse numa lamparina e transformasse a glória do Hanaza em carvão para algum vagabundo fazer sopa.

Na quinta-feira, ao entardecer, havia mais do que as cem pessoas que o teatro comportava esperando do lado de fora. Primeiro, entrou a polícia. Havia uns dez guardas, incluindo o assistente de magistrado. Espalharam-se por pontos estratégicos do teatro. Em seguida, o recinto foi tomado por uma agitação nervosa de homens, mulheres e crianças que só tinham a raiva como único alimento, e espalhou-se pelo ar o cheiro de seus corpos sujos. Mais policiais ficaram de fora da entrada da frente e junto às entradas oeste e leste para as áreas dos camarins.

Kinshi e Jiro estavam de pé na lateral do palco e olhavam a platéia de policiais e pobres. Era como se um pescador tivesse jogado uma rede, sem olhar, e tivesse pegado um monte de ouriços, junto com algumas carpas brilhantes e um ou dois polvos gordos.

— Veja — Jiro cutucou Kinshi. — No meio, em direção à esquerda.

Kinshi tentou seguir a direção em que a cabeça de Jiro apontava.

— Onde?

— Aquela mulher pequena, de cinza. É minha mãe.

De repente, se sentiu mal. E se houvesse uma confusão no teatro nesta noite?

— Kinshi, por favor, vá lá e diga a ela para ir embora. Ela jamais me ouviria.

— Deixe ficar. Quando é que ela pode ter outra chance de ver o filho representar? Seria uma pena se ela perdesse a sua Fusamu.

— E onde está *a sua* mãe esta noite?

— Em casa. Yoshida queria que ela fizesse umas coisas...

— Está vendo só? Yoshida não quer que ela esteja por aqui. Sabe que provavelmente vai haver encrenca, e das grandes.

O que mais Yoshida sabia? Jiro não conseguia tirar da cabeça a cena que vira representada diante dos oficiais de polícia.

— Convença minha mãe a ir para casa, por favor.

— Bobagem. Eu vou lá é para dizer a ela que preste atenção nos pés de Fusamu.

Kinshi foi para a frente do palco e, sem cerimônia, desceu, passando uma perna de cada vez por cima do parapeito. As pessoas que se apinhavam na primeira fileira se desviaram ligeiramente enquanto ele punha seus pés enormes pelo meio delas, abrindo caminho até onde Isako estava sentada na esteira. Não havia lugar para Kinshi ajoelhar, e por isso ele se curvou sobre ela como se fosse um pássaro imenso, batendo os cotovelos enquanto falava. Isako sacudia a cabeça, em pequenas reverências nervosas, que completavam a figura de um pardal confrontado por uma cegonha amiga, sem saber muito bem o que fazer. Finalmente, Kinshi curvou-se ainda mais, quase encostando sua cabeça na da pequena mulher, e novamente veio abrindo caminho entre a multidão, distribuindo pedidos de desculpas à esquerda e à direita, já que seus pés eram

grandes demais para escolher um lugar que ainda não estivesse tomado.

— O que foi que ela disse?

— O que é que as mães sempre dizem? — perguntou Kinshi. — Aquela lengalenga de sempre. Como ela está orgulhosa...

— Minha mãe não fala assim.

— Para dizer a verdade — disse Kinshi — ela não falou nada. Mas eu achei que você se sentiria melhor se eu...

Deu de ombros, completando.

— Você disse que ela fosse embora?

— Não, claro que não. Disse para ela não perder o terceiro ato.

Não havia nada a fazer. Era hora do início do espetáculo. Kinshi foi até o camarim, vestiu o capuz para o primeiro ato. Teiji veio para seu lugar junto à cortina.

— Q-q-q-qual deles você acha que é Saburo? — sussurrou.

— Saburo?

— E-e-e-ele está aí, em alg-g-gum lugar — gaguejou Teiji, estudando cada rosto do público. — Será aquele mal-encarado de c-c-c-cara suja na primeira fileira? Não. Óbvio d-d-d-demais.

Deu uma risadinha e continuou.

— Mais p-p-provável ser um dos p-p-policiais. Ou então — cutucou Jiro e apontou com o nariz — aquela m-m-m-mulherzinha ali na esquerda, de cara eng-g-g-graçada e brava.

— Aquela é a minha mãe.

— Ah, Jiro, d-d-d-desculpe... Mas ela *tem* cara de brava.

De capuz, Wada entrou em cena, vindo da coxia esquerda. Bateu um par de blocos de madeira e pediu a atenção da platéia para anunciar os nomes dos que iriam apresentar *O ladrão de Tokaido*. Sua voz ecoava, ao anunciar:

— Tozai! Tozai-i-i-i-i! Ouçam todos! Ouçam todos! Okada ergueu o texto e curvou a cabeça. Ouviram-se as primeiras notas do samisém. “Há muitos e muitos anos, vivia um homem

extraordinário...” No anoitecer de primavera, em que a luz rapidamente sumia, estava começando o espetáculo de encomenda.

Nunca o Hanaza tivera um público daqueles. A platéia dava gargalhadas e batia palmas toda vez que Joman enganava as autoridades sem graça. E todos choraram abertamente, homens e mulheres, quando o jovem filho de Joman preferiu morrer a revelar o esconderijo do pai. E quando Fusamu dançou sua dança enlouquecida, e o “corpo” de Joman foi carregado para um lugar seguro, eles se ergueram e bateram com os pés no chão.

— *Banzai!* — gritavam. — *Banzai!*

E Jiro não podia deixar de ficar contente por saber que sua mãe estava ali, ouvindo toda aquela aclamação.

Quando tudo já estava quase completamente escuro no teatro, Jiro e Wada acenderam a linha de lanternas por cima do parapeito, ao longo das paredes, e nas colunas. Os policiais, sem jeito, se mexiam em seus lugares.

Na cena seguinte é que Joman descobria que havia um traidor em seu bando. Ele concebia uma série de testes para descobrir a identidade do possível alcagüete. Mas nem mesmo o esperto Joman suspeitava que sua própria esposa estava se preparando para entregá-lo às autoridades.

Jiro substituiu Teiji na cortina, para que o amigo pudesse manipular um soldado, boneco simples, operado por apenas uma pessoa. A platéia gemia enquanto Joman testava seus seguidores leais, um após o outro, enquanto às suas costas o verdadeiro vilão continuava sentado, tecendo, como uma mulher do campo bem-comportada.

De vez em quando alguém gritava:

— Atrás de você, Joman, atrás de você. Ou:

— É ela, a mulher que dorme com você...

A platéia não podia estar mais envolvida, nem se estivesse em cena.

— Joman! Olhe!

A mulher se levantara do tear e pusera uma lanterna na porta da frente da casa que era o esconderijo de Joman. Na escuridão, os soldados se arrastavam para cercar a casa. Tinham visto o sinal. Todos tinham visto, exceto o infeliz Joman. Ele (que tolo por confiar numa mulher!) tomou uma taça de vinho drogado dada pela mão traidora da esposa e depois, sentindo o sono tomar seus membros, deitou-se como um bebê debaixo das cobertas que ela lhe preparara.

— Não, Joman, não! — gritava o público, quando a cena acabou e o herói parecia ter caído numa armadilha, sem qualquer esperança.

Jiro e Wada se adiantaram para trocar o cenário. Em seguida era a vez da casinha perto do local da execução, onde Joman estava sendo mantido prisioneiro. Deveria morrer no dia seguinte. Jiro tinha que ficar sentado fora do campo de visão, atrás da divisória, segurando um ramo com flores de cerejeira, feitas de papel.

A idéia de que um rapaz ou uma moça ia morrer na primavera era sempre pungente. Mesmo uma platéia como a dessa noite, formada por gente da rua, suspirava quando via o ramo.

A mulher infiel de Joman aparecia. A multidão assoviava. Ela estava parada debaixo do ramo de cerejeira e recordava outras primaveras — quando o amor era jovem e o mundo parecia puro e brilhante. De repente, ouviu uma voz vindo de dentro de casa. Era Joman, cantando uma velha balada sobre a volubilidade das mulheres e a brevidade e incerteza da vida humana. Ouvindo, a desgraçada se encheu de remorso. Tirou de dentro da manga a pequena adaga que uma mulher sempre levava para sua proteção e, meditando sobre seus pecados e a infelicidade do destino, acabou enfiando a lâmina bem fundo no peito, gritando para Joman:

— Perdoe-me! Perdoe-me!

E morria, com graça.

Em seguida a essa cena, o público começava a discutir. Joman deveria perdoá-la, mesmo sendo uma traidora? Nunca, declaravam alguns. Trair o marido é trazer a desonra eterna para si mesma. Mas, diziam outros, ao tirar a própria vida ela não pagou sua dívida?

O cantor e o tocador de samisém apareceram para o ato final, de modo que todas as discussões cessaram e todos os olhares se voltaram para o palco mal iluminado.

Quando os soldados vieram levar Joman para o local da execução, era um dia escuro e tempestuoso. (Atrás do palco, Jiro batia painéis de metal uma na outra, enquanto Wada e Teiji, nas coxias, um de cada lado, agitavam uma longa fita amarela de seda, para dar o efeito dos relâmpagos.)

Apareceu um grupo de figuras espectrais. Os soldados, assustados, mas determinados a cumprir seu dever, foram para a casinha onde Joman estava preso, para arrastá-lo para fora, onde seria enterrado. Encontraram-no no chão, aparentemente sem vida. Lá do alto, ouviu-se uma voz dizendo:

— Oh, irmãos, minha alma já abandonou esta carne sem valor e agora está atormentada por todos os meus pecados...

(No fundo do palco, o som de uivos vinha se somar ao dos trovões.)

— Joguem fora a carcaça que um dia abrigou fruto tão venenoso, para que ela possa ser devorada pelos corvos. Depois, corram para o templo, para rezar, a fim de que as suas mãos, que foram contaminadas pelo mal, possam se purificar.

(Mais gemidos e estrondos.)

Os bonecos-soldados tremiam visivelmente. Mas o sentido de dever levou um deles a dizer que era bom degolarem o cadáver de qualquer jeito, já que deviam apresentar uma cabeça ao daimio, como prova de que tinham executado sua missão.

— Sim — concordou a voz do fantasma —, separem esta maldita cabeça de meu corpo e a pendurem num poste, fora dos portões da cidade. Pois ela tem grandes poderes para limpar esta cidade de todos os seus males.

(Uivos e estrondos ainda mais altos.)

— Basta um olhar para estes olhos e qualquer homem que jamais tenha dito uma mentira terá a boca coberta de feridas terríveis. Qualquer um que já tenha se afastado de sua mulher, mesmo em pensamento, mesmo por um simples olhar para outra, vai adoecer mortalmente com a peste. E qualquer homem que tenha roubado, ou pelo menos invejado o que é dos outros, vai ver suas mãos caírem na altura dos pulsos. E assim a cidade ficará para sempre livre, não apenas do malfeitor, mas de todos aqueles

corações sombreados por maus pensamentos. Sim, levem minha cabeça, homens de coragem. Tem de ser vocês, cujos corações não têm mancha nenhuma.

A essa altura, os soldados já estavam quase fora de si de tanto medo. Resolveram degolar o cadáver da esposa de Joman e levar a cabeça, enrolada num pano, para o daimio, repetindo a mensagem do fantasma, caso o velho resolvesse desenrolar o embrulho e dar uma olhada.

Depois que foram embora, Joman se levantou, o bandido que falara com voz espectral desceu do telhado, e o ladrão e seu bando se reuniram, em meio a muita alegria e o aplauso estrepitoso do público.

Okada, que cantara o ato final, assim como o primeiro, o terceiro e o quinto, ergueu o texto e cumprimentou.

De repente, como se obedecessem a um sinal, todos os que estavam perto de uma lamparina se aproximaram dela, sopraram e a apagaram. Juntamente com a luz, extinguiram-se os aplausos e as aclamações, tão abruptamente como se também tivessem sido apagados.

Sobre o silêncio, flutuou uma voz:

— Obrigado, amigos, tanto aos que representaram quanto aos que vieram se divertir. Quando for dado o sinal, por favor, saiam

tranqüilamente do teatro, sem chamar a atenção de ninguém, porque há guardas lá fora. Os atores devem contar bem devagar até cinco mil, antes de acender as lâmpadas novamente. E lembrem-se, amigos, do horror que sentiram quando Joman foi traído. Lembrem-se disso, caso algum de vocês sinta a tentação de se portar da mesma forma.

O teatro estava quase silencioso, esperando outras palavras de Saburo. Finalmente, a voz disse:

— Agora, podem ir.

Jiro podia ouvir a multidão saindo tranqüilamente do teatro. Esperou imóvel no escuro, até que uma voz baixa disse:

— Cinco mil. Podemos acender as lamparinas agora. Jiro bateu as pedras-de-fogo até conseguir uma fagulha para o pavio da primeira lamparina. Depois passou para a seguinte. À medida que, uma a uma, elas se acendiam, revelaram uma estranha visão. O assistente de magistrado e os outros oficiais de polícia, que poucas horas antes haviam entrado no teatro marchando com tanta solenidade, estavam agora só de tanga, com as pernas amarradas e os braços sobre as cabeças, presos pelos polegares atados. Por cima de mordanças bem apertadas seus olhos faiscavam, desafiando quem ousasse sorrir.

Yoshida adiantou-se correndo, para desamarrar o assistente de magistrado, que tinha um aspecto pateticamente ordinário, sem seu manto com brasão de garça e sem suas duas espadas.

— Senhor, que coisa horrível... Fico mortificado de ver que justamente no meu teatro...

— Mande alguém lá fora ordenar que os homens nos tragam roupas!

— Kinshi! — disse Yoshida, mas sua voz não mostrava o aço de sempre.

Kinshi correu até lá fora.

— E Yoshida — continuou o oficial —, cabe a mim ordenar-lhe que não apresente essa peça novamente. Entendido?

— Claro, senhor. Evidentemente, nós nunca pretendemos...

— Houve um excesso de alusões...

— Claro, senhor. Aquele bandido distorceu tudo para servir a seus propósitos. Nós nunca mais a apresentaremos.

Yoshida virou-se para Jiro, inclinou a cabeça para a frente e falou numa voz obsequiosa:

— Você aí, rapaz... Traga um pouco de vinho aqui para os cavalheiros... e alguns quimonos que eles possam vestir até que cheguem suas roupas.

Jiro não ousava olhar o mestre nos olhos. Curvou a cabeça e correu para obedecer.

Saqueadores na noite

Yoshida estava de mau humor. Sua produção mais lucrativa em muitos anos tinha sido proibida pela polícia e ele não tinha nada pronto para substituí-la. Afixou um cartaz no quadro que ficava junto à entrada, declarando que o teatro estava fechado por tempo indeterminado. Passava os dias vagando pelo pátio, gritando com qualquer pessoa que encontrasse pela frente. Se alguém estivesse sem fazer nada, ele maldizia os céus porque fora atingido por uma praga de piolhos que não faziam nada a não ser engordar os corpos imundos, metidos dentro de seus cabelos. Se uma pessoa estivesse ocupada fazendo alguma coisa, ele chutava a vassoura ou a costura das mãos que trabalhavam e maldizia os céus porque fora atingido por um monte de formigas que corriam de um lado para outro para dar a impressão de estarem ocupadas, mas que obviamente não tinham qualquer inteligência ou objetivo.

Jiro, que ficara parado com ar de idiota depois de ter a vassoura chutada de suas mãos, olhava para o mestre das marionetes e tentava descobrir o que podia estar acontecendo. Ou o homem era um monstro insensato — o que a maioria das pessoas parecia acreditar — ou havia alguma outra coisa. Jiro não conseguia se livrar da sensação de que aquele espetáculo era apenas isso — um espetáculo. A crueldade de Yoshida fazia parte do ato, da mesma forma que a subserviência no seu trato com os policiais. Yoshida cruzou seu olhar com o de Jiro, com um brilho de desprezo, e saiu marchando para os camarins da ala leste, gritando por Okada.

Quando saiu dali depois de alguns minutos, anunciou a todos que a próxima produção seria uma repetição de *A batalha de Dannoura*. No dia seguinte anunciaria a distribuição de papéis e esperava que todos estivessem prontos para estreiar no domingo. O Hanaza não era rico e não se podia esperar que ficassem à toa indefinidamente, disse ele, muito embora fosse evidente que havia gente que considerava aquela pausa forçada como um segundo Ano Novo.

— Mas isso nos dá exatamente um dia para os preparativos! — queixou-se Wada.

— Não se preocupe — disse Kinshi. — Ele não vai botar você para fazer os pés nessa cena. Ele é famoso em Osaka inteira pela cena de “Tortura pelo coto”, e não vai arriscar a reputação num rapaz sem treinamento.

Wada esticou o lábio de baixo num muxoxo.

— Não estou esperando que ele me ponha para fazer os pés de Akoya. De qualquer modo, não planejo mesmo me especializar em bonecas, não gosto de personagens femininos.

— Você vai ter sua chance, Wada — disse Kinshi, dando um soquinho de brincadeira no queixo dele. — Como diria Mochida, “até a neve do Fuji acaba dando no mar”.

— Não é Mochida quem dirige esta companhia — respondeu Wada, lançando um olhar carregado em direção a Jiro.

Jiro corou e rezou para que ninguém pudesse ler sua mente, porque, no fundo do coração, sabia que estava sendo mais ambicioso do que qualquer aprendiz novato tinha o direito de ser.

No dia seguinte de manhã, o Hanaza ouviu a história que o peixeiro contou. Um esquadrão de polícia, comandado pelo assistente de magistrado, tinha se apresentado no portão do agiota Morikawa na noite anterior e exigido que ele revelasse o paradeiro de Saburo. O oficial disse que eles tinham provas de que o papel no qual tinha sido escrita a mensagem de Saburo entregue no teatro de bonecos viera da loja de Morikawa. Por mais que o agiota protestasse sua inocência, dois policiais levaram-no chorando e se debatendo até a prisão, enquanto outros davam uma busca no local. É claro que, quando o magistrado foi contactado de manhã, não sabia nada do caso. O coitado do Morikawa passara uma noite muito infeliz entre os criminosos condenados e os percevejos de Osaka, simplesmente para voltar para casa no dia seguinte e descobrir que

a “polícia” que dera a busca levava suas caixas de tesouro, limpando-o da melhor parte de sua fortuna. Só não perdera tudo o que tinha porque metade da cidade lhe devia dinheiro, e evidentemente as dívidas teriam de ser pagas antes do Ano Novo seguinte.

É claro que Saburo pusera em uso os uniformes e credenciais da polícia que ele e seu bando tinham roubado no Hanaza na véspera. Chegara até a enganar os carcereiros com o disfarce. Agora os ricos diziam que nunca mais poderiam confiar num policial.

Yoshida chegou quando o peixeiro estava ainda contando sua história, o que trouxe um rápido fim para a sessão de entretenimento. O mestre das marionetes afixou sua nova lista no quadro de avisos e depois se recolheu a seu camarim, berrando que queria chá. Na qualidade de calouro dos aprendizes, era obrigação de Jiro ir buscar a bebida, e por isso só muito mais tarde é que ele ficou sabendo que Yoshida designara Kawada para ser o manipulador esquerdo de um dos soldados e que Kinshi ia manipular os pés de Akoya.

A reação imediata e espontânea de Jiro foi de desapontamento. Alimentava uma minúscula esperança de que talvez pudesse ser escolhido para os pés de Akoya, mas logo se envergonhou disso. Deu uma palmadinha no ombro de Kinshi, um pouco mais forte do que pretendia.

— Parabéns, Kinshi. Como vê, da última vez você mostrou a Yoshida que era capaz.

— Você acha que é isso?

Toda a autoconfiança de Kinshi se derretia com a perspectiva de se confrontar com alguma ação insondável do pai.

— Claro. Ele parou de te chutar, não foi?

— Mas demorou.

— Foi. Mas, quando você relaxou e começou a trabalhar direito, ele parou.

Kinshi apertava o nariz, num gesto nervoso.

— Mas era um papel masculino. Eu não sou tão bom com os personagens femininos.

— Claro que é. Você nunca reconhece suas capacidades. Kinshi sorriu.

— Você está começando a falar igual a mim.

— Estou?

— Obrigado, Jiro. Vou pegar uma boneca do depósito e ensaiar.

Kinshi partiu para o depósito com Jiro a seu lado. Na metade do pátio, Jiro hesitou. O depósito ficava fora dos limites a que os rapazes deveriam obedecer, embora muitas vezes Kinshi fosse até lá “pegar emprestado” algum boneco para se exercitar.

— Ora, deixe de bobagem — chamou Kinshi. — Que mal pode haver em você ir lá dentro uma vezinha só?

Diferente do resto dos edifícios que compunham o Hanaza, o depósito não era de madeira. Suas paredes grossas eram feitas de uma mistura de barro e gesso, o que o tornava virtualmente à prova de fogo. Havia um par de grandes portas de metal no lado oeste, que ficavam abertas e presas, para que o ar pudesse passar pela grade de ferro das portas internas de correr, indo para dentro do interior escuro do prédio. Uma janelinha em cima da porta deixava entrar um pouquinho de luz no andar de cima.

Kinshi ergueu o braço e pegou uma chave no alto do marco da porta. Abriu a grade de ferro, fazendo com que deslizasse o suficiente para dar passagem aos dois rapazes, e em seguida a fechou. Havia outras pessoas no pátio, mas todos tinham o cuidado de não olhar a entrada sub-reptícia dos rapazes. Jiro ia começando a entender. O Hanaza todo era uma peça — não apenas o que acontecia em cena, mas também fora do palco. Cada pessoa tinha um papel. Era por isso que alguém como ele, que não conhecia o roteiro, podia atrapalhar tudo. Ele fizera isso quando insistira em

conseguir o texto da nova peça. Era o papel de Kinshi e ele o usurpara. Precisava ter mais cuidado. A última pessoa no mundo que ele queria ofender era Kinshi.

Da porta, Jiro podia ver as prateleiras à esquerda, cheias de cabeças de bonecos enfileiradas, que se convertiam em manchas pouco nítidas a poucos passos da entrada. À direita, havia adereços teatrais. Pendendo do teto, viam-se sete ou oito bonecos totalmente montados. Kinshi empurrou um baú e subiu nele para desamarrar uma das marionetes femininas.

— É um espanto que eles não fiquem mofados aqui — disse Jiro.

Apesar da precaução da porta aberta, o depósito era úmido.

— Mas ficam — disse Kinshi, puxando a boneca e aproximando-a do nariz de Jiro. — Não se preocupe. Yoshida não deixaria nenhum figurino valioso aqui. Essas coisas velhas não servem para nada, só para a gente se exercitar. Imagina-se que os aprendizes não são capazes de notar o fedor do mofo.

Jiro andou um pouco mais pelo ventre escuro do depósito.

— Tem muita coisa aqui dentro. Para que é tudo isso?

— E alguém sabe? Yoshida não joga nada fora.

Os olhos de Jiro aos poucos iam se acostumando à penumbra. Nos fundos, uma escada levava ao andar de cima.

— O que há lá em cima?

— O segundo andar — a voz de Kinshi denotava impaciência.

— Eu sei — hesitou Jiro, com o pé no primeiro degrau.

— Nós não devíamos estar aqui, você sabe.

— Está certo.

Relutante, Jiro seguiu o amigo para fora do depósito. No pátio, ficaram alguns instantes piscando, no claro sol de primavera. Mais uma vez, ele quase errara o texto da peça. Tinha de ter mais cuidado.

Com apenas um dia para os preparativos, não havia tempo para que Jiro ficasse à toa, sentado, olhando o amigo ensaiar. Mas, enquanto trabalhava com os outros nos consertos e na pintura dos velhos cenários, sua mente estava sempre no camarim com Kinshi. Queria que o amigo se saísse bem. Claro, isso era o que mais queria no mundo. Mas Kinshi não queria realmente fazer papéis femininos.

Kinshi nem achava que fosse bom com bonecas, enquanto Jiro... Tentou sufocar os pensamentos desleais, bem fundo, lá no escuro de si mesmo. O que queria, jurava, mais do que tudo, mais que qualquer outra coisa no mundo, era que Kinshi provasse a Yoshida seu valor e sua habilidade como titeriteiro. Haveria outras ocasiões para Jiro se apresentar. Ele era o mais jovem de todos. Não seria justo que Yoshida o fizesse avançar depressa demais. E no entanto... lá estava ela, a ambição... se contorcendo para vir à superfície como uma minhoca na terra depois da chuva.

Mas, quando no jantar perguntou a Kinshi com toda sinceridade como estava indo, e o outro respondeu, entre dentes, "Terrível!", Jiro sentiu um pequeno estremecimento de prazer no fundo de seu peito traidor.

Controlou-se e disse, determinado:

— Você pode dar conta. Vai conseguir.

Mas devia ter falado num tom meio estranho, porque Kinshi lhe lançou um olhar estranho antes de agradecer o encorajamento.

Depois do jantar, Kinshi foi ensaiar com Yoshida e Kawada. Jiro e os outros rapazes estavam no camarim. Mochida lhe dera o trabalho exaustivo e desgastante de desmanchar os figurinos que tinham sido usados em *O ladrão de Tokaido*. Depois que todas as roupas estavam separadas e desmanchadas, as peças eram lavadas com todo cuidado e bem abertas para secar. Depois, tudo tinha de ser costurado de novo. Jiro já tinha tido sua cota dessa trabalheira de

desmanchar e refazer figurinos quando trabalhava em casa. Agora, curvado sobre essa tarefa cansativa, parecia ouvir de novo o tempo todo a voz de Isako em seu ouvido, gritando para que fosse cuidadoso: “Não! Está muito lerdo!, Veja só o que você fez!, Mas que garoto idiota!, Você vai estragar tudo”. A cada pontinho que desmanchava, ia ficando mais tenso, os nervos à flor da pele, já estava se sentindo como um nabo num ralador.

— Ah, chega, o diabo que carregue isso tudo! — murmurou. — Como é que alguém consegue enxergar para cortar todos esses pontos minúsculos a esta hora da noite?

Wada olhou para ele.

— Talvez se todos nós começássemos a aplaudir, você achasse a tarefa mais atraente.

— Ah, cale a boca, Wada. Wada se levantou.

— Como ousa me mandar calar a boca? Parece que você nunca se lembra, Jiro, de que eu sou seu veterano.

— Sinto muito — murmurou Jiro. — Não pretendia ofendê-lo.

— S-s-s-sente-se, Wada — disse Teiji suavemente. — Você não está vendo? Ele está p-p-p-preocupado com Kinshi, lá d-d-dentro.

E Teiji apontou com a cabeça em direção ao teatro.

Todos se sentaram em silêncio, concentrando-se nos sons que vinham do saguão. Só conseguiam ouvir uma voz cantando a cena "Tortura pelo coto". Esforçaram-se para ver se distinguiam resmungos ou gritos, indicativos da raiva de Yoshida, mas não ouviram nada. O ensaio parecia fluir tranqüilo.

— Viu s-s-só? Pode relaxar, Jiro. Kinshi está indo bem. Jiro tentou dar um sorriso. O rosto infantil de Teiji era tão franco, suas preocupações com Kinshi tão puras, tão limpas de qualquer egoísmo ou ambição. Jiro baixou a cabeça sobre o trabalho. Não queria que Teiji lesse sua expressão e achasse algo indigno nela.

— O que foi isso?

Os rapazes todos deram um salto, ouvindo o barulho.

— Pedras — disse Jiro. — Provavelmente esses bandos de salteadores que andam por aí de noite, jogando pedras no edifício.

Virou-se para Wada:

— O que devemos fazer?

— O que devemos fazer? — repetiu Wada, por cima do barulho de uma saraivada de pedras. — Como é que eu vou saber? Kinshi está lá perto da porta. E Yoshida também. Os dois estão bem ali.

— Mas você é que é o veterano aqui. Wada olhou fundo nos olhos de Jiro.

— Você está tentando me fazer de palhaço?

— Não. Quer que eu vá até a porta ver o que está acontecendo?

Ouviram-se outro assalto de pedras de encontro ao edifício.

— Isso — disse Wada, seco. — Mande-os ir embora. Atravessando o saguão escuro, Jiro não sentia a metade da coragem que aparentara ter em frente de Wada, e se sentiu muito grato a Teiji, que o seguira ao sair do quarto. Do lado do teatro, a recitação prosseguia, como se nada mais importasse.

— Vou abrir só uma fresta. Fique por perto, Teiji, para o caso de termos que trancar a porta correndo.

Jiro ergueu a tranca o mais silenciosamente que conseguiu e abriu apenas o suficiente para que pudesse olhar o beco. Estava

cheio de gente. Alguns carregavam archotes.

— Vamos lá, mais uma vez... — ordenou uma voz na multidão.
— Vamos ver se agora ele nos ouve.

O bando lançou novas pedras, algumas delas acertaram as paredes de madeira com força e retornaram para cima da multidão. Ouviram-se gritos e queixas dos que foram atingidos.

— Calem a boca — comandou a voz do líder. — Todos juntos agora. Chamem Yoshida!

— Ei — disse alguém —, a porta está aberta!

Todos se viraram e começaram a empurrar a porta. Jiro e Teiji fecharam-na e puseram a tranca. Escoraram-se nela, quase sem fôlego por terem escapado por pouco, como se tivessem corrido muito.

— E ag-g-g-ora, o que fazemos?

— Sei lá, você é que é o mais velho.

— Ah, Jiro... — a voz de Teiji parecia estar rindo. — E-e-e-eu?

Os assaltantes noturnos batiam na porta e gritavam:

— Yoshida! Yoshida!

— T-t-t-alvez fosse bom a gent-t-t-e chamar Yoshida. Atrás do palco, a recitação continuava, embora quase abafada pelo barulho lá de fora. Os rapazes hesitaram. Jiro engoliu em seco.

— Você quer que eu vá chamá-lo?

— Será que v-v-você podia? Ele det-t-testa meu jeito de gaguejar.

Jiro puxou a cortina e ficou junto à parede, de onde podia ver a cena. Se algum dos titeriteiros notou, fingiu que não tinha visto. Nenhum deles usava capuz, no entanto o rosto de Yoshida não demonstrava nenhuma expressão. Jiro não conseguia realmente ver Kinshi, pois ele ficava bloqueado pelo boneco enquanto se curvava ao lado de Yoshida que, em seus tamancos altos, destacava-se dos outros assistentes. A boneca Akoya estava tocando o coto. Jiro sentiu um arrepio no corpo. Yoshida era realmente um mestre — todos eram. Da primeira vez que assistira à cena, achara-a magnífica, mas da forma que uma criança julga algo que não entende. Agora, sabia. Agora o sangue corria para seu braço e ele podia sentir seus próprios dedos e pulsos se movendo junto com os dos bonequeiros. Mentalmente, trocava de posição — ia de Yoshida para Mochida à esquerda, e depois para Kinshi, imóvel, segurando

os joelhos da boneca na mesma posição o tempo todo que durava o tenso concerto. Kinshi estava muito bem. Dava para sentir isso, pela confiança total com que Yoshida e Mochida faziam seus movimentos. “Fico contente”, disse Jiro para si mesmo. “Ele merece. Minha hora vai chegar.” Tentou se consolar.

O barulho lá fora na porta do beco aumentava. De repente, Teiji estava a seu lado.

— Eles p-p-podem acabar derrubando a p-p-porta.

Jiro ergueu a mão. Balançou a cabeça. Era melhor derrubarem a porta do que interromper aquela cena sem necessidade.

Durante o resto da representação, o som do samisém e da recitação quase eram abafados pelos gritos e pedradas que vinham do beco. Os que estavam no palco prosseguiram, com total concentração, atraindo Jiro para seu círculo mágico. E ele teria sido capaz de esquecer completamente da existência dos saqueadores da noite, se não fosse por Teiji, que ficava indo e vindo de um lado para o outro entre o palco e a porta do beco, como um peixinho dourado que viu um gato de cada lado de seu laguinho.

Depois que a última nota do samisém morreu, os titeriteiros mantiveram suas posições por alguns segundos e depois relaxaram. Nesse momento, Teiji correu para o palco.

— M-m-m-mestre...

A gagueira o dominava tão fortemente que ele só conseguiu apontar com a cabeça em direção à porta do beco, onde os gritos de “Yoshida!” e as batidas pareciam ter aumentado de volume e ferocidade.

— Quem são eles? — disparou Yoshida.

O corpo de Teiji ficou tenso. As veias de seu pescoço saltaram.

— S-s-s-s...

As palavras simplesmente não vinham.

— Saqueadores — acudiu Jiro. Yoshida virou-se para ele.

— E daí? O que eles querem comigo?

— Não sei, senhor. Jiro baixou os olhos.

— Nós não perguntamos. Achamos melhor falar antes com o senhor.

— Pois então vão perguntar — berrou Yoshida.

Jiro correu para a porta, com Teiji logo atrás. Com a cabeça, Teiji fazia sinais, como se dissesse: “Você fala. Você sabe que eu não consigo.” Por isso, sem abrir a porta, Jiro gritou o mais alto que podia:

— Yoshida quer saber o que vocês estão querendo com ele.

As batidas e os gritos pararam de repente. A voz que Jiro reconhecera antes como a do líder replicou:

— Queremos comida. Diga a Yoshida para nos dar arroz, e nós vamos embora.

Os rapazes correram de volta para o palco.

— Eles querem arroz, senhor.

— Eu ouvi.

Yoshida estava colocando os instrumentos em miniatura, usados pelo boneco, em uns saquinhos de tecido acolchoado, e depois os entregou a Mochida e Kinshi para guardar. Jiro ficou esperando que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele não disse.

— Bom, senhor, e então?

— E então, o quê? — perguntou Yoshida a Jiro, impaciente.

— Bem... — disse Jiro, entendendo por que Teiji gaguejava. — O que o senhor quer que eu diga a eles?

— Nada.

— Nada?

— Nada!

Yoshida rugiu a palavra na cara dele. Jiro deu um passo para trás, quase derrubando Teiji no chão.

— Ou você acha que eu vou deixar um bando de ladrões me dar ordens?

— Eles estão com fome, Yoshida — disse Kinshi com voz suave, mas sem qualquer sinal de medo. — Nós temos bastante comida. Por que não podemos dar um pouco para eles?

Yoshida virou-se, batendo os tamancos altos no chão de madeira.

— Seu idiota sentimental! O que você acha que ia acontecer se nós déssemos arroz esta noite a um bando de desordeiros que vieram bater na minha porta? Como é que isso ia acabar? A cidade inteira está com fome. O país inteiro...

Virou-se de novo para Jiro e Teiji.

— Vão buscar as marretas que estão na cozinha... aquelas que usamos para bater o arroz do Ano Novo. Se alguém arrombar a porta, vocês vão garantir que ninguém passe.

Kinshi abriu a boca como se quisesse falar alguma coisa, mas Yoshida empurrou Jiro para o lado e foi em frente, em direção ao camarim.

— Vá deitar, Kinshi — disse Mochida, falando pela primeira vez.
— Os rapazes aqui vão cuidar de tudo.

Kinshi hesitou.

— V-v-vá... Você tem de est-t-tar no palco amanhã. Trag-g-ga as marretas, Jiro.

Os dois ficaram sentados no meio da noite em frente da porta, com as marretas na mão. À medida que o tempo passava, Jiro sentia cada vez mais frio e foi sentindo o estômago embrulhado, de falta de sono. Os saqueadores continuaram perturbando a noite toda, mas a porta era forte e, embora houvesse momentos de ansiedade, em que parecia que nada iria suportar as pancadas e batidas, o pinho grosso agüentou firme e não cedeu.

Quando o dia vinha chegando, Jiro estava quase doente de tanto esperar e por tudo o que ouviu. Detestava todo mundo: os saqueadores por tirarem seu sono; Yoshida, por se recusar a falar com eles; Kinshi, por ter pena de uns brutos como aqueles; até o coitado do Teiji, sentado à sua frente, em silêncio e sem se queixar.

Ouviram que alguém, lá longe no corredor, estava abrindo os postigos — provavelmente Mochida. Já devia estar chegando a manhã. Jiro se levantou e quase caiu. Suas pernas dormiam. Que noite terrível! Mas, pelo menos, estava acabando. As pancadas tinham parado e os saqueadores conversavam entre si. De vez em quando, uma voz gritava um insulto, de alguma distância ao longo do beco. Deviam estar se dispersando. Jiro fez um sinal para Teiji, com a cabeça. Teiji se levantou, espreguiçou-se e bocejou. Estava acabando.

De repente, uma voz rouca, de mulher, atravessou o murmúrio baixo que se afastava pelo beco e gritou:

— Yoshida! Tomara que você passe a eternidade como manipulador de pés do diabo!

A maldição foi acompanhada por um coro de gargalhadas debochadas.

Jiro se encostou na porta, apoiando todo o seu peso. Isako... Mas o que é que ela estava fazendo lá fora no meio *daquela gente*? Será que ele devia abrir a porta e tentar se esgueirar para junto dela antes que os saqueadores da noite vissem a fresta e embarafustassem para dentro?

Teiji olhava fixo para ele.

Não dava mais para ouvir voz nenhuma. Todos os saqueadores da noite tinham ido embora. Isako devia estar voltando para casa. Na certa a essa altura já estaria bem longe na Dotombori. Além disso, o que é que ele poderia fazer se a alcançasse? Não tinha nada para lhe dar. Jiro olhou para a marreta que ficara em sua mão a noite toda. E... imaginando que os saqueadores tivessem conseguido derrubar a porta... será que ele poderia ter desferido nela um golpe de marreta?

Por um instante, achou que ia vomitar, mas a náusea passou.

— Já am-m-manheceu... — disse Teiji. — Vamos acen-d-d-der os f-f-fogareiros.

— Isso — disse Jiro. — Vamos.

Ansiedades

Jiro passou o dia todo doente. Conseguiu dar uns goles na sopa do desjejum, mas pensou que fosse vomitar tudo na mesma hora e saiu correndo do camarim para o pátio.

— O que aconteceu? — perguntou Kinshi, que o seguira lá para fora.

— Nada. É meu estômago. Não dormi nada a noite inteira.

— Vou pedir a minha mãe para fazer um mingau de arroz. Vai ajudar sua barriga a melhorar.

— Não, tudo bem, não quero nada.

Kinshi concordou, confirmando com a cabeça.

— Eu tinha certeza de que você ia sentir o que eu sinto.

— Como assim?

— Que é errado... criminoso... a gente ter comida e se recusar a dividir com esses pobres infelizes que estão morrendo de fome.

— Então você...

— Sabe o que é que eu tinha mesmo vontade de fazer?

— O quê?

— Gostaria de entrar para o bando de Saburo. O único problema é que as ações que ele promove são sempre espetaculares, mas no fundo não resolvem nada. É como atirar um monte de flechas no oceano. Se eu fosse um de seus homens, o convenceria a organizar esses saqueadores noturnos e todas as pessoas que estão passando fome na cidade, para formar uma espécie, de exército. Aí dava para começar a planejar uma estratégia de batalha... — Kinshi levantou os olhos. — É verdade que existe outro problema.

— Qual?

Kinshi ergueu os ombros.

— Não faço a menor idéia de onde posso começar a procurar Saburo.

— É... — disse Jiro, sentindo o estômago ainda mais enrolado do que antes. — Acho que eu devia provar o tal mingau.

— Claro. Volte e deite. Você pode descansar uns instantes antes de começar a limpar as coisas do café da manhã. Eu não demoro.

Quando o mingau ficou pronto, Jiro já estava trabalhando firme, varrendo o palco. Kinshi lhe deu a tigela e os pauzinhos, sorrindo como se quisesse pedir desculpas pela demora. Jiro engoliu a comida ali mesmo, em pé. Estava tonto de fome, e também por não ter dormido, mas o mingau mole desceu fácil. Kinshi era bom. Teimoso, pouco ajuizado, mas sempre bom. O que teria acontecido se Kinshi tivesse sido o encarregado de guardar a porta naquela noite? Provavelmente teria deixado os assaltantes entrar. Jiro fazia uma imagem mental dos saqueadores rastejando por todo o Hanaza, como formigas em cima de uma lesma morta. Pelo menos dessa vez, Yoshida tinha razão. Não há maneira de ajudar as pessoas quando elas viraram a esquina e enveredaram pelo caminho da selvageria. Nesse caso, a única coisa que alguém pode fazer é tratar de se proteger. Mentalmente, ergueu a marreta de bater arroz, para

esmagar toda aquela turba fedorenta, mas um rosto se destacou e o olhou cara a cara. “Ai, mãe, eu não estava me referindo a você. Volte para casa”, implorava ele. “E fique lá, eu vou dar um jeito de ajudar você. Eu juro que vou.” Começou a varrer furiosamente, enquanto lágrimas imensas subiam a seus olhos e lhe escorriam pela face.

A primeira apresentação de *A batalha de Dannoura* foi um sucesso, mas Jiro nem tomou conhecimento. Olhava para o palco como se o estivesse vendo de dentro de uma cachoeira. Mal conseguia enxergar o que se passava, e realizou suas tarefas no fundo do palco como se houvesse uma pressão enorme em cada membro. Até mesmo nos ouvidos, sentia um zumbido que abafava a recitação.

Mais tarde, meteu-se nas cobertas sem nem mudar a roupa. Vagamente, percebeu que Kinshi tentava conversar com ele, mas nem conseguia fazer o esforço de ouvir. Só murmurou:

— Você foi bem... muito bem. E virou para a parede.

Acordou num sobressalto. Não podia ter amanhecido. Estava cansado demais para ser de manhã, mas alguém já estava de pé, andando de um lado para outro do quarto.

— Quem está aí?

— Shhh!, Jiro. Tudo bem. Sou eu, Kinshi. Volte a dormir.

— O que é que você está fazendo acordado?

— Está *tudo bem*. Simplesmente continue dormindo. Outras perguntas giravam na cabeça de Jiro, mas estava cansado demais para fazê-las. Kinshi o mandara dormir de novo. Ficava feliz em obedecer.

Quando Mochida afastou os postigos, Jiro abriu os olhos logo e se virou para a esquerda. Para seu alívio, lá estava o corpo de Kinshi debaixo dos cobertores. Primeiro ele dobrou e guardou os seus, e depois foi sacudir Kinshi pelo ombro.

— Não — resmungou o rapaz mais velho. — Me deixe em paz. — Virou-se e se encolheu, encostando os joelhos no queixo para se proteger da luz.

— Ao madrugador pertencem as sete vantagens — cantarolou Mochida, alegremente.

Com um suspiro, Kinshi empurrou os cobertores e se sentou, esfregando o rosto com as mãos.

— Pois eu trocaria todas elas por sete horas de sono — disse.

“Ele está péssimo, bem como eu estava ontem”, pensou Jiro.

— Mestre Jiro...

Ouvindo o som da voz gentil de Mochida, Jiro baixou a cabeça e correu para o pátio, para ajudar Teiji a acender os fogareiros.

Enquanto trabalhava, lutava com dois problemas. O primeiro: como mandar um recado para que sua mãe não ficasse pelas ruas. E o segundo: como descobrir em que nova trapalhada Kinshi estava se metendo. Mas havia um terceiro problema, mais difícil do que os outros. De alguma forma, tinha de conseguir um pouco de comida e dinheiro para mandar para a mãe. Se ela estava desesperada a ponto de se juntar aos saqueadores noturnos, não era provável que fosse ficar quietinha em casa, definhando, até morrer de inanição, só porque ele tinha pedido. E quem poderia ajudá-lo? Só Kinshi, mas Kinshi já tinha roubado por ele uma vez. Além disso, se Kinshi se metesse em encrenca por causa dele — Jiro mal conseguia pôr em palavras seu sentimento, mesmo no mais íntimo de sua alma —, quem o substituiria manipulando os pés de Akoya? Ele mesmo poderia vir a ser o beneficiário de um desastre com Kinshi. Não poderia, de modo algum, causar essa desgraça. Mas o que podia fazer? Sua mãe estava passando fome. E quanto ao pai...

Pegou um abanador na cozinha e ficou agitando-o diante do carvão teimoso. Tinha que descobrir, sozinho, que jeito podia dar. Talvez devesse apelar diretamente para Yoshida. Só de pensar nisso sentia um calafrio. Talvez Okada... ele uma vez lhe dissera algo sobre toda a doença e fome da terra. Certamente seria possível aproximar-se daquele rosto bondoso de olhos cegos e pedir ajuda

para a própria mãe... Kinshi já dissera, certa vez, que Okada era um sentimental. O que tocaria mais o coração de um velho sentimental do que a súplica de um filho em favor de sua mãe que estava morrendo de fome? A força dos costumes, no entanto, é uma ditadora cruel, e Jiro já estava devendo dois favores a Okada. O cantor cego dera a Jiro um lugar no Hanaza e, além disso, lhe conseguira o texto de *O ladrão de Tokaido*. Não, sua dívida com Okada já era imensa. Não podia aumentá-la. Se houvesse alguma maneira de cair nas boas graças de Yoshida — sem ameaçar a posição de Kinshi, naturalmente —, algum modo de fazer com que Yoshida se sentisse devedor para com ele, pelo menos até o ponto em que Jiro pudesse pedir ajuda ao mestre das marionetes... Era uma situação insuportável, dever tanto a tantas pessoas e não ter ninguém que lhe devesse nada...

Mas o dia não lhe deu mais tempo para ficar pensando. Mochida mandou-os preparar o palco e assim que tudo estava pronto para o espetáculo, ordenou que todos os rapazes, exceto Kinshi, voltassem ao trabalho de desmanchar figurinos. Na véspera, eles tinham estado ocupados demais para terminar a tarefa, e a mente ordeira de Mochida estava aflita com a visão do trabalho incompleto.

Kinshi alegara que tinha necessidade de ensaiar, mas, assim que entraram no camarim, ele sussurrou:

— Desculpem, mas se eu não der uma cochilada não vou conseguir atravessar o dia.

Escondeu-se no armário, em cima da pilha de cobertas, e fechou a porta de correr.

— Espero que ele não esteja doente.

O tom de voz de Wada denotava uma preocupação sincera.

— Também espero — disse Jiro, mas não levantou os olhos da costura que estava desmanchando.

Em poucos minutos, o som de alguém ressonando atravessava a porta fina do armário. Fora isso, o quarto estava silencioso. De repente, Mochida apareceu na porta do camarim:

— Vocês viram Kinshi? Yoshida está querendo ensaiar uma parte do espetáculo.

Jiro deu um pulo e foi até a porta, enquanto os outros rapazes elevaram as vozes numa conversa que tentava encobrir o barulho que podia entregar a mentira do amigo.

Meia hora antes do espetáculo, arrastaram Kinshi de dentro do armário. Ele brigou, e não queria acordar de jeito nenhum, mas Teiji finalmente conseguiu, fazendo cócegas nas solas dos pés dele.

— Seu diabo! Pare com isso! Você sabe que eu não agüento!

— Shhh! — disse Jiro. — Você tem que levantar. Vai entrar em cena daqui a menos de uma hora.

Todos o ajudaram a vestir seu quimono preto, a encontrar as sandálias e o capuz de titeriteiro, e depois correram para cuidar de suas próprias coisas. Jiro foi para o lado esquerdo do palco, junto à cortina, de frente para a platéia, e sua cabeça ainda estava tão ocupada, remoendo seus pensamentos, que durante alguns minutos ele nem percebeu o que havia de errado. Depois, de repente, deu-se conta: quase não havia ninguém na platéia. Um dez pessoas no máximo, das quais cinco ele logo identificou como os espiões da polícia que apareciam em qualquer reunião pública. Dos outros, dois eram tão velhos que já tinham caído no sono onde se sentaram.

Alarmado, correu para o camarim de Mochida. O manipulador esquerdo estava na porta, calçando os tamancos de palco.

— Não tem quase ninguém. Mochida suspirou.

— Eu já esperava que não houvesse público, depois de ontem à noite.

— Ontem à noite?

— É... Um bando de saqueadores atacou o mercado de arroz de Takauchi. Roubaram tudo o que conseguiram carregar e tocaram fogo no edifício.

Pegou seu capuz e continuou.

— Os comerciantes provavelmente estão todos de guarda, vigiando suas propriedades.

Vestiu o capuz e o ajustou ligeiramente.

— Vamos. Yoshida vai se apresentar, mesmo que haja uma só barata na platéia.

— Uma barata *pagante...* — murmurou Jiro, voltando para seu lugar.

Como Mochida previra, o espetáculo foi apresentado, conforme programado. A “Tortura pelo coto” foi executada para dez pessoas — metade das quais olhava a outra metade, em vez de olhar o palco — com o mesmo capricho e beleza com que seria para cem. Apesar de não ter dormido na noite anterior, Kinshi representou bem, e Jiro ficou contente e aliviado.

Depois que os dois velhos foram despertados e mandados para casa, e depois que o teatro foi arrumado, Jiro chamou Kinshi de lado.

— Não saia hoje à noite, por favor.

O pátio já estava escurecendo, e ele não podia ver a expressão de Kinshi, mas o tom de sua voz professava inocência.

— O que você está querendo dizer?

— Deixe disso, Kinshi... Você foi a algum lugar ontem à noite depois que todo mundo dormiu.

— Ah, isso...

A resposta era evasiva.

— É, isso.

Ficou esperando que Kinshi desse detalhes, mas ele não deu. De repente, o velho afeto que sentia por Kinshi irrompeu e apagou aquela mistura maluca de sentimentos dos últimos dias.

— Por favor, Kinshi, não vale a pena. Se Yoshida não te pegar, as autoridades acabam pegando.

— Eu tenho amigos — disse o rapaz com frieza.

— Eu sei quem são esses amigos. Um monte de bandidos. Eu quase fui morto... — sua voz falhou, quando ele se lembrou de que jamais contara a Kinshi sobre a noite de Ano Novo.

— Você se preocupa demais, irmãozinho. Tudo vai dar certo.

— Então deixe eu ir hoje com você.

— Não. Para ser sincero, acho que você não tem estômago para essas coisas — disse Kinshi, empurrando de leve a barriga de Jiro para aliviar o peso das palavras.

— Kinshi, tenho que te contar uma coisa.

— O quê?

— Minha mãe. Lembra dela?

— Lembro.

— Ela está com eles.

— Como assim?

— Com os saqueadores. Ela sai pela noite saqueando.

— Como é que você pode ter certeza de uma coisa dessa?

— Eu ouvi. Ouvi a voz dela do lado de fora da porta, quando estava de guarda outro dia.

— Você ouviu a voz dela? — disse Kinshi. — Está me dizendo que sua mãe estava lá fora e você não abriu para que ela entrasse?

O que ele podia dizer? Quando Kinshi reduziu os acontecimentos daquela noite terrível àquela pergunta única, Jiro ficou paralisado de vergonha. Tinha traído sua mãe. Era isso, tão simples e tão horrível quanto isso pode ser.

— Por isso é que eu quero ir com você esta noite — disse, finalmente, baixinho. — Tenho que encontrá-la, tenho que ajudá-la, se não for tarde demais.

— Não.

A resposta foi seca e imediata. Depois, o tom de voz se suavizou, ele deu um soquinho de leve no ombro de Jiro e

completou:

— Você me dá cobertura aqui. Preciso de sua ajuda aqui. Deixe por minha conta, que eu a encontro.

— Você não confia em mim, não é isso?

Kinshi ficou quieto por alguns instantes, depois disse:

— Talvez outra noite...

Ele ainda estava bem acordado quando Kinshi se esgueirou para fora das cobertas e saiu silenciosamente do Hanaza, na ponta dos pés. Jiro ficou revirando na cama, batendo a cabeça contra o travesseiro duro, como se quisesse empurrar para longe a voz da mãe e a visão de seu rosto enrugado e faminto.

A prova no depósito

Jiro estava resolvido a não dormir, mas seu corpo, ainda cansado da vigília das duas noites passadas, o traiu. Quando deu por si, Mochida estava abrindo os postigos, deixando que a clara manhã de primavera entrasse no quarto.

— Ao madrugador...

O provérbio matinal de Mochida ficou suspenso no ar. Em vez de terminá-lo, perguntou:

— Onde está Yoshida Kinshi?

Jiro se obrigou a olhar para as cobertas vazias. Sentia-se como se seu corpo tivesse se transformado numa pasta fria de feijão fermentado. Abriu a boca seca.

— Ele não estava conseguindo dormir. Saiu para dar uma volta. Falou comigo.

A explicação era tão forçada que nem por um minuto Jiro conseguia acreditar que Mochida a engoliria. Mas a única coisa que este disse foi:

— Que idiota! Será que ele não sabe como as ruas andam perigosas hoje em dia?

Depois virou-se e saiu do quarto.

Wada, Minoru e Teiji estavam olhando fixo para ele, de modo que Jiro se levantou de um salto, dobrou rapidamente suas cobertas e as de Kinshi. Depois, correndo em direção à porta, chamou:

— Vamos, Teiji. Senão, a gente se atrasa para os fogareiros. Suas mãos tremiam tanto que ele não conseguia tirar nenhuma faísca das pedras-de-fogo. Mas, finalmente, uma delas acendeu o pavio e Jiro começou a soprar o carvão para virar brasa. Fisicamente, estava concentrado em sua tarefa, mas mentalmente estava saindo pela porta do Hanaza, andando pela Dotombori, procurando Kinshi pelas ruas. Onde estava aquele idiota teimoso? O rapaz bonito e valente? Ao norte, em direção ao rio, via um corpo de

cara enfiada na água suja. Não, não podia ser Kinshi. Correu para o sul e tropeçou num cadáver na rua. Novamente, não era Kinshi. Kinshi estava bem, e vivo. Ia rir de suas preocupações. Kinshi ia achar graça, ia...

— Yoshida quer falar com você — disse Wada, em pé diante dele. — Eu acabo de acender o fogo.

Num movimento rápido, Jiro se levantou, limpando na túnica a fuligem das mãos. Lambeu os lábios rachados. Em nome dos céus, o que poderia fazer?

Yoshida estava sentado com as pernas cruzadas atrás da mesinha baixa de seu camarim... Jiro se ajoelhou na entrada e abaixou a cabeça até a esteira do chão. Naquela posição, não tinha que olhar a cara do mestre.

— Ah, bom dia.

De sua posição no chão, Jiro rapidamente classificou o tom de voz de Yoshida e o situou no nível médio da raiva. Até aí as coisas não estavam tão mal assim. Jiro respirou.

— Bom dia, senhor — murmurou ele, ainda com o coração grudado na esteira. — Desejo que esteja com boa saúde.

— Minha saúde está sempre melhor do que meu humor, em qualquer momento.

Jiro automaticamente aumentou a marcação no medidor de raiva. Podia sentir o trançado da esteira afundando em sua testa, enquanto procurava em sua limitada experiência alguma coisa educada que pudesse dizer em resposta àquela observação sarcástica, mas, como não encontrou nada, achou melhor ficar de boca fechada.

— Já deve ser de seu conhecimento que eu mandei chamar Yoshida Kinshi para ensaiar e fiquei sabendo que ele desapareceu na neblina.

— Sim — disse Jiro.

Parecia algo seguro e neutro para responder.

— Imagino que você não faz a menor idéia de onde ele possa estar...

— Não, senhor.

Jiro enfiava mais a testa no chão. Se pudesse, se enterraria.

— A estupidez conveniente de vocês, rapazes... daria para pôr à prova a paciência de um Buda.

— Sim, senhor — respondeu Jiro, mansinho.

— E eu não sou um Buda.

— Sim, senhor.

— Você pode arrancar essa sua cabeça do chão antes que ela crie raízes?

— Sim, senhor.

Obedientemente, Jiro levantou a testa alguns centímetros, mas não ousou erguer os olhos.

— Venha cá.

Jiro deslizou de joelhos pelo chão, olhos baixos, até chegar a uns três palmos da mesa. Yoshida bateu nela com alguma coisa.

— Você sabe o que é isto?

Jiro ergueu os olhos um pouquinho — o suficiente para reconhecer o texto de *A batalha de Dannoura*.

— Sim, senhor.

— Volte daqui a uma hora, pronto para operar os pés de Akoya. Vamos ensaiar antes do desjejum.

Pela primeira vez, Jiro ergueu a cabeça e olhou o titeriteiro nos olhos.

— Senhor, eu não sou capaz de fazer isso.

— Você é capaz de fazer tudo o que eu mandar.

A cabeça de Jiro voltou para o chão de esteira. Seu coração martelava.

— Sim, senhor — sussurrou.

Levantou o braço e pegou o roteiro na mesa. Akoya... o papel que tornara Yoshida famoso em toda Osaka... e ele, Jiro, ia fazer os pés. Mas Kinshi... O que acontecera com Kinshi? Afinal de contas,

Kinshi saíra para procurar a mãe de Jiro... pelo menos, essa era uma das razões...

— Senhor, eu preciso explicar uma coisa sobre Kinshi... A mão de Yoshida desceu com força e deu um murro na mesa.

— Quem tem que dar suas explicações é Kinshi! E você, trate de começar logo a trabalhar antes que eu perca a calma!

— Sim, senhor.

Jiro se levantou e saiu do quarto.

Atravessou o pátio com passo firme e, sem se incomodar em fingir que estava se esgueirando, apanhou a chave e entrou no depósito. Empurrou um barril e desamarrou a corda que prendia um dos bonecos ao teto. Esse papel sempre fora de Kinshi — era ele quem pegava os roteiros, quem pegava bonecos para todos ensaiarem. “Ah, Kinshi, onde está você?” Mas ali estava ele, não apenas entrando abertamente no depósito e apanhando o boneco, mas também roubando o papel de Kinshi no palco. Os outros rapazes iam odiá-lo. E Kinshi... Jiro morria de medo de voltar ao camarim. Todos iam saber o que tinha acontecido, que Yoshida tinha lhe dado o lugar de Kinshi no elenco. Iam considerá-lo um traidor. Ele mesmo não achava que era?

Mas Jiro não era culpado. Ele tentara explicar a Yoshida. E Yoshida nunca aceitava explicações. Todo mundo sabia disso. Como

poderiam jogar a culpa nele? Mas jogariam. Ele não tinha dúvida alguma sobre a expressão que ia encontrar em cada rosto. E no de Kinshi — se Kinshi voltasse. Não suportava pensar nisso. Não ia ensaiar no camarim e se expor ao ódio dos outros, alimentando sua própria culpa, suas próprias ansiedades. Mas onde poderia se esconder?

Desceu do barril em que tinha subido para alcançar o boneco pendurado. Evidente. Ia para o único lugar onde ninguém iria procurá-lo: o segundo andar do depósito. Ninguém tinha permissão para ir até lá. E, desde que voltasse a tempo para o ensaio, Yoshida não mandaria ninguém à sua procura.

Conferiu com cuidado a porta de grade de ferro. Estava fechada. Botou o barril de volta no lugar e penetrou no ventre escuro do depósito. A parte debaixo da escada estava mergulhada em completa escuridão, mas ele foi tateando até chegar ao alto. Para ver o que fazia, teria de se aproximar ao máximo da janelinha. Só por ela é que um feixe fino de luz entrava no andar de cima.

Havia um caminho estreito inteiramente livre até a janela, mas o resto do piso estava atulhado de grandes baús e arcas. De início, ele achou que não haveria espaço suficiente para seu ensaio, mas percebeu que havia junto à janela uma pequena área de menos de um metro quadrado que poderia servir — não era tanto quanto gostaria, mas teria de se arranjar ali mesmo. Os caibros eram baixos. Podia pendurar a boneca em um deles. Com um suspiro, agarrou a bainha do quimono e começou a manipulação dos pés de Akoya na “Tortura pelo coto”. Nem precisava do texto que Yoshida lhe dera. Que ironia! Quando os roteiros eram necessários, era preciso roubá-los. Mas, depois que eleja conseguira, a duras penas, decorar o texto todo, Yoshida lhe entregava o roteiro como se

estivesse fazendo um grande favor. Instintivamente, Jiro sabia onde estavam os problemas na manipulação dos pés de Akoya: o modo de caminhar, de se virar, os pontos onde ela deveria sentar. Para o manipulador de pés, essas passagens eram tão cruciais quanto a execução dos instrumentos seria para os dois outros manipuladores. Passou e repassou as partes difíceis, desejando ter um espelho, mas começando a adquirir confiança em sua própria sensibilidade para os movimentos. Tinha medo de demorar muito, por medo de que Yoshida perguntasse por ele... Olhou para o pátio lá fora. Sim, lá estava Teiji se dirigindo ao camarim dos rapazes. Todos estariam agora ensaiando lá dentro, até a hora do desjejum.

Levantou-se para desamarrar a boneca. Ainda observava Teiji pela janela e pensava em comida em vez de olhar o que fazia, por isso sua mão subiu e começou a tatear lá em cima, em busca do nó. Em vez disso, achou algo bastante rígido. Passou os dedos em volta. Era macio, com a forma de um cano levemente achatado. Por simples curiosidade, ele puxou o objeto para baixo, a fim de dar uma olhada. Para sua surpresa, descobriu que estava segurando a bainha de uma espada de samurai. É claro que não havia samurais na companhia teatral, embora alguns dos homens, como Yoshida, fossem filhos de antigos samurais que haviam perdido sua posição devido à morte ou desgraça de seus senhores. Um samurai de verdade pertencia a uma casta social mais elevada e não seria encontrado num elenco teatral nem num estabelecimento comercial. Eles viviam de pensões governamentais — o que significava que, durante aqueles anos de fome, nenhum deles vivia muito bem.

Mas o que estaria Yoshida fazendo com uma espada de samurai? Jiro levou-a até junto da janela, para examiná-la melhor perto da luz. Havia um brasão na bainha — uma garça com as asas abertas. Onde havia visto aquele emblema recentemente? Os cabelos da cabeça de Jiro se arrepiaram. Várias imagens vinham se

misturar em sua mente. O cesto na casa de Yoshida. A noite em que Yoshida salvara sua vida quando todos achavam que ele estava em casa doente. O estranho comportamento do titeriteiro com os oficiais de polícia. E aqui estava a espada... sim, a espada roubada do assistente de magistrado, a espada que Saburo tinha usado.

Rapidamente, recolocou a espada no caibro. Que outra prova estaria escondida na escuridão do depósito? Mas não importava. Apenas a espada já poderia lhe garantir uma recompensa de mil *ryo*. Seria uma prova definitiva da culpa de Yoshida. Sentia-se febril. Com todo aquele dinheiro, poderia garantir o conforto dos pais por muito tempo.

Imaginou-se caminhando, saindo pelo portão do Hanaza e se apresentando diante do assistente de magistrado na prefeitura.

“Conheço a verdadeira identidade de Saburo”, diria.

Via o oficial — que agora devia ter uma nova espada — marchando com seus homens até o portão do teatro, pisoteando tudo pelo camarim de Yoshida sem ao menos remover os tamancos de rua. Agarrando o titeriteiro pela nuca e arrastando-o... “Espere aí...” Quem estaria com eles para apontar o dedo acusador? Quem subiria com eles as escadas do depósito para mostrar o local exato onde a espada estava escondida? Quem não apenas trairia Yoshida, mas seria visto por todos como o destruidor do Hanaza? E o que aconteceria a Kinshi? Como filho de um criminoso, poderia também ser degolado ou, na melhor das hipóteses, teria a vida arruinada para sempre.

Jiro sentou-se. Não podia pedir aquela recompensa, de jeito nenhum. Apesar de tudo o que sua mãe dissesse. Não estava suficientemente desesperado nem era suficientemente ambicioso para entregar Yoshida às autoridades. Simplesmente teria de carregar para onde quer que fosse o que sabia, como um fardo, como uma dívida que jamais poderia ser cobrada, incapaz de dar lucro.

Levantou-se de um salto. O sol já ia alto. Se se atrasasse, Yoshida o mataria. Sorriu ironicamente. Não se podia esperar que Yoshida fosse grato pelo fato de que ele acabara de decidir salvar a vida do mestre das marionetes.

O ensaio se passou da melhor maneira possível. No único momento em que a mente de Jiro vagou e se afastou até o segundo andar do depósito e depois saiu pelas ruas à procura de Kinshi, um rápido chute do tamanco alto de Yoshida trouxe seus sentidos imediatamente de volta ao palco do Hanaza. Concentração. Esse era o segredo da arte de manipular bonecos. E a essa altura Jiro já era um titeriteiro bastante bom, o suficiente para conseguir afastar a mente e o corpo de qualquer coisa que não fosse a vida do boneco em suas mãos.

Antes do espetáculo, Yoshida mandou que tomasse o desjejum. Jiro temia encarar os rapazes, "Ah, Buda misericordioso... onde estaria Kinshi agora?", mas estava com fome demais para poder pular uma refeição. Não podia desmaiar em cena por falta de comida, pensou.

Quando entrou, lá estavam sentados os três — Wada, Minora e Teiji —, cada um com o nariz metido na tigela de sopa, catando os legumes com os pauzinhos. Kinshi não estava com eles. Ninguém falou nem ergueu os olhos quando Jiro entrou. Então já estavam sabendo e, como Jiro imaginara, o desprezavam. Apanhou sua própria tigela e pauzinhos, serviu-se de sopa e pôs arroz em outra tigelinha, e pescou algumas conservas no pote com os pauzinhos. Sentou-se ao lado de Teiji, que chegou ligeiramente mais para perto de Minoru. Jiro tentou não reparar.

Os únicos sons na sala eram as batidas leves dos pauzinhos nas bordas das tigelas e os barulhos normais que rapazes saudáveis daquela idade faziam ao comer. Minoru parou um instante para limpar o nariz na manga — a sopa quente sempre o afetava — mas, mesmo nesse momento, não olhou em direção a Jiro, dando mostras de que o vira chegar. Logo voltou a baixar a cara na vasilha.

Então, era assim que ia ser. Bem, pensou Jiro, ia ter de agüentar. Além disso, se tivesse sorte, logo passaria oficialmente a manipulador de pés e seria promovido a um camarim diferente e maior. Podia deixar aquele buraco apinhado, para sempre. Serviu-se de mais arroz e vegetais. Mas não adiantava — estava se importando, e muito. Importava-se, principalmente, com Kinshi. O que lhe acontecera? Por que não havia voltado? Para poder ver de novo aquela cara redonda e sorridente — aquelas orelhas meio de abano, que nem pareciam bem presas à cabeça — ele daria todas as chances de fama e fortuna que o mundo pudesse lhe oferecer.

De repente, ouviram um murro dentro do armário. Minoru teve um acesso de tosse, mas era tarde. Jiro já tinha dado um pulo até o móvel e aberto a porta de correr. Lá, no alto de um monte de cobertas, estava o rosto que ele tanto desejava ver.

— Quer fechar essa maldita porta? Seu filho disforme de um pepino-do-mar!

Kinshi apertava os olhos e se encolhia como uma bola, de costas para o quarto. Jiro fechou a porta e caiu na gargalhada. Ria tanto que os outros três rapazes ficaram olhando para ele espantados, esquecidos da vida. Jiro viu os cantos da boca de Teiji se retorcendo, incontroláveis. Em seguida, um a um, os outros foram começando a rir também. Até Wada, que resolvera ficar com raiva para sempre, estava rindo. As lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

— Ele está bem — Jiro finalmente conseguiu dizer. — Eu pensava que ele podia estar machucado, ou morto, ou alguma coisa assim terrível.

A porta do armário se abriu e a cabeça de Kinshi saiu lá de dentro.

— Será que essas quatro matracas podiam calar a boca e me deixar dormir? Daqui a pouco eu tenho que estar em cena.

Três pares de olhos se viraram para Jiro. Então, não tinham dito a ele. Jiro ficou contente. Fez um sinal para que ficassem quietos. Kinshi estaria em cena dali a pouco. Não sabia como, mas de alguma forma ia dar um jeito. Era o mínimo que Jiro lhe devia.

Sussurrando, na outra ponta do quarto, planejaram tudo. Kinshi não devia saber de nada. Simplesmente o atrasariam para que entrasse pouco antes de começar a cena. E garantiriam que ele ia chegar lá já com o capuz. Quando Yoshida percebesse que os manipuladores de pés estavam trocados, já seria tarde demais. Claro que Kinshi era mais alto...

— E-e-ele nem vai notar... — previu Teiji, otimista. — — Já vai estar t-t-tão concentrado na peça... Sempre fica assim quand-d-do entra em cena.

— E você? — perguntou Wada. — Depois, Yoshida vai te matar.

Era a primeira vez que ele expressava algum sinal, mínimo que fosse, de preocupação com o bem-estar de Jiro.

Jiro lhe deu uma cutucada amigável, para mostrar que estava grato.

— Aí a gente vê... E deu de ombros.

O esquema funcionou. Quer dizer, conseguiram que Kinshi entrasse em cena são e salvo e, embora a platéia fosse tão reduzida quanto na véspera, tinham razão em partir do pressuposto de que Yoshida jamais ameaçaria um espetáculo, demonstrando estar com raiva ou mesmo surpreso com a troca.

Yoshida esperou até depois do jantar e da hora do banho. Depois mandou chamá-los e bateu nos dois com sua varinha fina de bambu. Mas, se é possível dizer que uma dor satisfaz, Jiro ficou satisfeito com aquela. Num único dia, ele teve de vencer duas tentações — uma de cobiça, outra de ambição. Estava se sentindo quase vaidoso, quando voltou ao camarim dos rapazes, depois de sua sessão de surra.

Teiji lhe trouxe uma taça.

— N-n-nós, quer dizer, Wada r-r-roubou um vinho para você da cozinha.

Jiro curvou a cabeça, cumprimentando Wada.

— Desculpe se eu tenho que tomá-lo de pé.

Os outros três riam como se a piada tivesse sido do próprio Kinshi.

Daí a poucos minutos, chegou Kinshi, alisando os fundi-lhos e as costas.

— Ah, que infâmia — cantou, imitando perfeitamente o jeito de Okada — ser tão completamente vilipendiado e não ter meios de me vingar...

— De que peça é essa frase? — perguntou Minoru.

— Uma pecinha à-toa... — disse Kinshi, curvando-se grato sobre a taça que Teiji lhe estendia — ... uma pecinha de nada mesmo, conhecida como *A maldição do bambu*.

Minoru inclinou o rosto para o lado, tentando lembrar de que drama se tratava. Quando os outros começaram a rir, ele deu uma risada curiosa, ainda um tanto intrigado, sem realmente entender por alguns segundos que não havia no repertório uma peça com esse nome. Mas, quando finalmente entendeu a piada, sua gargalhada foi mais alta que a dos outros. E depois, apenas porque era muito bom rir juntos, todos riram ainda mais.

— Temos que agradecer a Wada pelo vinho — disse Jiro quando o riso foi acalmando.

Kinshi estalou os lábios, apreciando.

— Excelente gosto para vinhos, meu amigo.

Wada sorriu. Gostava tanto de ser elogiado por Kinshi...

— Bem... — disse Kinshi depois que acabaram de tomar todo o vinho — ... os cavalheiros vão nos desculpar se sairmos em busca de um pouco de água quente, na qual possamos aplacar nossa carne tão dolorosamente fustigada, não?

Jiro e ele foram para a casa de banhos. O fogo ainda estava aceso. Eles o aticaram e puseram mais lenha. Quando acabaram de se lavar pela segunda vez na mesma noite, a água já estava suficientemente morna para que entrassem. Embora não chegasse ao tamanho de uma banheira pública, aquela era suficientemente grande para que os dois rapazes entrassem nela ao mesmo tempo. E foi isso que fizeram, dando suspiros de alívio.

— Yoshida é capaz de nos matar por estarmos acendendo o fogo de noite, a esta hora... — disse Jiro, relaxando naquele calor confortável.

— Não — disse Kinshi afundando até o queixo na água quente. — Nem mesmo um dragão sopra toda a sua fumaça num só dia. Além disso, eu estou cansado demais, a esta altura, para ligar se vou viver ou morrer. Então, ele não ia conseguir tirar nenhum prazer disso.

— Onde você foi a noite passada?

Kinshi ergueu o braço e deixou-o cair na água, fazendo *splash*.

— Kinshi...

— Eu ouvi. Bem, uma coisa eu lhe digo. Eu vi sua mãe.

— Viu?

— Dei um dinheiro a ela e mandei que fosse para casa. Fez uma pausa.

— Mas não sei se ela foi — acrescentou.

— De qualquer modo, obrigado.

— Eu disse a ela que foi você quem mandou.

— Mas...

— Bom, eu não podia dizer realmente de onde era, não acha?

— É, não podia.

De onde era realmente? Jiro queria perguntar, mas não podia.

— Kinshi...

— O que é?

— Não saia mais.

— Eu tenho de ir — disse Kinshi, tranqüilamente. — Não há mais ninguém.

— Mais ninguém?

— É. Mais ninguém que se importe. Que possa ajudar. O olhar do rapaz mais velho era o mesmo que aparecia em seus olhos quando enfrentava Yoshida.

— Ajudar o pessoal que sai saqueando de noite — disse. — Ninguém nem pensa neles como se fossem humanos.

— E se... —Jiro disse devagar, elaborando seu plano enquanto falava — ... e se eu desse um jeito de você poder encontrar Saburo?

Kinshi não acreditou.

— Saburo? Sim... Onde?

— Ouça um instante. Imagine que eu conseguisse encontrá-lo e... — apressou-se, antes que Kinshi começasse a rir — ...desse um jeito de você poder conversar com ele sobre seu plano de ajudar o pessoal que sai saqueando de noite.

—Jiro, seja sensato. Mesmo que você conseguisse encontrá-lo e eu pudesse falar com ele, você acredita mesmo que um homem desses ia prestar atenção em mim?

— Pode ser... — disse Jiro, pouco à vontade, pensando “apesar de nunca ter lhe dado a menor atenção antes...” — Pode ser mesmo. Não vale a pena tentar?

Kinshi fez um barulho de risada na garganta, dizendo:

— Você está maluco.

— Tudo bem, talvez esteja. Mas prometa que vai me dar um prazo... digamos, uma semana. Se eu não conseguir entrar em contato com Saburo dentro de uma semana, então não vou mais tentar demover você de continuar a fazer isso que anda fazendo, seja lá o que for. Mas me dê uma semana, pelo menos.

— Jiro... — disse Kinshi, sacudindo a cabeça, incrédulo.

— Uma semana.

— Dois dias. Eu tenho amigos. Pessoas que estão contando comigo. Não podem esperar uma semana.

— Então está bem — concordou Jiro, relutante. — Dois dias. Mas você vai ter de jurar..

— Não. Não vou jurar nada. Só prometo tentar. Mas eu já fiz promessas que podem ser mais urgentes do que esta. Isso é uma maluquice. Você sabe perfeitamente que a única razão para eu estar levando você a sério é por causa do que você fez hoje. Eu lhe devo algo por isso.

— Não. Foi *minha mãe* que você ajudou.

— Está bem, não vamos começar a justificar nossas dívidas como duas mulheres bem-educadas.

Kinshi saiu da banheira e, agarrando a toalhinha pelas pontas, começou a esfregar o corpo com força. Depois disse:

— De qualquer modo, hoje eu não vou mesmo sair. Não precisa passar a noite toda acordado, brincando de cão de guarda.

Jiro se enxugou e vestiu um dos quimonos de banho. No dia seguinte ia ter de pensar como levar a cabo seu plano maluco, mas nessa noite estava cansado demais. Nem conseguia mais pensar.

•12•

Uma questão de vida ou morte

Jiro acordou antes dos outros, com uma sensação de urgência em relação àquele dia, que nem conseguia identificar. Ficou um minuto deitado na escuridão, obrigando sua mente a refazer o dia anterior, até que lembrou o que é que tinha de fazer.

Quando pensou no que estava à sua espera, teve um arrepio e se encolheu debaixo do cobertor. Não estava especialmente ansioso para que o dia começasse. “Egoísta, menino egoísta.” Era isso o que sua mãe diria. Mas o que o impedia de ir em frente não era o egoísmo, nem o fato de estar preso a suas próprias preocupações;

era a enormidade dos problemas que devia enfrentar... e não tinha a menor idéia do que fazer.

Decidiu organizar a situação. Primeiro havia Kinshi, seu amigo. Se alguém não o detivesse, ele ia acabar preso ou morto, talvez as duas coisas. Depois, havia sua mãe. Só os deuses sabiam o que andava fazendo. Mas não era preciso ter muita imaginação para perceber que ela estava desesperada, fosse com sua própria situação, fosse com o que Hanji andava passando, e provavelmente ia trazer uma desgraça para os três. Em seguida, seu pai... Quando pensou no pai, Jiro foi tomado por uma sensação de impotência. Se pelo menos soubesse onde Hanji estava e o que estava acontecendo com ele... Mas com toda certeza alguém teria vindo — Taro, ou Sano, o pai de Taro — para lhe dar a notícia se o pai tivesse morrido ou estivesse pior do que antes. Deixou de lado as perguntas dolorosas sobre o pai e passou a considerar Yoshida. Yoshida era a chave de todas as suas dificuldades. Mas não era uma chave que ele pudesse enfiar numa fechadura com facilidade e girar.

Como se aproximar de Yoshida? Esse era o problema. Tinha de descobrir um jeito de chegar perto dele e revelar os fatos que sabia, ou achava que sabia. Mas tinha de conseguir fazer isso de modo que Yoshida o ouvisse e lhe desse atenção. As respostas de Yoshida eram sempre imediatas e geralmente zangadas. Se a primeira frase de Jiro — ou mesmo a primeira palavra — atingisse o mestre das marionetes de forma errada, ele provavelmente soltaria os cachorros no rapaz.

Jiro tinha uma espécie de arma. Sabia sobre a espada escondida entre os caibros do depósito. Mas não sabia como fazer bom uso desse conhecimento. Será que devia se aproximar arrogantemente de Yoshida e dizer: “Eu sei que você é o bandido Saburo e, se não

fizer o que eu mando, vou entregá-lo às autoridades!”? Jiro quase deu uma gargalhada com a idéia. Yoshida tanto podia dar uma cusparada quanto matá-lo, e de que maneira sua morte beneficiaria Kinshi ou Isako? Além disso, Jiro nunca se convencera por completo de que estava certa a tradição samurai que sustentava ser uma coisa nobre sacrificar a própria vida em favor daqueles a quem se é ligado por laços de afeição ou dever. Ele era bastante apegado ao seu corpinho magricela e ao espírito não tão grandioso que o animava.

Por um instante, imaginou-se esticado, lavado e vestido para ser enterrado. Sua mãe estava ajoelhada a seu lado, soluçando e chorando. Kinshi também estava lá, de cara triste e angustiada. Sabiam que ele se sacrificara por eles. Era bem comovente. Mas não o suficiente para convencê-lo. Não, não tinha vontade alguma de morrer, mesmo que fosse uma morte magnânima e romântica.

Mas, de qualquer maneira, isso não era importante. O importante era que precisava dar um jeito para que Yoshida ouvisse o que tinha a dizer e, de algum modo, fosse persuadido a ajudar. Não adiantava nada simplesmente dizer a Yoshida que Kinshi estava metido com o pessoal que saía pela noite saqueando. Yoshida se limitaria a bater no filho e proibi-lo de sair — o que talvez fosse apenas a gota que faltava para que Kinshi passasse a viver permanentemente nas ruas.

Jiro dissera a Kinshi que daria um jeito para que ele pudesse encontrar-se com Saburo, a fim de conversarem sobre o plano de Kinshi para ajudar os saqueadores. Não se tratava apenas de promover o encontro. As coisas tinham de ser feitas de tal modo que Yoshida ouvisse Kinshi com respeito. Mas era mais difícil imaginar essa cena de respeito de Yoshida por Kinshi do que tinha sido imaginar seu próprio funeral. Nas *batalhas de Coxinga*, Watonai

domava um tigre, mas Watonai era um guerreiro valente, armado com o amuleto mágico que a mãe lhe dera. Jiro era um garoto franzino, que só recebera da mãe um dom sobrenatural — a maldição do dia em que nascera. O único argumento que podia convencer Yoshida era, ao mesmo tempo, o mais perigoso: o fato de que a espada do assistente de magistrado fora descoberta no depósito.

Mais ou menos na hora em que Mochida abriu o quarto para deixar entrar a luz ainda relutante da manhã, a idéia que Jiro tanto buscava surgiu em sua cabeça. Precisava de um intermediário — alguém em quem tanto ele como Yoshida confiassem — para aproximá-lo do titeriteiro. Alguém que também gostasse de Kinshi.

Mochida chamava para o novo dia, mas, antes que ele pudesse puxar todas as cobertas, Jiro deu um pulo, dobrou as suas e as guardou. Que tal Mochida? O manipulador esquerdo satisfazia a todas as exigências. Era respeitado por todos e, com toda certeza, gostava de Kinshi. Mas não estava à altura de Yoshida. A diferença de nível o fazia hesitar e deixaria Yoshida numa situação arrogante. Isso era um problema, de verdade. Não havia ninguém na ala oeste do Hanaza que pudesse falar com Yoshida de igual para igual, francamente, sem medo dos famosos ataques de raiva do titeriteiro.

E do lado leste, quem se importava com a vida ou a morte de Kinshi ou da mãe de Jiro? Os cantores e músicos viviam em seu próprio mundo e só se dignavam a descer do pedestal para se aproximar dos bonequeiros quando a prática de sua arte assim o exigia. Encaravam os bonequeiros de um modo semelhante à forma com que um homem saudável considera seu aparelho digestivo: algo necessário, mas que não merece nem ser discutido. A única coisa que o lado leste esperava do lado oeste era que ele funcionasse

direito e fornecesse um fundo adequado para a execução do que *e/es* consideravam ser as verdadeiras artes: o canto e a música.

Mas havia uma notável exceção na ala leste. Havia uma pessoa que, se quisesse, podia falar com Yoshida em nome de Jiro. Uma pessoa que também se importaria se Kinshi vivesse ou morresse. Essa pessoa era o cego Okada. Ele já fora o mestre de Yoshida. Seguramente Yoshida ainda lhe devia algo por isso. Sim, Yoshida daria ouvidos a Okada.

Por que não pensara nele antes? Era perfeito. Podia confiar em Okada e lhe contar toda a situação. O velho saberia instintivamente o que fazer para atrair a ambos os Yoshida, pai e filho.

Jiro cuidou de suas tarefas no pátio com um olho à espreita de Tozo, o favorito de Okada na ala leste. Quando o rapaz saiu para buscar o desjejum do mestre, Jiro o deteve.

— Bom dia! — disse, no tom mais gentil que tinha. — Por favor, perdoe-me por vir perturbá-lo numa hora tão ocupada.

As sobrancelhas de Tozo se ergueram, como se ele fosse fazer uma pergunta, mas apenas inclinou a cabeça, mantendo suas belas feições sem qualquer expressão. Era realmente um rapaz muito bonito.

— Sim?

— Desculpe estar incomodando de novo, mas preciso ver Okada hoje — disse Jiro, lambendo os lábios. — É muito importante.

— Não creio que hoje seja possível — disse Tozo, sem perder a gentileza. — O mestre está muito cansado e tem um espetáculo difícil mais tarde.

— Sim, eu sei. E não estaria pedindo, se não fosse uma questão de vida ou morte.

Tozo sorriu, um sorrisinho que imediatamente converteu numa careta. Mas Jiro soube que tinha exagerado, e agora não estava mais sendo levado a sério pelo jovem músico.

— Tozo, acredite no que estou dizendo. Eu tenho que ver Okada.

O que mais poderia dizer?

— Diga a ele que, se tiver um pouco de afeição por Yoshida Kinshi, que me receba, por favor...

— Yoshida Kinshi?

— É. Tem a ver com os dois Yoshida. Diga a ele que, se gosta de qualquer um dos dois...

Podia sentir a tensão em sua voz, mas se interrompeu.

Tozo o desprezaria, como um garoto emotivo, se não tivesse cuidado. Se ao menos pudesse mandar um bilhete a Okada! A cegueira era uma deficiência terrível. Tozo começou a se afastar.

— Você vai dizer a ele? — perguntou Jiro.

— Vou. Mas não posso prometer...

Jiro curvou a cabeça num gesto nervoso. Por favor, Tozo, implorou em silêncio, dê um jeito para que ele me veja.

Terminou suas tarefas, a sessão de ensaio e seu próprio desjejum, sem ter qualquer resposta de Okada. Ficou tentando imaginar que outro rumo poderia tomar, mas sua mente se recusava a cooperar. Era como se tivesse confiado todos os seus tesouros a um único navio. Se ele não chegasse ao porto, a ruína seria inevitável.

Mas quando Tozo finalmente veio buscar o chá que seu mestre costumava tomar no meio da manhã, foi até onde Jiro estava, de pé, derramando água fervente sobre as folhas de chá nos potes

individuais que os aprendizes em seguida levariam para os vários quartos.

— Okada disse que pode recebê-lo, se você vier já. Jiro se endireitou.

— Minoru! — chamou.

O gordinho, que já estava no meio do pátio com um bule, se virou.

— Acabe isso para mim, por favor. Eu já volto.

Jiro atravessou o pátio correndo e depois, lembrando, parou junto à entrada da ala leste, deixou cair os tamancos e esperou descalço até que Tozo o alcançasse. Seguiu o jovem tocador de samisém pelo saguão até o camarim de Okada e ficou parado do lado de fora, mudando o peso de uma perna para a outra, enquanto o rapaz levava o chá do mestre-cantor e comunicava sua presença ao velho. Finalmente, Tozo voltou.

— Ele vai recebê-lo agora.

— Obrigado, Tozo.

— De nada.

Jiro entrou e se ajoelhou. O rosto do cego se virou imediatamente, embora Jiro não tivesse idéia de ter feito som algum.

— Ah, o filho de Hanji, não é mesmo? Entre, pequeno titeriteiro.

— Receio... — tinha de passar por todo o ritual de cortesia — receio estar interrompendo o senhor numa hora muito ocupada.

— Para questões de vida e morte eu posso me desviar um pouco de meu horário inflexível.

O recitador estava se divertindo à custa dele, mas não fazia mal. Jiro agora estava na porta. Só teria de convencer Okada da seriedade da situação. Aproximou-se, com intenção de falar mais baixo, muito embora achasse que Okada na certa ouviria um sussurro, mesmo de longe.

Era difícil saber por onde começar, mas resolveu começar com Kinshi, porque era onde estava seu coração.

— ...E ele está saindo todas as noites, ou quase todas... O velho estava tomando seu chá, mas prestando muita atenção.

— E ele lhe disse que estava tentando organizar os saqueadores da noite?

— Não com palavras tão claras — respondeu Jiro, inclinando-se para a frente. — Parece que ele acha que só mesmo alguém como Saburo teria a capacidade para fazer uma coisa dessa. Não sei exatamente o que é que ele acredita que é capaz de fazer sozinho. Mas temo que ele acabe sendo morto. Okada assentiu com a cabeça.

— Não é nada improvável. Mas se você não consegue dissuadi-lo dessas saídas, por que é que pensa que ele vai dar ouvidos a um velho cego?

Agora vinha a parte difícil. Jiro lambeu os lábios.

— Kinshi quer encontrar Saburo... — começou.

— Ele e metade do país — disse Okada sorrindo, enquanto pequenas rugas se apertavam em volta de seus olhos. — Coitado do pequeno Kinshi...

— Eu fiz um trato com ele — continuou Jiro. — Se eu conseguir arranjar um encontro dele com Saburo, para falarem sobre a ajuda aos saqueadores, ele pára de ir às ruas. Mas só me deu dois dias para tentar. Não vai esperar mais do que isso.

— Então você quer descobrir esse Saburo que ninguém encontra, para Kinshi, em apenas dois dias? — o sorriso de Okada se alargava. — Yoshida tinha razão a seu respeito. Não lhe falta espírito.

“Quando os dois mestres tinham discutido sobre sua pessoa?”, pensou Jiro. “E por quê?”

— Pode lhe faltar bom senso, completamente, por fazer um acordo desses. Mas não lhe falta espírito — prosseguiu Okada, em outra implicância brincalhona, que Jiro preferiu ignorar.

— Okada, pode ser que o que vou lhe dizer agora seja um choque. Mas eu vim procurá-lo justamente para que o senhor promova esse encontro.

Jiro fez uma pausa, para que as palavras adquirissem toda sua força, e continuou:

— O senhor está muito próximo do homem conhecido como Saburo.

O velho pousou a xícara, usando cuidadosamente a mão esquerda para guiá-la para dentro do pires de laca.

— Você vai ter de me explicar o que quer dizer com isso. Aos poucos, Jiro contou a Okada suas observações e experiências, desde que vira o chapéu de vime na casa de Yoshida até que, finalmente, encontrou a espada nos caibros do depósito. Okada ouviu calado durante todo o relato, sem qualquer mudança na expressão. Quando Jiro, sem fôlego com o que contara, finalmente terminou, ele disse baixinho:

— Você deve compreender, meu filho, que está levantando uma acusação gravíssima contra Yoshida.

— Eu sei, senhor.

— A vida dele está em suas mãos.

— Compreendo perfeitamente, senhor.

— E mesmo assim não se sente tentado a traí-lo? A recompensa é considerável...

O velho tateou o enfeite em relevo na xícara de chá:

— Você não finge ter nenhum grande amor por esse homem.

— Mas Kinshi...

— Ah, então é isso. É seu amor pelo filho que o detém.

— Eu nunca faria nada que pudesse ameaçar Kinshi. Mas tenho medo de que ele acabe atraindo uma desgraça para si mesmo. Por isso vim procurar o senhor.

Okada assentiu.

— O que você me pede não é fácil.

— Não, eu sei que não é. Okada sorriu ligeiramente.

— Você conhece o temperamento do homem, imagino.

— Sim, senhor.

— Todo cuidado é pouco para alguém se aproximar dele.

— Eu sei, senhor.

— E se ele for mesmo Saburo, é ainda muito mais perigoso do que se possa imaginar. Lembra da advertência de Saburo no teatro

aquela noite? Se ele achar que alguém pode traí-lo, pode ser que não lhe reste outra escolha a não ser silenciar essa pessoa.

Em algum lugar, lá no fundo, Jiro sentiu um aperto gelado, de medo.

— Pode ser um risco grande demais... ele pode achar que seja... confiar não apenas a própria vida, mas as vidas de todo o seu bando, a uma pessoa em quem não se pode confiar inteiramente.

— Pode ser que Yoshida se sinta assim a meu respeito — disse Jiro, engolindo em seco, para evitar que sua voz revelasse o medo que estava sentindo. — Mas não a respeito do senhor. Afinal, o senhor pode conversar com ele e lhe pedir para ajudar os saqueadores. No senhor, ele confia.

— É... ele devia confiar em mim. Eu fui o mestre dele, há muito tempo, em Takemoto, você sabia?

— Sabia. Kinshi me contou.

De repente, o velho se inclinou para a frente, com o rosto brilhando.

— Você me ajuda?

— Eu, senhor?

— É. Se eu tivesse aquele cesto... ou, melhor ainda... a espada aqui na minha mesa quando ele entrasse por essa porta...

— Claro. Assim o senhor teria logo uma vantagem sobre ele, antes mesmo de dizer uma única palavra.

Como o velho era inteligente!

— Você acha que ia funcionar?

Okada parecia uma criança, louca por aprovação.

— Acho, sim — disse Jiro, se levantando. — Vou buscá-la. Okada ficou pensativo.

— Talvez fosse melhor eu mandar Tozo. Não sabemos como o homem reagiria se pegasse você no depósito.

— Já estive lá antes. Ninguém parece reparar em mim, como não reparam em Kinshi quando ele entra lá. E eu sei exatamente onde botar a mão para pegar a espada.

— Tem certeza?

— Sim. E não tenho nenhuma responsabilidade durante os últimos atos. Vou nessa hora. Ninguém vai estar prestando atenção em mim. Não se preocupe. Tudo vai dar certo. E eu entro aqui com ela, sem ninguém me ver.

Jiro olhou em volta do quarto.

— Onde posso esconder a espada?

— Há uma pilha de almofadas à minha direita, não há?

— Mas não é larga o bastante. A ponta da espada ia sair do outro lado.

— Droga... — resmungou o velho.

— Que tal debaixo das cobertas, no armário?

— Tozo está remexendo ali e no baú a toda hora. E ia ficar muito difícil para eu achar. A cegueira não é tanto uma aflição, mas, antes, uma inconveniência danada.

Ficou um instante sentado, revendo mentalmente os possíveis esconderijos no quarto.

— Atrás dos postigos?

— E se Tozo quiser fechá-los antes que o senhor a tire de lá? Okada estalou a língua, impaciente.

— Ah, não vai demorar muito... faça isso: puxe uma das almofadas para fora, para cobrir a ponta. Vou tentar manter Tozo ocupado e longe daqui até a noite, depois que o espetáculo acabar.

— E o senhor vai falar com Yoshida hoje à noite?

— Quanto mais cedo, melhor, não acha? Jiro bateu com a cabeça na esteira.

— Nem sei como agradecê-lo, senhor.

Okada fez um gesto, afastando as palavras, e disse, bondoso:

— É por nós todos.

Jiro mal notou que os outros rapazes estavam de cara feia com ele, porque deixara as tarefas da manhã pelo meio, para que eles terminassem. Um peso enorme saíra de seus ombros. Okada cuidaria de tudo. Ele confiava.

— Você ficou sem chá — disse Kinshi. — Tentei guardar um pouco, mas os outros disseram que fizeram todo o seu trabalho, tinham direito ao seu chá.

— Parece justo — respondeu Jiro, alegremente. Kinshi franziu a testa.

— A nuvem negra em cima de sua cabeça parece que fez brotar arco-íris...

Jiro sorriu.

— Parece mesmo?

Mas a conversa não continuou, porque era hora de Kinshi ir vestir seu quimono e se preparar para o espetáculo.

No camarim principal da ala leste, o recitador cego mandara chamar Tozo. Falava numa voz completamente diferente da que Jiro

conhecia. Mas um cantor-recitador dispõe de milhares de vozes.

— Tozo, mande avisar a Yoshida que eu estou doente. Toyotake pode me substituir.

— Sim, senhor.

— E, Tozo...

— Sim?

— Mande chamar Hanji. Surgiu um problema com o filho dele.

•13•

O mestre das marionetes

Jiro pegou a chave e, com cuidado, abriu a tranca da grade. Podia ouvir a voz de Toyotake no teatro, recitando o cântico do ato. Ninguém estaria vigiando o depósito àquela hora da tarde, estavam todos ocupados. Mas instintivamente ele se virou e varreu o pátio com os olhos antes de entrar no depósito e fechar o portão. Guardou a chave na faixa da cintura e foi adiante, pelo meio da escuridão úmida, em direção à escada nos fundos do prédio. Não tinha consciência de estar nervoso, mas percebeu que estava suando e que o sangue nas têmporas pulsava dolorosamente. Subiu os degraus escuros, tateando a escada à sua frente como um gato e apertando os olhos numa tentativa de se acostumar ao escuro mais depressa.

Foi até a pequena clareira na frente do depósito, onde entrava a luz da janelinha. Chegando lá, ficou na ponta dos pés e correu a mão por cima do caibro largo para localizar a espada, mas estava mais difícil do que pensara. Finalmente, pegou um bauzinho e colocou-o em frente da janela, voltado ligeiramente para o lado do caibro central, e subiu nele para olhar. A espada não estava mais lá.

Tentou engolir seu pânico. Tinha de estar ali. Na certa estava apenas escuro demais para que ele conseguisse ver a bainha de esmalte preto. Passou as mãos estendidas de um lado para o outro do caibro central e só conseguiu ficar com as palmas muito sujas de poeira. Tinha de ser o caibro central. O resto do aposento era uma sucessão de pilhas de caixas e baús quase até o teto. Não havia a menor hipótese de que ele tivesse se enganado sobre a localização da espada. O certo é que alguém a tirara de lá.

Desceu e sentou-se no baú. Já estava quase cobrindo a cara com as mãos quando lembrou que estavam imundas. Limpou-as metodicamente no lado das calças. O que ia fazer agora? Sem a espada, Okada podia não acreditar nele. E, mesmo se acreditasse, não havia prova alguma que o ajudasse num confronto com Yoshida. Havia o cesto, mas isso fora meses antes, com um arranjo de folhagens de outono. E como a senhora Yoshida a essa altura já teria mudado o arranjo da alcova pelo menos umas duas vezes, não havia como descobrir rapidamente em que lugar estava guardado o cesto. Tempo... Ele não tinha tempo... Daí a pouco dariam por sua falta no fundo do palco. Como ia poder dar uma escapadela, mesmo de minutos, para procurar?

Mas tinha que ir. Levantou-se, botou o baú no lugar e começou a refazer o caminho em direção à escada. Esticou a mão para se firmar na escuridão e, ao fazer isso, olhou para baixo. O sangue gelou em suas veias. Pois logo ali, no final da escada, mal dando para se distinguir no escuro, vinha subindo alguém. Pela sombra, só se podia perceber que era uma pessoa que vestia um capuz de titeriteiro.

Não havia onde se esconder. Instintivamente, Jiro recuou pela passagem estreita.

O vulto encapuzado subiu os degraus. Quando chegou ao alto e se virou, Jiro pôde ver que ele carregava um boneco de um personagem masculino. As pernas e o braço esquerdo do boneco pendiam sem vida, mas a pessoa pusera as mãos no pescoço e no braço direito e manipulava a marionete de tal modo que parecia que o boneco espiava de um lado para o outro, à procura de alguma coisa ou alguém.

Jiro recuara quase até a janela quando o boneco parou e pareceu fixar seu olhar nele.

— Ah... — disse. — Aí está você. Eu estava te procurando por todo canto.

Alguma coisa naquela voz parecia muito familiar, mas, com o manto de escuridão que envolvia o titeriteiro, Jiro não conseguia escapar da impressão de que a voz vinha diretamente da cara de madeira.

— Você sabia — continuou ela — que a curiosidade pode ser uma coisa muito perigosa?

Jiro recuou, achatando-se de encontro à janela, mas o boneco continuou onde estava.

— Lembra da história da camponesa que era cortejada por um belo pretendente? Não se contentava em saber que um personagem de alta estirpe como ele se dignava a notar uma moça comum como ela. Queria saber o nome dele, quem eram seus pais nobres e onde poderia ficar a mansão de seus ancestrais.

O boneco se moveu ligeiramente, e a luz que vinha da janela incidiu sobre algo brilhante em sua mão. Jiro reconheceu imediatamente que era uma espada de marionete que, como todos

os adereços no Hanaza, era perfeita em seus mínimos detalhes, apenas um pouco menor que a original.

— A moça, como você deve lembrar, perguntou à ama como poderia conhecer a identidade do amado. E a velha lhe deu uma agulha, tão afiada como esta minha espada aqui. Era uma agulha presa a uma linha e, quando o amado partiu, a moça a prendeu na roupa dele. Depois, dando-lhe uma vantagem inicial, ela e a ama seguiram a linha, que as levou para fora da cidade, muito, muito no fundo da floresta, onde finalmente desapareceu dentro de uma caverna.

Jiro conhecia a história, mas esperou, de garganta seca, que o boneco a terminasse.

— A velha ama acendeu uma lamparina, e as duas mulheres curiosas entraram na caverna. Mas o que encontraram lá dentro foi uma enorme serpente, se contorcendo de dor, com a agulha enfiada bem fundo na garganta!

O boneco começou a se contorcer e, segurando a espada bem à sua frente, aproximou-se de Jiro numa espécie de dança aterrorizante.

— Pobre pequeno Jiro!

Essas palavras fizeram com que Jiro reconhecesse a voz.

— Por que está tão assustado, Jiro? É você que segura a agulha que vai até a carne da serpente.

— Okada? — o rapaz mal conseguia sussurrar o nome.

— Okada?

— Você queria falar com Saburo, não queria?

— Sim, mas...

A figura encapuzada se curvou, num cumprimento.

— Mas como?

— Como é que um velho cego pode ser o audaz Saburo?

— o recitador largou o boneco e tirou o capuz da cabeça. — Ah, pequeno Jiro. Você comete o mesmo erro de todos os outros. Yoshida é famoso em Osaka inteira como o mestre das marionetes. Mas sou eu quem manipula Yoshida.

Riu, com aquela gargalhada engraçada e entrecortada que o caracterizava, e continuou.

— É isso mesmo, Saburo tem muitas marionetes. A ala leste inteira lhe pertence, bem como Yoshida e mais alguns lá fora, que juraram pela própria vida que dedicariam seu sangue a sua causa. Mas Saburo é um só. Apenas eu sou o mestre das marionetes.

Jiro ficou parado, de costas para a janela estreita, mal conseguindo respirar, como se pudesse tornar-se invisível para o cego se não emitisse som algum. Mas Okada deu outro passo em sua direção, com a espada do boneco cintilando em sua mão.

— E o que devo fazer? Entro no meu depósito e encontro um camundongo roendo meu tesouro... O que é que faz o dono quando apanha um ratinho com os dentes cravados no...

Jiro não esperou que ele terminasse. Pegou o baú que estava mais próximo e o jogou entre o recitador e ele. Apanhou outro e o empilhou em cima. Depois, subindo por eles até os caibros, balançou-se lá em cima como um macaco e deslizou por cima da cabeça de Okada. Depois que o deixou para trás, pulou do caibro e empurrou mais uma porção de caixas e baús para obstruir a passagem. O cego deixara a espada cair no chão e tateava em volta, esticando os braços, desamparado, tentando encontrar um jeito de sair da armadilha onde Jiro o fizera cair.

— Jiro, eu ordeno. Espere... espere, estou dizendo. Mas Jiro já descera as escadas e saíra pelo portão de grade. Fechou-o de um só

golpe e, em seguida, meio em pânico, puxou as enormes portas de ferro e empurrou o ferrolho que as trancava. Ele, Jiro, tinha prendido o bandido Saburo atrás das portas de ferro e só conseguia pensar era naquele pobre velho de braços estendidos, pedindo que ele esperasse. Tinha de encontrar Kinshi. Kinshi saberia o que fazer.

Atravessou o pátio correndo, mas bem quando chegava à porta, alguém agarrou seu braço.

— Onde diabos você se meteu? — perguntou Mochida numa cara contorcida de raiva, em vez de seu semblante habitualmente calmo.

— Eu... eu...

— Yoshida Kinshi desapareceu e você vai ter de substituí-lo nos pés de Akoya. Okada está doente e não está podendo se apresentar. acredite... — o sorriso de Mochida era quase uma careta — o mestre está num mau humor daqueles. Tome cuidado.

O tempo todo, enquanto falava, Mochida ia vestindo Jiro com o quimono preto. Quando acabou, enfiou um capuz na cabeça dele e o empurrou para a entrada do palco, onde Yoshida e o manipulador esquerdo estavam esperando.

Jiro agarrou a bainha de Akoya entre os dedos e se curvou para ficar na posição. "Ai!" Algum deus o salvou de dar um grito em voz alta quando Yoshida lhe deu um pontapé no tornozelo com o

tamanco alto. No segundo seguinte, os três estavam deslizando para o palco atrás do boneco. A apresentação da “Tortura pelo coto” tinha começado.

•14•

A destruição

Mesmo que vivesse cem anos e se tornasse um mestre de marionetes com um teatro todo seu, ele nunca mais faria uma apresentação capaz de se comparar à daquele dia. Se sua concentração se perdesse e o deixasse se afastar por um só instante do espetáculo, ele teria sido feito em pedaços. Assim, tentou atingir o ponto máximo dessa concentração. Era como um pescador de pérolas, deixando muito para trás o mundo da luz e do ar, mergulhando em direção ao tesouro lá no fundo do mar.

Quando finalmente a cena acabou, ele arrancou o capuz e o quimono e os deixou cair no chão, nos bastidores do palco. Em

seguida, correu para a porta do beco. Ouviu alguém chamar seu nome enquanto abria o ferrolho, mas fingiu não estar ouvindo nada. Lá fora já estava escurecendo, mas o calor do verão ainda pairava no ar.

— Jiro! — era Tozo, agarrando-o pela túnica. — Aonde você vai?

— Solte. Eu tenho que ir!

Mas o rapaz, embora esbelto, era mais forte do que parecia.

— Onde está meu mestre? — exigia Tozo, e sua expressão não tinha nenhum vestígio de suavidade feminina. — Você foi o último a vê-lo, não?

— Deus do céu! — murmurou Jiro, lembrando que o velho podia estar morto naquele lugar sem ar. — Me solte que eu lhe digo.

Tozo afrouxou um pouco.

— Ele... ele está trancado no depósito.

— O que você está dizendo?

Mas Jiro deixou que ele descobrisse sozinho. Sua responsabilidade era encontrar Kinshi. E tinha de fazer isso antes que Okada tivesse uma chance de mandar alguém sair atrás dele, Jiro.

Assim que se viu longe das vistas do Hanaza, diminuiu o passo. Onde estaria Kinshi? Com os saqueadores da noite, imaginava. E os saqueadores iriam onde achassem que havia comida. A única área da cidade onde havia bastante o que comer era o bairro dos comerciantes. Não pensou em nenhum plano melhor do que ir para lá, de olhos e ouvidos atentos, em busca de algum sinal do amigo.

De repente, ouviu soar o gongo que dava alarme de incêndio. Antes mesmo da escuridão total, os problemas começavam. No quarteirão seguinte, dava para ver membros da brigada de incêndio saindo para a rua. Correu para alcançá-los e, enquanto isso, podia ouvir os gongos soando nos telhados de todos os postos de bombeiros do bairro.

Logo o ar estava cheio de fumaça e dedos de fogo subiam para o alto e furavam o céu da noite. Por cima dos gritos dos bombeiros, e mesmo do clamor dos gongos, havia uma confusão de sons de batidas, golpes e estranhos gritos inumanos, como se o inferno tivesse soltado todos os seus demônios.

Quando virou a esquina seguinte, avistou-os. Os saqueadores estavam armados com pedaços de pau e porretes; alguns com varas de bambu, outros com vassouras. Uns levavam lanternas; outros, tochas. Como uma matilha de cães raivosos, corriam de um lado para outro, destruindo tudo o que encontravam a sua frente. E se

qualquer comerciante ou bombeiro ousasse se opor a um deles, logo três ou quatro da matilha viravam-se rosando sobre o inimigo, até surrá-lo e deixá-lo sem sentidos no chão.

Jiro ficou observando um grupo que desferia machadadas e golpes de cutelo nos postigos de madeira, e depois viu uma mulher jogar uma lamparina de óleo pela abertura do postigo. Vieram gritos lá de dentro, enquanto o fogo se alastrava pelas portas de papel. Em segundos, as chamas subiram pelo telhado.

Os saqueadores davam gargalhadas no meio da noite, golpeavam o que sobrava dos postigos, corriam para dentro das chamas e saíam correndo de novo, carregados, ainda rindo e gritando uns com os outros, mostrando os objetos que pilhavam. Depois, largavam tudo na rua, e voltavam para destruir e queimar o que ainda encontrassem.

Jiro ficou parado na rua, gritando o mais alto que podia:

— Kinshi! Kin-shi!!

Era o mesmo que gritar em meio a um tufão.

Um bombeiro o agarrou pelo braço e, zangado, disse-lhe que saísse da rua. Mas ele ficou. E quando os agitadores foram adiante, ele os seguiu, tentando estar bem perto deles, mais próximo que os bombeiros ou os curiosos espantados, para ver o rosto daquela gente enlouquecida.

Gradualmente, foi percebendo que não se tratava apenas daquela rua ou daquele bando de saqueadores — a cidade inteira estava em chamas. Osaka tinha sido, durante muitos anos, uma cidade em cima de um vulcão. Agora, finalmente, os oprimidos tinham entrado em erupção e estavam decididos a destruir a cidade que os tiranizava. Jiro se afastou e andou até a rua seguinte, onde as cenas de violência e destruição cega se repetiam. A noite toda, foi de rua em rua, chamando o nome de Kinshi e tentando ver seu rosto à luz dos incêndios que pareciam varrer toda a cidade.

Quando encontrava alguém deitado nas sombras escuras das ruas, ajoelhava-se para ver se o reconhecia. Caso a pessoa estivesse com o rosto voltado para baixo, como muitas vezes ocorria, com uma mancha ensangüentada nos cabelos, ele chamava o nome suavemente — se a pessoa parecesse respirar — ou virava o corpo — se estivesse sem vida.

De manhã, o cheiro de carne queimada estava por toda parte. Jiro tropeçava de exaustão e desânimo. Mas tinha consciência de que os barulhos da noite estavam diminuindo. Naquele momento, os bombeiros estavam evidentemente agindo e pareciam atacar os incêndios sem impedimento. A polícia também estava em ação, capturando os saqueadores que tinham sido feridos: eram velhos demais, jovens demais, ou estavam muito exaustos para conseguir escapar.

Um homem usando uma capa e um chapéu de bombeiro que lhe cobria as feições inclinou a cabeça para Jiro como se estivesse lhe perguntando alguma coisa. Num sobressalto, Jiro compreendeu que o homem podia estar vindo interrogá-lo. Quando o bombeiro

começou a atravessar a rua em sua direção, Jiro virou-se e saiu correndo. Apesar do extremo cansaço, foi inundado por uma força nova e rapidamente conseguiu deixar para trás o homem que agora corria em sua perseguição. Em pouco tempo, Jiro abandonou o bairro do comércio, ainda em chamas. O instinto o conduziu pelas ruas estreitas dos artesãos e o levou, de olhos inflamados e o peito estourando de dor, até a oficina do pai. Encostou-se pesadamente na porta, sem forças para chamar.

De repente, Jiro levantou os olhos e viu que o bombeiro o seguira, mas o rapaz agora estava cansado demais para conseguir se mexer. Escorregou até as pedras do calçamento e ficou lá sentado, à espera de que o homem o prendesse. O bombeiro aproximou-se e se inclinou sobre ele.

— Eu esperava encontrá-lo aqui — disse.

Jiro olhou para cima, para o rosto do pai. Era demais. Apoiou a cabeça nos joelhos encolhidos e caiu no choro, como se fosse um bebê. Hanji abriu a porta destrancada e ajudou o filho a se levantar.

— Você estava procurando por sua mãe, não é? Embora não fosse exatamente a verdade, Jiro estava muito exausto para explicar. Fez que sim com a cabeça e entrou na casa, tropeçando atrás do pai. Hanji pegou um pequeno frasco de dentro da túnica e serviu uma tacinha de vinho de arroz para cada um. Quando a bebida clara queimou sua garganta, Jiro recuperou a voz.

— Eu não estava só procurando mamãe, mas também Yoshida Kinshi. Você o viu?

Hanji abanou a cabeça, negando.

— Okada não falou nada sobre ele, só sobre você.

— Okada?

— É... Mandou um recado, dizendo que você tinha saído e eu precisava encontrá-lo — respondeu Hanji, acabando de tomar o vinho. — Nós dois estávamos muito preocupados, é claro, por você estar nas ruas num momento desses. Até eu passar por aqui, não sabia que sua mãe também tinha saído.

— O senhor sabe por que Okada está preocupado comigo?

— Ele é um homem bom — disse Hanji, sem olhar Jiro nos olhos.

O pai era do bando de Saburo. De repente, Jiro teve certeza.

— O senhor não estava doente, estava?

Hanji não respondeu imediatamente. Levantou-se e lavou as taças. Depois, medindo as palavras com cuidado, disse:

— Sinto muito pela dor que causei a você e a sua mãe. Com seus longos dedos de artista, pegou um pano num gancho e enxugou as taças.

— Você está esse tempo todo trabalhando para ele? Hanji não ergueu os olhos.

— Somos muitos.

— O que foi que ele... — a voz de Jiro falseou, no meio da frase — ...que ele lhe disse a meu respeito?

— Que você era um rapaz muito corajoso e cheio de espírito. E que eu devia me orgulhar de você. Eu acreditei nele — acrescentou o pai, tranqüilo.

Não era uma resposta que Jiro pudesse ter esperado. Significava que Okada não contara ao pai sobre o depósito. Ou, então, o pai sabia mas não quisera falar nisso. Se Hanji jurara lealdade a Saburo... era como *O ladrão de Tokaido*, não era? O filho de Joman é aplaudido porque morre pelo pai. Hanji seria aplaudido por sacrificar o filho por amor ao mestre.

Jiro levantou-se.

— Tenho de ir embora — disse. — Ainda tenho que encontrar Kinshi... e mamãe.

— Vou com. você.

— Não, não — disse Jiro, depressa. — Por favor, não. Diga a Okada que eu volto ao teatro assim que os encontrar. Eu prometo. Eu juro que volto. E vou me submeter às determinações de Okada, sejam quais forem. Mas, primeiro, me deixem achar os dois.

O pai parecia hesitar. Depois, tirou o casaco e o chapéu de bombeiro que estava usando.

— Tome. Vista esta roupa e este chapéu — disse. — Dessa forma, pode se proteger um pouco das autoridades.

Jiro os vestiu, obediente. Depois curvou-se, um tanto empertigado, diante do pai.

— Tome cuidado — disse o pai, junto à entrada da frente.

— Você também — disse Jiro, engasgando.

Hanji observou o filho desaparecer na esquina e depois, como quem tinha prática, saiu da casa sem que fosse percebido.

•15•

Bombeiro da Brigada Namba Cho

O casaco de bombeiro estava grande demais nele. Os dedos ficavam escondidos pelas mangas, e ele não sabia se devia tentar arregaçá-las para mostrar as mãos, o que implicava ficar com os braços junto ao corpo de modo pouco natural, ou se era melhor deixar as mangas frouxas e compridas, esperando que ninguém notasse. O chapéu grande não era problema. Cobria mesmo sua cara. Nem os policiais que tinham estado no Hanaza ou os homens de Okada seriam capazes de reconhecê-lo.

Seguiu caminhando, e seu coração batia tão alto e com tanta força que no começo ele ouvia os gritos e barulhos nas ruas como algo muito distante, como as panelas que batiam umas nas outras nos fundos do palco do Hanaza. Mas as ruas de Osaka ainda estavam cheias de más intenções. Se Jiro tivesse menos coisas íntimas com que se ocupar, estaria muito mais alerta em relação a tudo o que girava à sua volta. Todos os *ronins* e maltrapilhos, mesmo aqueles que já tinham sido artesãos respeitáveis, os que sentiam fome havia muito tempo e os novos famintos, todos rastejavam sobre o corpo da cidade, decididos a destruí-la.

Jiro levava esbarrões e encontrões a cada passo. As turbas não iam numa única direção, mas empurravam de todos os lados, precipitando-se cegamente de um lado para outro como vermes num cadáver de duas semanas.

Desses, Jiro tinha muita pena! Só pensava em Kinshi... forte e puro... rindo de si mesmo e fazendo brincadeiras com os outros... Kinshi, a única pessoa realmente boa que sobrava no mundo... agora que Jiro sabia que seu próprio pai largara sua mãe para virar bandido... Kinshi, sendo esmagado, talvez morto por gente como aquela... como aquele *ronin* ali... de cara e barba imundas de fuligem, carregando rolos de seda debaixo dos braços... um assaltante, um ladrão, e com uma espada na cintura, talvez também um assassino. Como é que Kinshi podia querer ajudar um sujeito daquele?

Como se estivesse lendo os pensamentos de Jiro, o *ronin* virou-se. Fixou os olhos nele e, usando os dois rolos de seda como cotovelos de madeira, empurrou e abriu caminho pela rua até encarar o rapaz. Com uma pancada de um dos rolos, fez o chapéu de Jiro voar longe, por cima das cabeças da multidão.

— Bombeiro!

Usou a palavra como se fosse um xingamento. Depois, erguendo a perna deu um chute em Jiro e o lançou longe. As pessoas afastaram-se rapidamente, deixando que ele caísse nas pedras do calçamento. Imediatamente, um pé enorme pisou no peito de Jiro. O *ronin* se inclinou e deu um sorriso malvado.

— Apanhei outro bombeiro — disse, erguendo a voz e a cabeça.
— Ei, pessoal! Apanhei outro bombeiro.

— Com esse são quantos, mestre *ronin*!

— Quatro. Quatro desde ontem à noite. E todo mundo sabe que quatro é um número de azar, não é mesmo?

— É!

— Nunca pare no quatro, mestre *ronin*!

— Cinco é um número ideal!

— Quer que eu segure sua seda?

O *ronin* recusou a oferta.

— Não preciso de ajuda.

Mudou o rolo que trazia sob o braço direito para o esquerdo, prendendo-o com força ao lado do outro que ali já estava. Depois, parando com um pé de cada lado dos quadris de Jiro, tirou sua longa espada.

— Rápido como um frango?

Passou a lâmina de leve pelo pescoço de Jiro.

— Ou mais elegante... — passou a espada pelo peito e pela barriga de Jiro — ...como um porco ou um boi?

— Como um porco! — gritou uma voz de homem.

— Um porco! — ecoou outra voz. O *ronin* sorriu.

— Então vai ser como um porco!

Deitado ali estupefato, talvez de início por causa da queda, Jiro se sentia como no Ano Novo — aquela cena não era real, não podia ser. Mas o toque do aço frio em seu pescoço o despertou e o deixou alerta. Não estava pronto para morrer. Tinha de achar Kinshi e a mãe. Se depois Okada quisesse que ele morresse... isso estaria além de seus poderes. Mas daquele jeito, não. Enquanto o *ronin* se exibia para a multidão, Jiro aproveitou o momento para agarrar a perna direita dele com ambas as mãos e dar um pulo com toda força. E quando o grandalhão perdeu o equilíbrio, Jiro gritou:

— Peguem a seda! Vale uma fortuna!

Os dois rolos já tinham sumido no momento em que o corpo do *ronin* atingiu o calçamento. E Jiro também sumira, deixando a multidão às gargalhadas, zombando do valentão que agora não tinha mais seda nem bombeiro.

O medo deu a Jiro a força para abrir caminho entre as turbas até um beco onde encontrou um lugar para tirar o casaco de bombeiro. Era daquela maneira que o pai queria que ele morresse? Mas Jiro afastou o pensamento. Afinal de contas, o próprio pai tinha usado o casaco. Pelo jeito, dependia das circunstâncias: o casaco podia ser uma proteção ou uma ameaça. Dobrou-o cuidadosamente e o prendeu debaixo da aba da túnica.

Se conseguisse se manter pelos becos, estaria a salvo. Mas, infelizmente, muitos deles não tinham saída e acabavam de repente na lateral de um edifício ou no muro de um jardim, e Jiro tinha de dar meia volta e cair de novo nas ruas principais, onde saqueadores,

incendiários e baderneiros continuavam em seu quebra-quebra, em correntes caóticas e perigosas que se entrecruzavam.

Mas não estava ali para ficar a salvo. O que queria era encontrar Kinshi e Isako e, de alguma maneira, tinha de descobrir como fazê-lo. A luz do dia era um ponto a seu favor. Podia enxergar, como não conseguira na noite anterior. No entanto, nesta segunda onda de violência, as multidões haviam crescido em tamanho e beligerância, de modo que a busca em si era mais arriscada. Na véspera, pelo menos havia um esforço, por parte das autoridades, para tentar controlar as turbas. Desde que saíra da oficina de Hanji, no entanto, não tinha visto nenhum policial ou oficial de polícia pelas ruas. Se as pessoas estavam atacando os bombeiros, o que não fariam com a polícia? Mas, naquela mesma manhã, mais cedo, ela estava prendendo gente. Jiro foi espetado por uma agulhinha de esperança. Se Kinshi e Isako tivessem sido presos, poderiam estar salvos.

Agora que tinha um objetivo mais claro, parecia fácil abrir caminho pelas ruas. Iria diretamente à sede da polícia e pediria assistência. Afinal de contas, vestido de bombeiro, ele era um bombeiro, não era? Esperou até chegar quase ao seu destino, e vestiu o casaco de novo.

Foi cumprimentado respeitosamente por um subassistente de magistrado, um homem atarracado e agradável, que lhe disse que os bombeiros tinham sido muito corajosos na véspera e o interrogou minuciosamente sobre uma série de chamados nas vizinhanças. Felizmente, a ignorância de Jiro sobre os feitos da Brigada Namba Cho foi interpretada como modéstia, e ele foi entusiasticamente elogiado e levado até o pátio — depois da necessária aprovação do oficial de dia — para ver se conseguia encontrar seus parentes.

Mesmo sendo um local aberto, ao ar livre, o pátio fedia mais do que um estábulo. Estava apinhado de gente. Aqui e ali, um ferido estava estirado no chão sobre as pedras, mas para a maioria mal havia espaço para sentar. Quando alguém se mexia, o movimento se propagava por todo o pátio, de modo que havia sempre alguém caindo ou tropeçando sobre os outros. Jiro ficou parado com o oficial, na beirada da multidão, tentando vasculhar cada rosto.

— Está conseguindo ver algum deles? — perguntou o subassistente.

— É impossível. Tem gente demais aqui. Não dá para saber. O funcionário desapareceu dentro do prédio e voltou com um banquinho. Deu umas palmadinhas no tampo.

— Suba aqui — disse. — Pode ser que eles vejam você. Jiro subiu no banquinho. Dezenas de olhos inchados se voltaram para ele. Levou mais de um minuto para perceber que era por causa do uniforme da Namba Cho. Odiavam aquele uniforme. Tentou fazer uma cara severa e intimidá-los com o olhar.

— Jiro! Estou aqui! — o grito vinha de algum lugar no meio da multidão. — É meu filho! Veio me buscar!

Houve um murmúrio zangado, em resposta. O oficial de polícia empurrou bruscamente um bando de gente com seu bastão de ferro, abrindo caminho, e Jiro o seguiu até o lugar de onde viera o

grito de sua mãe. Bem atrás de Isako estava... sim, Jiro tinha certeza, devia ser Kinshi, apesar da atitude parecer especialmente humilde para um rapaz como ele. Era alguém de cabeça baixa, com as feições cobertas por um chapéu trançado, grande, como os que os samurais usavam para se disfarçar quando iam ao bairro dos divertimentos.

Jiro queria que seu rosto se mantivesse imperturbável.

— Os dois estão aqui — disse ao funcionário. — Meu irmão, também. Nem tenho como lhe agradecer pela gentileza.

— Não diga isso — respondeu o policial. — Depois de toda a coragem de sua brigada ontem à noite... É um prazer...

Curvou-se levemente diante de Isako e Kinshi.

— Podem sair, os dois — disse, baixinho. — Mas por favor, não agitem a multidão.

Isako esticou a mão para trás e segurou a manga esquerda de Kinshi, dizendo:

— Venha comigo.

O subassistente de magistrado mais uma vez abriu caminho pelo meio daquela floresta humana e Jiro foi guiando a mãe e Kinshi à sua frente, sem dizer nada. Estavam quase salvos, era só dar mais uns passos até o prédio da polícia, passar pelo saguão de entrada calçado de pedras, sair pela porta e chegar à rua. Podiam contornar o bairro financeiro para evitar as turbas e chegar aos portões do Hanaza antes do meio-dia.

No saguão de entrada, jiro virou-se e cumprimentou o subassistente com cortesia, fazendo uma reverência.

— Nunca vou poder lhe agradecer por sua gentileza — disse.

— Não há de quê.

— Então, obrigado. Passar bem.

— Cuide-se.

— Você também.

O tom tranqüilo da voz de Jiro contrastava com sua ansiedade gritante para sair dali o mais rápido possível. Começaram a andar para a porta.

— Ei, você aí! Da Brigada de Bombeiros Namba Cho! O assistente de magistrado quer vê-lo aqui dentro!

O corpo de Jiro gelou.

— Esperem por mim lá fora — sussurrou junto às costas de Kinshi. — Se eu não chegar logo, sigam para o Hanaza. Pelo caminho comprido, do rio.

Deixou que o conduzissem ao escritório do assistente de magistrado. Ficou contente por poder se sentar sobre os próprios pés, porque pelo menos assim podia esconder como as pernas estavam tremendo. Inclinou a cabeça até a esteira do chão e se deixou ficar nessa posição, evitando o olhar do oficial, já que o destino parecia determinado a destruí-lo. O assistente de magistrado estava sentado atrás da mesa e exibia o emblema da garça de asas abertas. Era o único oficial de polícia em toda a cidade que tinha condições de reconhecer Jiro.

— Onde está a sua brigada?

— Namba Cho, senhor — respondeu ele, sempre de cabeça baixa.

— Não, o que eu quero saber é por que não estão de plantão agora? A cidade inteira está em chamas.

— Sim, senhor.

— Pois então, onde estão?

— Não sei, senhor. Ontem à noite...

— Sim, sim, eu sei disso. Ontem à noite a Brigada Namba Cho agiu com muita coragem. Mas isso foi ontem. A coragem de ontem não justifica a crise de hoje.

— Não, senhor.

— Tome isso aqui — disse o oficial, dando umas pinceladas num papel. — Leve para seu superior.

Tentando não erguer a cabeça, Jiro engatinhou sobre a esteira até a mesa do assistente de magistrado. Levantou o braço para pegar o bilhete.

— Você é jovem demais para ser bombeiro.

— Sou, sim, senhor — disse Jiro, baixando os olhos.

— Será que eu vi você em Namba Cho antes?

— Não sei, senhor.

As batidas de seu coração iam acabar levantando poeira do chão de esteirinha, se o funcionário continuasse.

— Seu rosto me é familiar. Será que eu conheço seu pai?

— Não creio, senhor. Nós somos de patente muito baixa em Namba Cho.

— Bom, chega de perder tempo. Leve esse bilhete a seu superior imediatamente.

— Sim, senhor.

Jiro foi começando a recuar o mais rápido que podia, sem parecer mal-educado. Acrescentou:

— E muito obrigado por sua gentileza.

— Espero que tenha encontrado sua mãe sã e salva.

— Sim, graças ao senhor.

O oficial fez um gesto com a mão e o mandou embora.

Ele também estava cansado de tantas fórmulas de cortesia.

Com um último movimento, Jiro deslizou de costas para fora da sala, calçou os tamancos e foi curvado até a porta de entrada, saindo o mais rapidamente possível. Kinshi e Isako não estavam lá. Já deviam ter ido em frente. Jiro partiu, quase correndo. Poderia alcançá-los facilmente.

— Ei! Namba Cho!

O rapaz ignorou o grito do subassistente.

— Namba Cho! — repetiu o policial, que tinha corrido até junto dele e o agarrava pela manga.

— Estava me chamando? — perguntou Jiro, debilmente. O policial o olhou de modo estranho.

— Você tem uma mensagem do assistente de magistrado para o seu superior?

— Sim. Por isso é que tenho de ir logo, ele disse que era urgente.

— Você está bem? Não está cansado?

— Não, não, estou bem... Como podia se livrar do homem?

— Desculpe, mas estou com pressa...

O policial o segurou pelos dois braços e o fez dar meia-volta, dizendo:

— Namba Cho fica para o outro lado.

— Eu sei... — disse Jiro, tentando fingir uma risadinha — ...mas estou tentando desviar da multidão.

— Sabe de uma coisa, filho? Eu vou com você — disse o policial, dando uns tapinhas na espada. — Não é seguro andar por aí, sabe?

Debaixo de seu casaco de bombeiro, Jiro sentia as gotas de suor escorrendo pelos braços. Começaram a andar em direção ao posto da brigada de incêndio de Namba Cho.

— Você teve muita sorte de encontrar sua mãe e seu irmão, não teve?

— Graças a vocês — murmurou Jiro.

— Não, não, foi pura sorte. Você tem idéia de quantas pessoas foram pisoteadas até morrer em Namba Cho? Para não falar nas que foram assadas vivas.

Era um homem agradável, e ia conversando de um jeito simpático enquanto andavam. Jiro tentava conversar, mas seu cérebro trabalhava freneticamente, procurando um jeito de fugir.

— Desculpe, o que disse?

— Quantos de vocês trabalham em Namba Cho?

— Menos do que o necessário. O policial riu.

— Nunca há bastante, hein?

Já estavam a vários quarteirões de distância da sede da polícia e, a essa altura, a multidão começava de novo a ficar mais densa. O

policial apoiou a mão no cabo de sua espada comprida e, embora continuasse a bater papo, seus olhos estavam alertas, vasculhando as pessoas à sua frente. Disse alguma coisa a Jiro com o canto da boca, mas o rapaz não conseguiu decifrar.

— Desculpe, não entendi.

— Não mostre que tem medo — repetiu o policial, segurando as palavras atrás dos dentes. — Eles são como cachorro. Sentem o cheiro quando a gente tem medo.

Jiro concordou. Mais uns quatro ou cinco quarteirões, no máximo, e chegariam à brigada dos bombeiros. Antes disso ia ter de escapar.

— Estamos quase chegando — disse. — Obrigado por sua ajuda. Posso ir sozinho agora.

— Tenho ordens... — disse o policial apontando com o nariz em direção ao céu — ... superiores.

Será que o assistente de magistrado desconfiara de Jiro?

— Veja, estão cercando o posto dos bombeiros!

Pela primeira vez a voz do policial mostrava ansiedade. Jiro podia ver uma fila de maltrapilhos se formando em volta do posto. Não sabia se ficava aliviado ou com mais medo.

— Vamos em frente e abrir caminho. Esses esfarrapados se acovardam à toa.

O oficial recuperara o controle.

Jiro assentiu com a cabeça, pensando em como poderia embarafustar-se pela multidão e se perder no meio dela. E se aproximavam do posto de bombeiros, cada vez mais perto.

— Tente atravessar aquela linha e chegar ao outro lado. Eles conhecem você e vão deixá-lo entrar.

— E você?

— É o que nós vamos ver!

Era um homem corajoso. Não seria bom tê-lo como inimigo.

— Quando eu der o sinal, corra. Posso mantê-los ocupados por alguns minutos. Isso lhe dará algum tempo.

Mas, de repente, a linha de saqueadores se apertou, como se alguém tivesse puxado uma corda escondida. E eles se mexeram, cercando Jiro e o policial num círculo cada vez mais apertado.

O homem puxou a espada.

— Corra! — gritou, mas era tarde.

Alguém já tinha agarrado o rapaz por trás e tapado sua boca, enquanto do outro lado do círculo uma corrente foi lançada, como um chicote, e arrancou a espada do policial, jogando-a com estrondo nas pedras do calçamento.

O braço que segurava Jiro puxou forte sua cabeça para trás, até que outro rosto se curvou ofegante sobre o dele.

— Sua promessa! — foram as palavras que Jiro ouviu o pai dizer antes de retirá-lo do círculo.

Enquanto corria para o rio, Jiro tirou o casaco de bombeiro. Não se preocupava mais em parecer suspeito ou não. Só queria uma coisa — ver Kinshi de novo — antes de se entregar a Okada, como prometera ao pai. Seus tamancos batiam no calçamento. Se corresse, ainda havia alguma esperança de alcançar Kinshi e a mãe antes que chegassem ao Hanaza. Nada mais importava depois disso.

Quando finalmente chegou à rua ao lado do rio, viu os dois caminhando devagar, a cabeça alta do amigo curvada sobre o vulto pequenino de Isako.

Começou a gritar enquanto corria:

— Kinshi! Mãe! Kinshi!

Estava correndo tanto, que teve de agarrar a manga de Kinshi para parar.

— Kinshi!

— Não o agarre desse modo! — gritou Isako.

Jiro olhou a manga que estava segurando. O braço que saía de dentro dela terminava de repente, num cotoco mal enrolado.

— Kinshi! O que aconteceu com sua mão?

— Ora! — respondeu o outro, fingindo espanto. Olhando primeiro para o toco de braço, Kinshi lançou depois a cabeça para a frente, imitando os gestos exagerados de um boneco, como se

estivesse procurando a parte do membro que faltava. Olhou para a frente, para trás, para os dois lados. Colocou a mão esquerda, inteira, no ombro de Jiro e olhou bem para ela. Finalmente, sacudiu a cabeça e, exatamente no mesmo tom gozador que usava para brincar no camarim dos rapazes no Hanaza, disse:

— Devo ter deixado essa coisa em algum lugar que não devia.

•16•

Dívidas de honra

Enquanto Jiro e a mãe caminhavam lado a lado, levando Kinshi de volta ao Hanaza, Isako foi se obrigando a contar a história, entre soluços.

— Eu levei seu pai para o campo... você soube disso? Jiro fez que sim.

— Ele me disse que estava doente dos pulmões. Eu acreditei. Como não ia acreditar? Ele sempre tinha sido um homem honesto, não tinha? Alguma vez você duvidou do que ele dizia?

— Não.

— Ele me mandou voltar para Osaka. Então, eu obedeci. Era uma coisa sensata. Mesmo os camponeses estão com pouca comida, você sabe. Tudo o que produzem vai para o daimio ou para o coletor de impostos. É criminoso. Por que é que os filhos dos camponeses devem morrer de fome enquanto os comerciantes de arroz engordam desse jeito? Por quê? Por quê?

Jiro abanou a cabeça.

— Não sei. Não está certo.

— Não está certo? É um crime! Isso é que é. Eles não tinham comida para mim. Eu não queria sair de perto de seu pai. Achava que ele estivesse doente. Mas ele insistiu. Foi por isso que voltei. Eu ia dar um jeito, tinha que dar certo. Mas um dia, no começo da primavera, eu o vi.

— Viu quem?

— Seu pai! Gordo como quem vive nos banquetes, caminhando pela Dotombori. Dando risada e conversando com um bando de gente da rua, muito diferente de nós. Eu o chamei, e tenho certeza de que ele ouviu, mas fez de conta que não tinha ouvido. Continuou andando pela rua, de nariz em pé. Eu devia ter corrido atrás dele. Era isso que eu devia ter feito. Devia tê-lo agarrado e feito voltar para casa. Eu estava morrendo de fome, e ele estava rindo e feliz. Depois disso, eu... acho que fiquei meio maluca.

Deixou pender a cabeça.

— Você viu. Estou envergonhada.

— Não, mãe. Não precisa ter vergonha. Nós dois deixamos você sozinha. Que mais você podia fazer?

— Se não fosse por este rapaz... — disse ela, pondo a mão no ombro de Kinshi e começando a chorar de novo.

— Deixe disso, mãezinha — respondeu Kinshi. — Nós cancelamos nossas dívidas.

— Não, Jiro, não acredite nele. Ninguém nunca vai saber o que eu devo a esse rapaz. Taro foi ao Hanaza falar com você, mas foi Kinshi quem veio me procurar, e me levar para casa em segurança. Eu estava com *eles*.

— Eu sei.

— Sinto tanta vergonha...

— Eu entendo. Entendo mesmo.

— Mas o que você não entende é o que aconteceu... o sacrifício...

A voz de Isako falhou. Ela não conseguia continuar.

— Sua mãe tem o mesmo defeito de muitas mulheres, Jiro. É uma sentimental incurável. Não foi minha magnanimidade que causou isso, mas minha estupidez — disse Kinshi, erguendo o braço e fazendo a manga cair para trás, mostrando as ataduras.

— Não, não. Ele vinha atrás de mim. Eu estava invadindo a casa de Tsubu, o comerciante de arroz... você conhece a firma deles... Kinshi me chamou, mas eu não quis voltar.

Enquanto falava, ela sacudia a cabeça, como se não acreditasse nas próprias ações.

— Eu estava enlouquecida, decidida a roubar um pouco de arroz. Ou, pelo menos, a destruir aquele animal do Tsubu, para ele

nunca mais engordar à custa de crianças morrendo de fome. Dá para entender?

— Mas — interrompeu Kinshi — você tem que imaginar a cena toda, Jiro. Você sabe como eu sou um cabeça-de-vento. Entrei correndo na casa, bancando o herói, querendo ser o cavaleiro andante, com o sangue de meus ancestrais guerreiros fervendo em minhas nobres veias. Nem vi o policial. E não preciso dizer que ele nem esperou que fôssemos apresentados formalmente...

— Ele cortou fora a mão de Kinshi! — gemeu Isako, numa voz carregada de horror.

— Ele achou que eu era um ladrão, mãezinha. E quem garante que não era? Dali a uns cinco minutos, provavelmente seria. Ele só foi apressado demais com seu ato de justiça, apenas isso.

— Ele foi um monstro!

— Sabe o que fiz em seguida? — prosseguiu Kinshi, e nem esperou que uma resposta viesse do rosto paralisado de Jiro. — Desmaiei ali mesmo... feito uma mulher doente. Ah, os espíritos de meus antepassados devem estar rubros de vergonha até agora.

Jiro cobriu os olhos com a mão, como se quisesse eliminar a visão da cena insuportável que estava sendo evocada em seu cérebro pela voz zombeteira de Kinshi.

— E foi então que a pobre Isako veio em meu socorro.

— Kinshi...

— Ao que parece, ela entrou decidida na casa de Tsubu e, como se fosse um magistrado, exigiu que lhe dessem carvões quentes para deter o sangue. Quando finalmente recobrei os poucos sentidos que ainda parecia ter, ela tinha queimado o ferimento como se fosse um médico de verdade, e o enfaixara com um pedaço rasgado de sua própria roupa de baixo. E como era evidente que todos nós íamos mesmo ser presos, ela ordenou que dois dos saqueadores infelizes me carregassem até a chefatura de polícia e acabou convencendo um policial a tirar seu próprio casaco acolchoado para me cobrir.

Sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Uma mulher notável. Se não fosse por ela, eu agora estaria morto!

Kinshi fez um gesto com a cabeça em direção ao que restava de seu braço direito.

— Apenas fui poupado para sempre da provação de manipular os pés das marionetes de meu pai.

— Ah, Kinshi... — O nome saiu em meio a soluços.

— Pare... O garotinho tolo se preocupa demais comigo. Yoshida Kinshi, filho de uma linhagem de samurais, que palitam os dentes quando estão com fome e cospem, com desprezo, no rosto selvagem da dor.

Finalmente dentro dos portões do Hanaza, Jiro assumiu as rédeas da situação. Até que Okada mandasse chamá-lo, ia fazer pelo amigo tudo aquilo que estivesse ao seu alcance. Mandou Teiji buscar a senhora Yoshida em casa, enquanto Minoru ia buscar Mochida. Wada, que lhe obedecia como se Jiro fosse o mais velho, foi providenciar as folhas molhadas de chá frio e os panos para trocar as ataduras, além de vinho para aliviar a dor. Isako ajudou Jiro a acomodar Kinshi em suas cobertas.

Kinshi receberia os cuidados necessários, e até mesmo mais, com Isako e a senhora Yoshida paparicando e cacarejando em volta. Então, Jiro foi até o camarim de Yoshida.

— Perdoe-me por interrompê-lo — disse, baixinho, da porta.

Não houve resposta. Jiro meteu a cabeça no quarto. Yoshida estava sentado diante de sua mesa, com as pernas cruzadas, e a cabeça nas mãos.

— Mestre?

O titeriteiro enxugou os olhos na manga.

— Mochida já me contou — disse, tristemente. — Mandei buscar um médico.

— Se ele não tivesse ido atrás de minha mãe... — Jiro pigarreou.
— É minha culpa se...

— Não — disse Yoshida. — É a natureza dele. Ele sempre desperdiçou seu espírito, do jeito que um filho gastador desperdiça a riqueza do pai.

Engasgou na palavra *pai*. Varreu o ar com o braço, por cima da mesa, num gesto desamparado.

— Eu... eu lutei por ele, com as únicas armas que conheço. Com disciplina, quem sabe até onde ele poderia ter...

O titeriteiro balançava a cabeça, como se quisesse sacudir para longe algo que estivesse pendurado nela.

— Mas não consegui protegê-lo de si mesmo — concluiu, ficando quieto.

Jiro permaneceu sentado em silêncio. Como podia consolar um homem como Yoshida? A medida de seu desespero era ter aberto o coração para um aprendiz. O rapaz manteve os olhos baixos, para não ver a dor do mestre das marionetes.

— Okada sabe que você está aqui?

Yoshida quebrou o silêncio com a pergunta abrupta.

— O senhor sabe o que houve entre nós?

— Sou os olhos de Okada. É necessário que eu saiba essas coisas.

— Ele vai me matar?

Era uma simples pergunta. O terror que sentira na escuridão do depósito tinha desaparecido.

Yoshida o estudou por um momento.

— Por que você acha que ele quer matá-lo?

— Ontem no depósito... não sei. Talvez só estivesse querendo me assustar.

— Talvez estivesse querendo testar você. Sabia que você não me trairia, por causa de sua lealdade a Kinshi. Mas Kinshi não é filho de Okada. Ele tinha que saber se você também não o trairia. Talvez tenha imaginado uma prova...

— Mas eu corri.

— Fez mal em correr.

— E eu... eu o humilhei. Não queria fazer isso. Mas estava apavorado, e não pensei.

— Agora que pensou, você nos trairia? — perguntou Yoshida, baixinho.

Pela primeira vez na vida, Jiro olhou deliberadamente para o rosto de Yoshida. Seus olhos se encontraram como duas pedras-de-fogo, batendo uma contra a outra e soltando faíscas.

— Por mim mesmo, nunca — disse Jiro. — Mas Okada levou meu pai. E minha mãe ficou sozinha para morrer de fome.

Yoshida foi o primeiro a baixar os olhos.

— Às vezes um homem tem que pagar um alto preço para manter seu juramento. Mas sua mãe pode ficar no Hanaza até que... até que não seja mais necessário manter este segredo. Pelo menos isso eu posso prometer.

— E Yoshida Kinshi?...

— O que tem Yoshida Kinshi?

— Se o senhor e meu pai juraram lealdade a Okada, precisam entender que minha lealdade é apenas com Kinshi. O segredo de homem nenhum... ou a segurança de homem nenhum... vale mais para mim do que a dele. Mas eu não traí o segredo de Okada, e estou disposto a me submeter a qualquer coisa que ele decida para mim, desde que Kinshi não sofra. Posso imaginar o quanto ofendi a honra de Okada — acrescentou Jiro em voz baixa — e me arrependo muito.

Mais uma vez o homem e o rapaz se olharam nos olhos. Depois, Jiro perguntou:

— Posso ir? Preciso ver como está Kinshi.

— Sim — foi tudo o que o outro respondeu.

Apesar dos protestos das mulheres, Kinshi estava recostado, regalando os outros rapazes com uma versão cômica de suas aventuras na noite como “candidato a saqueador”.

— Toda noite, quando eu saía, esbarrava direto no assistente de polícia. Na primeira noite, fiquei apavorado... aqueles cassetetes são muito mais duros do que estas varas de bambu com que eu estou acostumado, que se tornaram verdadeiros palitinhos de dentes. Depois, lembrei que eu não tinha feito nada de errado ainda, e que bastava me mostrar excessivamente bem-educado... Com esses caras, ninguém nunca é suficientemente educado. A patente deles é tão baixa... Achei que eles deviam estar muito carentes de um pouco de respeito. Por isso, com meus modos mais educados — acho que para quem olhasse de fora eu devia parecer a terceira concubina de um funcionário menor da corte, conversando com o imperador — perguntei sobre sua saúde. Foi um toque de gênio, porque acabou acontecendo que nosso policialzinho estava com tosse e ninguém tinha reparado, nem mesmo a tolinha de sua esposa. O desgraçado ficou tão grato com minha preocupação, que foi até comovente. Na noite seguinte, eu o avistei de novo e me aproximei especialmente para perguntar se estava melhor da tosse. Não estava. E mais uma vez ficou tão óbvio que minha consideração o ganhara, que acabei indo atrás dele, procurando-o, sempre quando não o encontrava por acaso. E posso garantir que valeu a pena. Ontem à noite, quando eu procurava desesperadamente pela minha amiga Isako, em plena escuridão, esbarrei num policial que estava prendendo todo mundo que passava na sua frente. Fiquei assustadíssimo, até que o ouvi tossir. “Ah”, disse eu, “coitado. Eu estava à sua procura por toda parte. Você tem que sair do sereno. Se não, vai acabar morrendo.” Vocês nem acreditam! Ele me abraçou

e desatou a chorar. Mal consegui me desvencilhar dele para continuar com minhas travessuras...

— Desculpe interrompê-lo, Yoshida Kinshi... Soube que você queria me ver.

Jiro levantou os olhos assustado. Tivera a esperança de ter um pouco mais de tempo.

— Ah, Okada. Desculpe minha grosseria imperdoável, mas estas mulheres aqui não permitem que eu atravesse o pátio para ir até seu camarim. Parece que sou uma vítima do amor materno.

O recitador riu, com sua gargalhada engraçada e entre — cortada. O corpo de Jiro enrijeceu, ouvindo aquele som. Pensava que seu medo se acabara, mas tudo indicava que não, estava só descansando, bem enrascado em algum canto esquecido da mente.

Guiado por Tozo, o velho veio até as cobertas e se ajoelhou. Apalpou o cobertor.

— Você é que é preguiçoso, ficando aí metido nas cobertas pelo meio do dia. Será que Yoshida não mantém um mínimo de disciplina na ala oeste?

Jiro podia ver Yoshida de pé junto à porta, mas Kinshi não parecia notar a presença do pai. E se Okada percebeu, não deu o menor sinal.

— Estamos num estado lamentável aqui, Okada. Estou pensando seriamente em pedir que você me aceite na ala leste. Do jeito que estão as coisas, eu não vou chegar muito longe se ficar por aqui.

— Eu mesmo vou falar com Yoshida sobre isso, mas preciso de um tempo. Você conhece o temperamento do homem. Com ele, todo cuidado é pouco.

Yoshida tossiu.

— Yoshida — disse Okada —, entre. Este tolo do seu filho nunca está satisfeito. Está implorando para que eu o leve à ala leste. O que é que devo fazer?

— Se você quer um potro de maus bofes que... — Yoshida pigarreou, limpando a garganta — ...que já provou não aceitar rédeas de um cavaleiro experimentado, sirva-se à vontade...

— Além disso — disse Kinshi brincalhão —, que cavaleiro vai querer perder tempo com uma montaria de três pernas?

O mestre das marionetes lutou para controlar os músculos do rosto.

— Exatamente — disse, sério. — Essa criatura não me serve para nada. Leve-o, com meus agradecimentos.

— Se eu o levar e o transformar em algo que valha a pena, você vai se arrepender de tê-lo entregue assim tão barato, e vai querer que eu pague.

— Não... — a voz agora recuperara seu tom zangado habitual. — Não mesmo. É seu, se você quiser.

— Tenho em minha conta um rapazinho de que eu adoraria me livrar... — continuou Okada, apontando com a cabeça para Jiro, de um jeito que fez o rapaz compreender que o tempo todo o cego sabia que ele estava ali. — Uma história complicada, mas não vale a pena entrar em detalhes agora. Enfim, vou lhe dar Jiro, o filho de Hanji, em troca de Yoshida Kinshi. Você nunca mais reivindica esta coisa selvagem, e eu esqueço a dívida do outro. Estamos de acordo?

— Não! — gritou Isako. — Parem com essa conversa ridícula, seus dois desarmados. Não sei o que o pai dele pode ter dito, mas Jiro é *meu* filho. E não vou permitir que vocês fiquem discutindo sobre esses rapazes como se eles fossem dois repolhos.

— Tudo bem, mãe...

Toda a rigidez do corpo de Jiro foi começando a relaxar. Entregou-se ao alívio como um homem entrega seus membros cansados às águas fumegantes de uma banheira. Repetiu:

— Tudo bem, de verdade. Não se preocupe. No Hanaza ninguém nunca fala do jeito que as pessoas comuns como você e eu entendemos. Mas não há mal algum.

— Deixe que ela se preocupe — disse Kinshi, esticando o braço esquerdo sobre a coberta, para acariciar a mão de Isako. — Deixe que ela se preocupe... Ela merece um pouco de felicidade.

¹ **samurai:** "Servidor do imperador"; guerreiro japonês, membro da casa militar, a serviço de um daimio.

² **xogum:** No Japão, até meados do séc. XIX, chefe militar com poderes não raro superiores ao do imperador.

³ **daimio:** Designação comum aos príncipes feudais japoneses, que perderam seus privilégios na revolução de 1868.

⁴ **titeriteiro:** Manipulador de títeres, bonecos de marionete.

⁵ **bonequeiro:** Na linguagem teatral, titeriteiro.

⁶ **ryo:** Antiga unidade monetária japonesa.

⁷ **samisém:** Instrumento musical japonês formado de pequena caixa de ressonância, quadrangular, com as duas superfícies recobertas de pele de gato e sobre cujo braço, longo e fino, se esticam três cordas que vibram por meio de uma grande palheta de marfim.

⁸ **coto:** Instrumento musical japonês constituído de uma longa caixa de ressonância levemente abaulada e por 13 cordas de seda. O coto, apoiado no chão, na horizontal, é tocado com o músico ajoelhado e suas cordas são percutidas como se fossem as de uma harpa.

⁹ **kokyu:** Instrumento musical japonês semelhante ao samisém, tocado, porém, com arco como se fosse um violino.

¹⁰ **hibachi:** Braseiro.

¹¹ **banzai:** Grito de viva!